

FACULDADE PAULUS DE TECNOLOGIA E COMUNICAÇÃO

JULIANA SALLES DE SOUZA

**JORNALISMO DE QUEBRADA E AS REPRESENTAÇÕES DAS
PERIFERIAS PAULISTANAS**

São Paulo

2015

FACULDADE PAULUS DE TECNOLOGIA E COMUNICAÇÃO

JULIANA SALLES DE SOUZA

**JORNALISMO DE QUEBRADA E AS REPRESENTAÇÕES DAS
PERIFERIAS PAULISTANAS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Banca Avaliadora da FAPCOM - Faculdade Paulus de Tecnologia e Comunicação, como exigência parcial para a obtenção do título de bacharel em Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo, sob orientação da Prof. Dra. Lilian Crepaldi de Oliveira Ayala.

São Paulo

2015

Souza, Juliana Salles de

Jornalismo de Quebrada e as Representações das Periferias Paulistas/ Juliana Salles de Souza – 2015.

167 f.: il.; 30 cm.

Trabalho de Conclusão de Curso – Faculdade Paulus de Tecnologia e Comunicação, São Paulo, 2015.

"Orientação: Prof. Dra. Lilian Crepaldi de Oliveira Ayala ".

I. Souza, Juliana Salles de, II. Título

JULIANA SALLES DE SOUZA

**JORNALISMO DE QUEBRADA E AS
REPRESENTAÇÕES DAS PERIFERIAS
PAULISTANAS**

Trabalho de Conclusão do Curso apresentado à Banca Avaliadora da FAPCOM – Faculdade Paulus de Tecnologia e Comunicação, como exigência parcial para a obtenção do título de bacharel em Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo, sob orientação do Prof.Dra. Lilian Crepaldi de Oliveira Ayala.

Local e data de aprovação

São Paulo, (dia) de (mês) de (ano).

Aos meus antepassados, em especial a meu avô materno Raimundo e minha avó
paterna Teresa

AGRADECIMENTOS

A Deus, por tudo, mas, em especial, pela vida.

A meus antepassados, pelo ontem, pelo hoje e pelo sempre.

A Rosana, minha mãe, irmã, amiga e alicerce, que me ajudou psicologicamente em cada momento deste trabalho e da vida.

A minha maravilhosa orientadora, Lilian Crepaldi, pelas orientações, preocupação e paciência.

Aproveito o espaço para agradecer também:

A minha avó Ilma;

A minha família;

Ao MEC, pela concessão da bolsa pelo ProUni;

A FAPCOM;

Ao coordenador de Jornalismo, Prof. Dr. Gustavo Rick Amaral;

Aos professores da FAPCOM;

A classe, que faz parte do meu cotidiano desde 2012;

Aos integrantes do Movimento Volta Azulzinho e da Pastoral da Comunicação da Paróquia São José Operário, lembrando de modo especial Mariana Al Zaher;

As crianças que frequentam a catequese na Comunidade Santa Teresa D'Ávila;

A Victória Grimello, melhor amiga e eterna confidente;

Aos meus amigos e apoiadores;

Aos meus gatinhos de estimação, Honey e Pacato

As dificuldades que enfrentei em 2015, as quais demonstraram minha força interior.

“Quem enxerga na manifestação do cotidiano a complexidade dos problemas da vida não rejeitará a emoção da lágrima ou da alegria, nem deve fazê-lo, mas vai além disso. Tira as próprias vendas, para ver melhor. E mergulha na realidade, faz a chamada investigação jornalística. Para dar voz e discurso a novos protagonistas.” (Manuel Chaparro)

RESUMO

SOUZA, Juliana Salles de. **Jornalismo de quebrada e as representações das periferias paulistanas**. São Paulo, 2015. 167 f. (Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade Paulus de Tecnologia e Comunicação, para a obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo).

A pesquisa “Jornalismo de quebrada e as representações das periferias paulistanas” consiste em um estudo de caso sobre o coletivo de comunicação *Periferia em Movimento* e tem como objetivo geral verificar, sob o ponto de vista comunicacional e, especificamente, jornalístico, de que maneira o veículo constrói representações das periferias paulistanas. O universo da pesquisa (corpus) é composto por 24 textos da série jornalística *À margem da margem*, publicados no site do coletivo entre janeiro e maio de 2014. Para atingir os propósitos da pesquisa, o universo de pesquisa (corpus) será explorado por meio da Análise Crítica de Discurso (ACD) proposta por Norman Fairclough. A pesquisa é essencialmente qualitativa, de caráter exploratório e trabalha com fontes de natureza bibliográfica, documental e de campo. O estudo tem como objetivos específicos explicitar as características do jornalismo de quebrada, verificar quais são os encontros teórico-práticos entre Estudos Culturais, Geografias da Comunicação e Comunicação em rede no âmbito desse modelo jornalístico e verificar de que maneira o *slogan* do coletivo (“jornalismo sobre, para e a partir das periferias”) reflete-se no conteúdo editorial de *À margem da margem*. Conclui-se que o *Periferia em Movimento* representa as periferias paulistanas por meio de temas correlatos à cultura e identidade periféricas e diversificação de lugares retratados. Em relação às ferramentas jornalísticas, o coletivo utiliza, predominantemente, fontes primárias, independentes e testemunhas. De modo geral, os valores-notícia considerados pelos jornalistas correspondem aos critérios teorizados por Mauro Wolf e Nelson Traquina. Verifica-se ainda que o jornalismo de quebrada é um modelo simultaneamente combativo e emancipatório que acontece no mapa teórico compreendido pela Sociedade em Rede e composto pelas latitudes dos Estudos Culturais, longitudes das Geografias da Comunicação.

Palavras-chave: jornalismo de quebrada; representações; Periferia em Movimento; Estudos Culturais; Geografia da Comunicação

ABSTRACT

SOUZA, Juliana Salles. **“Quebrada” journalism and representations of São Paulo suburbs**. São Paulo, 2015. 167 f. (Term paper presented to the Faculdade Paulus de Tecnologia e Comunicação, to obtain a Bachelor degree in Social Communication with specialization in Journalism).

The research “*‘Quebrada’ journalism and representations of São Paulo suburbs*” is a case study on the communications group Periferia em Movimento and its main objective is to verify, using the communication point of view and, specifically, journalistic, how the vehicle builds representations of São Paulo suburbs. The research scope (corpus) consists of 24 journalistic stories in the news series *À margem da margem*, published on the website between January and May 2014. To achieve the research purpose, the research scope (corpus) will be explored through Discourse Critical Analysis proposed by Norman Fairclough. The research is essentially qualitative, exploratory and has used bibliographical, documentary and field sources. The study has also the following objectives: to explain the “quebrada” journalism features, to check what are the theoretical and practical interconnections between Cultural Studies, Geographies of Communication and Network Society under this journalistic model and see how the slogan of the group (“journalism about, to and from the suburbs”) is reflected in the editorial content of the series *À margem da margem*. We conclude that Periferia em Movimento represents the São Paulo suburbs through related topics to peripheral culture and identity and the diversification of adressed places. Regarding the journalistic tools, the group uses predominantly primary sources, independent and witnesses. Overall, the news values considered by journalists meet the criteria theorized by Mauro Wolf and Nelson Traquina. It is also possible to note that the “quebrada” journalism is both combative and emancipatory model which occur in the theoretical map understood by the Network Society and composed of the Cultural Studies latitudes, Geographies of Communication longitudes.

Keywords: Quebrada journalism; representations; Periferia em Movimento; Cultural Studies; Geographies of Communication.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Proposta metodológica para o estudo do jornalismo

Figura 2 – Parte superior do site periferiaemmovimento.com.br

Figura 3 - Parte intermediária do site periferiaemmovimento.com.br

Figura 4 - Parte inferior do site periferiaemmovimento.com.br

Figura 5 – Publicação na página do Periferia em Movimento no Facebook

Figura 6 – Exemplo de repercussão das prévias da série *À margem da margem*

Figura 7 – Publicação no Facebook do Periferia em Movimento contrária à simplificação da vida nas periferias

Figura 8 – Banner de divulgação da série *À margem da margem*

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Mapa noturno de Jesús Martín-Barbero

Quadro 2 – Editorias do site periferiaemmovimento.com.br

Quadro 3 – Distribuição do apoio financeiro dado ao projeto *À margem da margem* no Benfeitoria

Quadro 4 – Textos publicados na série *À margem da margem*

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	14
2 MAPAS TEÓRICOS DA COMUNICAÇÃO E DA CULTURA NA AMÉRICA LATINA	18
2.1 Comunicações, interculturalidades e mediações	18
2.1.1 O nascimento de uma não-disciplina	18
2.1.2 Culturas: entre o <i>multi</i> e o <i>inter</i>	18
2.1.3 Dominantes e dominados	23
2.1.4 Mediações e os processos sociais da comunicação	25
2.2 Jornalismo, representações e imaginários	27
2.3 Do alternativo ao comunitário: nomenclaturas, reelaborações e hibridismos	32
2.3.1 Comunicação comunitária	36
2.3.2 Dimensões comunicacionais populares	39
2.3.3 Além do alternativo, comunitário e popular: o radical	41
2.3.4 Jornalismo participativo	44
2.3.5 Jornalismo cidadão	45
2.3.6 Jornalismo e ação cultural pela emancipação	47
2.3.7 Sistematizações	48
2.4 Jornalismo de quebrada	50
3 Geografias do jornalismo de quebrada: cartografias, dicotomias e redes	59
3.1 Geografias e comunicações: diálogos possíveis	59
3.1.1 Quebra-cabeças urbanos	61
3.2 Sociedade em rede: entre o local e o global	67
3.3 Redes de Geografias Comunicacionais e Culturais	71
3.3.1 Latitude e longitude: pontos entre coordenadas	71
3.3.2 Coordenadas e redes: (des) encontros teóricos no cenário urbano	73
3.3.2.1 Dos lugares às identidades	73
3.3.2.2 Sociedade em rede e os espaços “des-” e “trans-”	75
3.3.2.3 Pertencimentos e usos sociais da tecnologia na sociedade em rede	76
3.4 Intersecções na prática: o Periferia em Movimento	77
3.4.1 Usos sociais da tecnologia no jornalismo de quebrada	77
3.4.2 Busca por identidades	80
3.4.2.1 Tecnicidades da organização editorial	80
3.4.2.2 Compartilhamento de vivências	85

3.4.2.3 Financiamento coletivo e conflitos éticos	87
3.4.2.4 Viabilizações e ascensões: o financiamento público e coletivo de cultura na cidade de São Paulo	89
3.4.3 Mapa-mundi: as “bordas” também têm história”	93
4 À margem da margem: o jornalismo de quebrada em prática	102
4.1 ACD: discursos e mediações ideológicas	102
4.2 Ferramentas	104
4.3 O corpus	105
4.4 Análises	108
5 Considerações finais	154
6 Referências bibliográficas	160

1. INTRODUÇÃO

Dentro do meio jornalístico, editorias e modelos variados diversificam angulações, tipos de fontes, formatos e objetivos. Apesar das convergências e da solidariedade editorial, a comunicação, cujo posicionamento político-ideológico apresenta-se como alternativa ao *status quo*, também possui diferenciações. Em geral, denominações como “popular”, “alternativo” e “comunitário” são utilizadas como sinônimos para designar produtos comunicacionais com caráter contra-hegemônico. Por meio de pesquisas acadêmicas, verifica-se a existência de oscilações conceituais entre os termos. Observa-se ainda o surgimento de novos conceitos, para abarcar novas práticas comunicacionais e jornalísticas.

Nesse sentido, a pesquisa “Jornalismo de Quebrada e as Representações das Periferias Paulistanas” consiste em um estudo de caso sobre o coletivo de comunicação *Periferia em Movimento*. Criado a partir de um projeto experimental de conclusão de curso em 2009, o grupo manteve um blog até o início de 2015. Em fevereiro, o espaço digital do coletivo foi transformado em um website, com novas editorias e conteúdos.

Nos cursos de formação e extensão universitária dados pelo coletivo, passou-se a utilizar o termo **jornalismo de quebrada** para designar o lema “sobre, para e a partir das periferias”. A expressão possui uma especificidade geográfico-espacial ligada aos propósitos do *Periferia em Movimento*: o vocábulo “quebrada” consiste em uma gíria paulistana para falar sobre as periferias da capital paulista.

A partir do pressuposto de que a linguagem jornalística é um discurso que constrói representações sobre fatos, lugares, culturas e outros elementos da sociedade, o objetivo geral do trabalho é verificar, sob o ponto de vista da comunicação e, especificamente, do jornalismo, de que maneira o *Periferia em Movimento* constrói representações das periferias paulistanas. O estudo tem como objetivos específicos: explicitar as características do jornalismo de quebrada; verificar quais são os encontros teórico-práticos entre Estudos Culturais, Geografias da Comunicação e Sociedade em Rede no âmbito do jornalismo de quebrada; e verificar de que maneira o slogan do coletivo do *Periferia em Movimento* (“Jornalismo sobre, para e a partir das periferias”) se reflete no conteúdo editorial da série de reportagens *À margem da margem*.

Entender a relevância do estudo das representações é um desafio na ciência.

Stuart Hall (2003) questiona:

Diante da urgência das pessoas que estão morrendo, qual, em nome de Deus, é o propósito dos estudos culturais? Qual o sentido do estudo das representações, se não oferece resposta a alguém que pergunta se, caso tome a medicação indicada, irá morrer dois dias depois ou uns seis meses antes do previsto? Nessas alturas, penso que qualquer pessoa que se envolva seriamente nos estudos culturais como prática intelectual deve sentir, na pele, sua transitoriedade, sua insubstancialidade, o pouco que consegue registrar, o pouco que alcançamos mudar ou incentivar à ação. Se você não sente isso como uma tensão no trabalho que produz é porque a teoria o deixou em paz. Por outro lado, não concordo, no final das contas, com a forma como o dilema nos tem sido frequentemente apresentado, pois consiste efetivamente numa questão mais complexa e deslocada do que a mera ocorrência de mortes lá fora. (p.213)

O problema que conduz a pesquisa norteia-se pela pergunta “Quais são as ferramentas jornalísticas utilizadas pelo *Periferia em Movimento* para construir representações das periferias paulistanas a partir de textos da série *À margem da margem?*”. As hipóteses do estudo são: o jornalismo de quebrada aproxima-se, essencialmente, da proposta da comunicação comunitária; as reportagens da série *À margem da margem* utilizam, principalmente, fontes primárias, independentes e testemunhas; os critérios de noticiabilidade no jornalismo de quebrada são semelhantes aos propostos por teorias comunicacionais e jornalísticas gerais, explicitadas por Nelson Traquina (2008) e Mauro Wolf (2012); e que o slogan do *Periferia em Movimento* se reflete nas pautas, reportagens e valores-notícia dos conteúdos editoriais veiculados pelo site.

O quadro teórico da pesquisa constitui-se a partir de um mapa de limites tênues. Tal metáfora cartográfica é composta por latitudes (Estudos Culturais), longitudes (Geografias da Comunicação) e o espaço/ ambiente no qual as coordenadas geográficas se formam, compreendido pela Sociedade em Rede. Os Estudos Culturais auxiliam no entendimento das representações, contra-hegemonias e imaginários que envolvem o jornalismo de quebrada. Por meio das Geografias da Comunicação, torna-se possível compreender o cenário sócio-espacial a partir do qual as periferias produzem jornalismo. Já o estudo acerca da Sociedade em Rede permite identificar quais são as socialidades que influenciam na construção de comunicações a partir da mudança de paradigma tecnológico.

Por delimitações geográficas, opta-se por focar os Estudos Culturais Latino-Americanos, com ênfase para as teorias de Jesús Martín-Barbero e Nestor García-Canclini. Nas Geografias da Comunicação, são utilizados conceitos dos dois autores

citados acima, mesclados com considerações de Milton Santos e estudos mais recentes, compilados pela Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares em Comunicação (INTERCOM). Para explicar os principais conceitos relacionados à Sociedade em Rede, retoma-se as considerações de Manuel Castells sobre o tema.

Nos tempos da sociedade em rede, a articulação de imaginários, ideologias, interculturalidades em meio a uma cidade midiática global como São Paulo torna a proposta do *Periferia em Movimento* desafiadora. Para verificar as maneiras pelas quais o coletivo constrói representações, delimitou-se o *corpus* aos textos publicados na série *À margem da margem*. Nas 32 matérias, analisou-se os temas, distribuição geográfica das reportagens, editoriais e gêneros jornalísticos. Nos textos publicados entre os meses de janeiro e maio, verificou-se também os tipos de fontes e os critérios de noticiabilidade utilizados.

Com o objetivo de investigar esse cenário, adotou-se o método dialético. Quanto às finalidades, a pesquisa é exploratória, pois tem “como principal finalidade desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias, tendo em vista a formulação de problemas mais precisos ou hipóteses pesquisáveis para estudos posteriores” (GIL, 2008, p.27). Em relação aos procedimentos de investigação, o estudo é bibliográfico, observacional e monográfico.

Sob a perspectiva da forma de abordagem e dos tipos de dados utilizados, a pesquisa é essencialmente qualitativa, com fontes de natureza bibliográfica, documental e de campo. No decorrer da pesquisa, utilizou-se a entrevista por telefone com um dos criadores do *Periferia em Movimento*, Thiago Borges, para complementar dados sobre a série *À margem da margem* que não foram localizados por meio de documentos.

Como procedimento específico de pesquisa, utiliza-se a análise crítica de discurso (ACD), proposta por Norman Fairclough (2001). O método foi escolhido por possibilitar análises de sujeitos influenciados, mas não dominados sob o aspecto ideológico.

Assim como o quadro teórico, os resultados da pesquisa também foram descritos a partir de um mapa de limites tênues. No primeiro capítulo, os paradigmas, principais conceitos e impasses dos Estudos Culturais Latino-Americanos são apresentados como base para o entendimento das diferentes formas de comunicação popular, alternativa e participativa. Em um segundo momento, são apresentadas as características do *Periferia em Movimento*.

Entender as características da sociedade em rede, na qual interculturalidades são vivenciadas, hegemonias culturais são disputadas, representações são construídas, imaginários são (re) formulados e os diversos modelos de comunicação popular, alternativa e comunitária são colocados em prática significa compreender o espaço no qual o jornalismo de quebra praticado pelo *Periferia em Movimento* nasce e desenvolve-se. No segundo capítulo, propõe-se essencialmente a revisão de conceitos dos Estudos Culturais sob as óticas das Geografias da Comunicação e da Sociedade em Rede. Em tais cartografias, apresenta-se o *Periferia em Movimento* como a intersecção prática desse mapa. Na terceira parte, foca-se a série *À margem da margem*, com a apresentação da análise das classes particulares de traços já citadas anteriormente.

Os conceitos-chave da monografia encontram-se destacados em negrito. Ao longo do texto, a forma plural é predominante em relação à singular, tendo em vista a compreensão de que não há uma cultura, mas sim culturas; não há uma geografia, mas sim geografias; não há uma rede, mas sim redes; não há uma comunicação, mas sim comunicações.

2. MAPAS TEÓRICOS DA COMUNICAÇÃO E DA CULTURA NA AMÉRICA LATINA

“Os estudos culturais são tentativas de reabrir avenidas ou passagens e impedir que se tornem extensões privadas de umas poucas casas.”

(Nestor García-Canclini)

2.1. Comunicações, interculturalidades e mediações

2.1.1. O nascimento de uma não-disciplina

Analisar as relações comunicacionais estabelecidas na América Latina implica em revisar os paradigmas, principais conceitos e impasses dos **estudos culturais latino-americanos**. Os deslocamentos teóricos e geográficos estabelecidos por essa escola auxiliam no entendimento dos processos de construção de representações de espaços geográficos¹ pelos meios de comunicação, em especial os populares, alternativos e comunitários².

Os mapas teóricos da comunicação e da cultura na América Latina começaram a ser desenhados ainda no *Centre for Contemporary Cultural Studies* (CCCS), na Universidade de Birmingham, na Inglaterra. A partir da década de 1950, Raymond Williams, Richard Hoggart, Edward Palmer Thompson e, posteriormente, Stuart Hall, pesquisam temas pouco explorados pela atividade acadêmica, como a mudança do sentido do termo cultura após a Segunda Guerra Mundial (Williams), o estudo da influência dos meios de comunicação de massa entre trabalhadores da periferia inglesa (Hoggart), a formação da classe operária do mesmo país (Thompson) e a etnicidade (Hall). Os estudos culturais estabelecem ainda um distanciamento teórico em relação às pesquisas sociológico-comunicacionais anteriores, representadas pelo funcionalismo³ e pela Escola de Frankfurt⁴.

¹ Objeto de estudo da Geografia, o espaço geográfico tem definições variadas. Milton Santos (2002 *apud* BRAGA, 2007, p.69) conceitua-o como natureza humanizada ou artificial, com relações homem/natureza ou homem/ espaço mediatizadas pelo trabalho e produção de mercadorias. O conceito será explorado no capítulo 2.

² A definição de comunicação comunitária será abordada ainda nesse capítulo, no item 2.2.

³ Também chamado de pesquisa administrativa, o Funcionalismo norte-americano foi construído a partir de uma visão positivista da sociedade. As abordagens funcionalistas focam-se no emissor e consideram que o emissor é passivo. A massa é vista como algo manipulável, de modo geral. Diante

Para Hall (2003), os Estudos Culturais já nasceram adultos. Antes de ganharem esse nome, as preocupações teóricas com as relações estabelecidas entre cultura, poder, ideologia, hegemonia e linguagem já estavam presentes nas obras de outros autores. Considerados pelo autor como uma formação discursiva⁵, eles “abarcam discursos múltiplos, bem como numerosas histórias distintas. Compreendem um conjunto de formações, com as suas diferentes conjunturas e momentos no passado.” (p.200). Para referenciar pesquisas dos estudos culturais, como mediações, interculturalidades, representações e outros termos, estudiosos recorrem a autores anteriores à oficialização do CCCS, os quais têm pensamentos e teorias condizentes a essa escola. Antonio Gramsci, Louis Althusser, Pierre Bourdieu, Clifford Geertz e Claude Lévi-Strauss são peças que compõem o quadro teórico dessa escola, tanto na Grã-Bretanha como na América Latina.

Mais do que um conjunto de formações, os Estudos Culturais também podem ser considerados como portas giratórias, na visão de Nestor García-Canclini (2005). Utilizar as passagens oferecidas por essas teorias pode ocasionar mudanças nas visões metodológicas de estudiosos. García-Canclini exemplifica que uma pessoa pode entrar logocêntrica⁶ e sair desconstrutivista (p.153)⁷. Outro caráter dos estudos culturais é a formação de uma não-disciplina:

(...) refiro-me ao fato de que se formam saindo das ortodoxias teóricas e das rotinas de pensamento com que os especialistas costumam investigar estes temas. Os estudos culturais avançaram graças à sua irreverência com os fracionamentos exclusivos da propriedade intelectual, embora isto não tenha de ser sinônimo de descuido científico (2005, p.153)

O deslocamento teórico-geográfico da escola também representa a fase mais contemporânea dos estudos culturais. Edson Dalmonte (2002) aponta que o período é dedicado ao estudo “dos processos de luta pela hegemonia a partir da cultura

desse cenário, estuda-se as funções dos meios de comunicação. São exemplos de abordagens funcionalistas a Teoria Hipodérmica, a Abordagem da Persuasão e os Efeitos Limitados.

⁴ Com base social marxista, a Teoria Crítica busca estudar a dominação dos meios de comunicação sobre os receptores. Tendo como principal pilar o conceito de indústria cultural, a Escola de Frankfurt analisa a sociedade norte-americana e ressalta a importância de uma visão crítica diante da dominação dos meios, ponto inexistente nas pesquisas de audiência realizadas no Funcionalismo.

⁵ Hall explica que os estudos culturais são uma formação discursiva no sentido foucaultiano do termo, ou seja, é “um conjunto de enunciados que não se reduzem a objetos linguísticos, tal como as proposições, atos de fala ou frases, mais submetidos a uma mesma regularidade e dispersão na forma de uma ideologia, ciência, teoria, etc.” (AZEVEDO, 2013, p.155).

⁶ Pensamento que prega a crença em aspectos lógicos e racionais, sem levar em conta contextos e relativismos.

⁷ Pensamento surgido na França, na década de 1960, que prega a contestação do dualismo entre sentido original e relativo de um texto. Para o principal representante do desconstrutivismo, Jacques Derrida, o estruturalismo era questionável. Esse sistema é contrário ao logocentrismo.

popular” (p.83). García-Canclini define os estudos culturais latino-americanos⁸, em sentido amplo, como “produção heterogênea de especialistas em processos culturais, literários e científico-sociais, com um intercâmbio intenso mas menos institucionalizado.” (2003, p.150). Em síntese, o autor acredita que a característica histórica da escola consiste no ato de fazer-se teoria sociocultural por meio de suportes empíricos e com o objetivo de compreender de forma crítica o devir capitalista (p.157). Martín-Barbero (2004)⁹ complementa o raciocínio de García-Canclini ao demonstrar que a América Latina não é o lugar no qual acontecem iniciativas comunicacionais exóticas, mas sim o local onde as transformações teórico-práticas no campo são analisadas de forma diferenciada.

Pensar a **comunicação** na América Latina é uma tarefa de envergadura antropológica, na visão de Martín-Barbero (2004). Tendo como ponto de partida a cultura, há a possibilidade de que a comunicação seja um lugar estratégico desde o qual pensar a sociedade. O autor sintetiza que

Esse é o cenário no qual se estabelecem hoje as relações entre comunicação e cultura: o da desestruturação das comunidades e da fragmentação da experiência, o da perda da autonomia do cultural e da mescla arbitrária das tradições, o da emergência de novas culturas que desafiam tanto a sistemas educativos incapazes de se encarregar do que os meios maciços significam e são culturalmente, como a políticas culturais dedicadas ainda majoritariamente a difundir e conservar” (p.210)

⁸ Os estudos culturais latino-americanos são analisados como impasses para a formação de uma teoria da comunicação na região. Ciro Marcondes Filho (2008) alega que as pesquisas desenvolvidas por Martín-Barbero, García-Canclini e Guilherme Orozco formam uma ilha solitária, com poucos recursos teóricos, “indiferente aos grandes debates filosófico-comunicacionais do século 20” (p.69). Marcondes Filho critica ainda a presença de poucas citações ao ato, ao momento comunicacional propriamente dito. O autor aponta ainda a inexistência de metodologias de estudo desse instante de comunicação, considerada por ele um evento raro, sério e específico. Baseado em tal conclusão, Marcondes Filho propõe uma Nova Teoria da Comunicação, com a utilização do metáforo, com o qual não há método, mas sim o acompanhamento do objeto em seu caminho, sem pré-determinações e com direito a vivências do acontecimento ao longo da pesquisa. Por classificar os estudos culturais como uma teoria sociológica, Marcondes Filho acredita que o referencial não conduz os pesquisadores a conhecerem o momento comunicacional. Ele afirma que “como para os nossos autores (Martín-Barbero, García-Canclini e Orozco) comunicação é outra coisa, acontece fora de casa, na rua, depois de eu assistir aos programas, eles jamais vão saber do que eu estou falando” (2008, p.78).

⁹ Em diversos trechos do artigo “Martín-Barbero, Canclini, Orozco: os impasses de uma teoria da comunicação latino-americana”, Marcondes Filho critica Martín-Barbero. Ele aponta que o estudioso dos estudos culturais na América Latina tem dificuldades para modernizar a leitura do processo de comunicação. Marcondes Filho desaprova ainda o conceito de negociação no processo de recepção: para o autor, a negociação não é predominante no ato comunicacional. Quando uma pessoa lê um jornal, ela utilizará novos dados e fatos para corroborar opiniões já formadas, por exemplo.

Considerada por García-Canclini¹⁰ como um particular terreno sociocultural, a América Latina constitui-se em cenário geográfico e social desafiador aos pesquisadores. Assim como as culturas, comunicações, representações e imaginários, as identidades étnicas e nacionais da região também são múltiplas. Para analisá-las, adotam-se os dois paradigmas centrais dos estudos culturais: **culturalismo** e **estruturalismo**. O primeiro é considerado como dominante e refere-se à dialética entre ser e consciência social. Hall explica que o paradigma culturalista conceitua a cultura como um elemento que entrecruza todas as práticas sociais, meios pelos quais homens e mulheres constroem a história.

Se o culturalismo está apoiado nas práticas sociais, o estruturalismo complementa-o com referências articuladas e diretas em torno do termo “ideologia”. Na segunda corrente, encontram-se ainda críticas ao protagonismo da experiência na vertente culturalista:

Enquanto no ‘culturalismo’ a experiência era o solo - o terreno do ‘vivido’ - em que interagiam a condição e a consciência, o estruturalismo insistia que a ‘experiência’, por definição, não poderia ser o fundamento de coisa alguma, pois só se podia ‘viver’ e experimentar as próprias condições *dentro e através* de categorias, classificações e quadros de referência da cultura. Essas categorias, contudo, não surgiram a partir da experiência, ou nela: antes, a experiência era um ‘efeito’ dessas categorias. Os culturalistas haviam definido como coletivas as formas de consciência e cultura. Mas ficaram longe da proposição radical segundo a qual, em cultura e linguagem, o sujeito era ‘falado’ pelas categorias da cultura em que pensava, em vez de ‘falá-las’. Tais categorias não eram, entretanto, somente coletivas, ao invés de individuais: eram, para os estruturalistas, estruturas *inconscientes*. (HALL, 2003, p.147)

Nenhuma das duas correntes é autossuficiente para englobar o campo de pesquisas dos Estudos Culturais. Apesar das divergências, elas enfocam o problema central da área, por devolverem a não-disciplina de forma constante “ao terreno marcado pela dupla de conceitos fortemente articulados, mas não mutuamente excludentes, de cultura/ ideologia” (HALL, 2003, p.157). Os debates entre culturalismo e estruturalismo definem os limites nos quais a síntese entre eles

¹⁰ Marcondes Filho também é contrário às proposições de García-Canclini e chega a denominá-lo como utópico e ingênuo (p.75). Para o autor, as visões canclinianas acerca de tecnologia variam entre a coerência e o marxismo tradicional. Apesar disso, Marcondes Filho utiliza aspectos dos escritos de García-Canclini para reforçar a necessidade de estudar-se o ato comunicacional. Um exemplo disso é a concordância com o fato de que há poucos estudos qualitativos sobre a recepção e processamento das mensagens.

- traduzida como o aperfeiçoamento da teoria materialista da cultura¹¹ - pode ser formada. Tal espaço não pode ser caracterizado pelo reducionismo nem pelo pluralismo simplista.

2.1.2. Culturas: entre o *multi* e o *inter*

O tema “cultura” é o ponto de convergência dos Estudos Culturais desde o surgimento da não-disciplina, mas a definição ainda é caracterizada como “um local de interesses convergentes em vez de uma ideia lógica ou conceitualmente clara” (HALL, 2003, p.134). Para (in) determinar o conceito, García-Canclini recorre à descrição operacional de cultura, baseada na concepção de sociedade para Bourdieu¹², afirmando que “a cultura abarca o conjunto dos processos sociais de significação¹³ ou, de um modo mais complexo, a cultura abarca o conjunto de processos sociais de produção, circulação e consumo da significação na vida social¹⁴” (2005, p.41). Analisar o papel desse elemento implica em tornar-se especialista em intersecções. A mediação tecnológica da comunicação constitui um dos cruzamentos vitais para a compreensão das culturas no cenário latino-americano. Segundo Martín-Barbero, o elemento deixou de ser instrumental para tornar-se estrutural. Em meio aos novos modos de percepção e linguagem, surgem também maneiras inéditas de produzir-se e comunicar-se, entre elas a comunicação popular, alternativa e comunitária¹⁵.

Para abordar a complexidade dos pluralismos culturais nas sociedades, utilizam-se três termos: **multiculturalismo**, **multiculturalidade** e **interculturalidade**. O primeiro caso é definido por García-Canclini como “a justaposição de etnias ou grupos em uma cidade ou nação” (2005, p.17). Hall divide o conceito em cinco tipos: liberal; pluralista; comercial; corporativo; e crítico ou revolucionário. No primeiro caso, os grupos culturais integram-se à sociedade

¹¹ A teoria está relacionada às percepções de Raymond Williams sobre a relação entre cultura e sociedade. Para o autor, o elemento cultural é vital ao funcionamento e manutenção do sistema capitalista.

¹² A partir da leitura de Bourdieu, García-Canclini considera que a sociedade é o conjunto de estruturas que organizam a distribuição dos meios de produção e do poder entre os indivíduos e os grupos sociais, além de determinarem práticas sociais, políticas e econômicas.

¹³ O conceito de significação será detalhado no item 1.2. (Jornalismos, representações e imaginários).

¹⁴ Grifos feitos pelo autor.

¹⁵ O assunto será desdobrado no subtítulo “Do alternativo ao comunitário: nomenclaturas, reelaborações e hibridismos”

majoritária. A cidadania é individual e universal. As práticas particulares são toleradas, desde que sejam realizadas em âmbito privado¹⁶. No multiculturalismo pluralista, a ordem política é comunitária ou mais comunal e, nesse cenário, aceitam-se grupos distintos e diferentes comunidades. No multiculturalismo comercial, a diversidade é reconhecida, com vistas a resolvê-la e dissolvê-la no consumo privado, sem redistribuição de poder e recursos. Na vertente corporativa, busca-se “administrar” as diferenças culturais da minoria, visando os interesses do centro” (2003, p.53). O multiculturalismo crítico ou revolucionário objetiva multiplicar as vozes, com foco no poder, hierarquia de opressões e movimentos de resistência.

De modo geral, os multiculturalismos baseiam-se em cotas de representatividade, com “políticas relativistas de respeito, que frequentemente reforçam a segregação” (2003, p.17). Não há preocupação em problematizar a inserção de etnias e gêneros nas sociedades. Já a multiculturalidade distingue-se pela abundância de opções simbólicas, cuja junção resulta em um mosaico composto por fusões e inovações estilísticas presentes em peças culturais.

Se os multiculturalismos são sintetizados pelo relativismo e a multiculturalidade, pela heterogeneidade, a interculturalidade é marcada pela negociação. García-Canclini enfatiza que as relações e trocas entre culturas conduzem-nas a confrontações e entrelaçamentos. No espaço *inter*, os conflitos e empréstimos são recíprocos. Capitais globais como São Paulo, megalópole que é cenário predominante na série *À margem da margem*, podem ser consideradas como territórios interculturais, com práticas culturais coexistentes, negociadas, negociáveis e conflitivas. O produto jornalístico digital desenvolvido pelo *Periferia em Movimento* é uma representação do espaço *inter* por retratar culturas periféricas em relações de negociação entre si mesmas e entre culturas massivas e dominantes.

2.1.3. Dominantes e dominados

Entender a interculturalidade implica no conhecimento das relações de dominação e subordinação presentes nos conflitos culturais do cotidiano. O caráter

¹⁶ No capítulo 3, o multiculturalismo liberal será retomado e exemplificado na análise da matéria “Resistência dos pankararus na favela Real Parque”, pertencente à série *À margem da margem*, objeto da presente pesquisa.

massivo (ou maciço, na nomenclatura adotada por Martín-Barbero) é um dos itens essenciais na construção de predominâncias sociais. No funcionalismo e na teoria crítica, a cultura de massas é objeto central de estudos. Já nos estudos culturais, as **massas** constituem parte da síntese entre culturalismo e estruturalismo. Martín-Barbero (2003) esclarece que

(...) massa designa, no movimento da mudança, o modo como as classes populares vivem as novas condições de existência, tanto no que elas têm de opressão quanto no que as novas relações contêm de demandas e aspirações de democratização social (p.181)

À medida que os mapas da comunicação e cultura latino-americanas são atualizados, o conceito de massa passa por hibridizações e é enfraquecido por mediações tecnológicas. A comunicação não-massiva passa a disputar a **hegemonia cultural** em porções territoriais e comunidades virtuais da região. Hall (2003) ressalta:

A hegemonia cultural nunca é uma questão de vitória ou dominação pura (não é isso que o termo significa); nunca é um jogo cultural de perde-ganha; sempre tem a ver com a mudança no equilíbrio de poder nas relações da cultura; trata-se sempre de mudar as disposições e configurações do poder cultural e não se retirar dele. Existe uma atitude do tipo 'nada muda, o sistema sempre vence', que eu leio como a um invólucro protetor cínico que, lamento dizer, críticos culturais norte-americanos frequentemente utilizam. Um invólucro que, algumas vezes, os impede de desenvolver estratégias culturais que façam diferença. É como se, para se protegerem de uma derrota eventual, precisassem fingir que tudo lhes é transparente e igual ao que sempre foi" (p.339)

O autor baseia-se na concepção gramsciana do termo **hegemonia**: não se deve considerar apenas a ascensão de uma classe ao poder - econômico, político ou cultural -, mas também "o processo pelo qual um bloco histórico de forças sociais é construído e sua ascendência obtida" (2003, p.290). Desse modo, a maneira mais fiel de referir-se às ideias dominantes e dominadas traduz-se no termo "dominação hegemônica".

A luta pela dominação relativa e, por vezes, temporária, da hegemonia cultural da sociedade por meio da comunicação também utiliza a **ideologia** como arma. Denominados por Martín-Barbero (2004) como a matéria-prima da informação, os traços ideológicos atuam no campo do não-intencional - não são conscientes nem voluntários - e são dissimulados por meio do discurso jornalístico. Nesse sentido, não basta entender o funcionamento discursivo da ideologia, mas também "fazer frente às implicações práticas de sua enganosa neutralidade" (p.46).

Os veículos de comunicação populares, alternativos e/ou comunitários representam frentes de resistência perante a falsa isenção dos meios com maior audiência e reconhecimento entre o público em geral, conhecidos como grande imprensa. Além da comunicação, a cultura também se torna uma instância de conformação do consenso a partir das relações de ideologia e hegemonia, segundo García-Canclini.

2.1.4. Mediações e os processos sociais de comunicação

A partir das interculturalidades e multiculturalismos, acompanhados por relações de dominação e subordinação, Martín-Barbero levanta o conceito de **mediações** para aprofundar-se no campo das comunicações latino-americanas: o conjunto composto por processos culturais, sociais e econômicos que atribuem sentidos às mensagens e podem conduzir a reapropriações e reconstruções por parte do receptor:

(...) sintetizei o que entendia por *mapa noturno*¹⁷: um mapa para indagar a dominação, a produção e o trabalho, mas a partir do outro lado: o das brechas, o do prazer. Um mapa não para a fuga mas para o reconhecimento da situação desde as mediações e os sujeitos, para mudar o lugar a partir do qual se formulam as perguntas, para assumir as margens não como tema mas como enzima. Porque os tempos não estão para a síntese, e são muitas as zonas da realidade cotidiana que estão ainda por explorar, zonas em cuja exploração não podemos avançar se não apalpando, ou só com um mapa noturno (MARTÍN-BARBERO, 2004, p.17-18)

Deslocar as pesquisas sobre a comunicação dos meios para as mediações e, conseqüentemente, investigar esse campo a partir da cultura resultou na construção de novas percepções acerca das **mediações comunicativas da cultura**:

Compreender a comunicação significava então investigar não só argúcias do dominar mas também *aquilo que no dominado trabalha a favor do dominador*, isto é a cumplicidade de sua parte, e a sedução que se produz entre ambos, embora a reação não possa ser mais cortante desde ambos os lados. Entre os comunicólogos reinava o desconcerto: “mas se a

¹⁷ Martín-Barbero utiliza metáforas cartográficas para escrever ensaios e divulgar os resultados de suas pesquisas. Batizado de cartógrafo mestiço pela pesquisadora mexicana Rosana Reguillo (MARTÍN-BARBERO, 2004, p.10-11), o autor descreve esse trabalho como a inclusão de perspectivas em meio a diferentes lugares, como trabalhos soltos, ensaios, esboços e intuições. A junção dessas concepções resulta nos mapas traçados pelo autor em trabalhos como “Dos meios às mediações” e “Ofício de Cartógrafo”. Cabe ressaltar que as cartografias cognitivas de Martín-Barbero são móveis em múltiplas direções e não se resumem a mera representação de fronteiras, mas sim traçam planos de avanço em direção às ciências sociais e à filosofia. Assim como Martín-Barbero, Nestor García-Canclini também trabalha com o conceito de mapas em seus trabalhos.

comunicação é o contrário da dominação”, diziam os *integrados*¹⁸ (sem sabê-lo?). E entre os estudiosos sociais de esquerda estalou a raiva: “era o que nos faltava, agora resulta que os pobres, além do mais, são responsáveis por estar dominados”. (2004, p.21)

O mapa proposto por Martín-Barbero tem ainda o objetivo de combater a visão de que a tecnologia é a grande mediadora entre os povos e o mundo no mundo globalizado. O esquema teórico é composto pelos eixos histórico e sincrônico. O primeiro é tensionado entre as Matrizes Culturais (MC) e os Formatos Industriais (FI). O segundo eixo está subdividido entre Lógicas de Produção (LP) e Competências de Recepção ou Consumo (CR). As relações entre os elementos acima resultam nas seguintes mediações:

Quadro 1 - Mapa noturno de Jesús Martín-Barbero

Relações	Siglas	Mediações	Significado
Matrizes Culturais + Lógicas de Produção	MC + LP	Institucionalidade	Configuração dos meios de comunicação como serviço público (a partir do Estado) ou livre comércio (a partir do mercado); mediação de interesses e poderes contrapostos que afeta a regulação dos discursos de maiorias e minoria; análise da comunicação a partir dos meios.
Matrizes Culturais + Competências de Recepção ou Consumo	MC + CR	Socialidade	Relações cotidianas ocorridas a partir da reunião de seres humanos; espaços nos quais acontecem os processos primários de constituição de sujeitos e identidades, dando à comunicação o sentido de <i>finalidade</i> ; polissemia da interação social.
Lógicas de Produção +	LP + FI	Tecnicidades	Inovação técnica de

¹⁸ Neste trecho, Martín-Barbero faz referência à nomenclatura utilizada por Umberto Eco, em 1964, a respeito dos julgamentos dos estudiosos sobre os meios de comunicação de massa. Os integrados são pessoas que enxergam os meios de forma predominantemente otimista. Já os apocalípticos criticam os meios massivos e analisam-nos como maneiras de decadência social.

Formatos Industriais			formatos associada à competitividade técnica e industrial; Sedimentação de saberes e constituição das práticas; Organizador perceptivo em meio ao movimento de intertextualidades e intermedialidades.
Formatos Industriais + Competências de Recepção ou Consumo	FI + CR	Ritualidades	Diferentes usos das mídias associados múltiplos trajetos de leitura que se diferenciam conforme as peculiaridades do público.

Fonte: A autora, 2015.

As cartografias de Martín-Barbero desconstruem um dos lugares-comuns relacionados aos estudos culturais: a recepção não é, necessariamente, a palavra-chave para compreender a não-disciplina. O que define - sem reduzir ou tornar-se pluralmente simplista - os estudos culturais, em especial os latino-americanos, é o desejo de compreender temas de forma global, sem abandonar o rigor científico ou ignorar complexidades.

No caso da comunicação, institucionalidade, socialidade, tecnicidades e ritualidades são elementos essenciais para o entendimento de processos produtivos, os quais envolvem vivências, conhecimentos e ideologias pré-estabelecidas; construção do conteúdo de mensagens, as quais representam a realidade a partir de determinados olhares; e percepções de receptores/ produtores, que influenciam, direta ou indiretamente, o ciclo de processos produtivos.

2.2. Jornalismo, representações e imaginários

As mediações presentes no mapa noturno de Martín-Barbero podem ser utilizadas para análises de produções jornalísticas. Um dos termos-chave nesse trajeto é “**representação**”. Stuart Hall dedica-se à compreensão desse elemento, o qual dialoga com os conceitos de significação e ideologia. O autor organiza as representações e significações de forma sistemática:

Os sistemas de representação são os sistemas de significado pelos quais nós representamos o mundo para nós mesmos e os outros. Reconhece que o conhecimento ideológico resulta de práticas específicas - as práticas envolvidas na produção do significado. Uma vez que não há práticas sociais fora do domínio do significado (semiótico) serão *todas* as práticas simplesmente discursos? (2003, p.179)

Hall conclui que não existem práticas sociais além do discurso, pois elas constituem-se na interação entre significado e representação e podem ser representadas, ou seja, não há prática social fora do campo ideológico. Posteriormente, o autor acrescenta uma retificação sobre os sistemas de representação. Hall assume que suas primeiras obras tratam a representação como se o mundo real existisse, como algo separado e fora do discurso. Ainda que as explicações que cercam esses sistemas tragam o conceito de realidade implícito em suas proposições, não há caminhos para acessar esse plano, “pois na medida em que somente podemos conhecer o real através da linguagem, através da conceitualização, como eu seria capaz de contar a você onde isso estaria? Porque eu só posso fazê-lo dentro da linguagem.” (p.358). A relação linguagem-representação-ideologia faz-se fundamental na produção dos significados: a linguagem é o meio pelo qual se representa os itens presentes no pensamento e, portanto, torna-se o local em que a ideologia é criada e transformada.

O jornalismo insere-se em tal relação. Por meio de estruturas textuais próprias, como *lead*, linha fina, pirâmide invertida e outras técnicas, representam-se práticas sociais¹⁹, as quais estão inseridas em ideologias. Nesse cenário, conflitos ideológico-culturais (res) surgem e são traduzidos em discursos. Manuel Chaparro (2014) resume o papel do jornalismo na sociedade:

Jornalismo pertence ao lado dos valores. Integra o universo da cultura, como espaço público dos discursos sociais conflitantes. É objeto abstrato, inserido no cenário humano da complexa construção do presente. (p.26)

Os jornalistas tornam-se mediadores e comunicadores sociais ao propagarem os sistemas de significado pelos quais eles mesmos representam o mundo. A construção de representações jornalísticas consiste também na captação de ângulos do mundo pré-significado e na tarefa posterior de resignificação, segundo Hall. Tais imagens podem ser apropriadas por meio das ritualidades do

¹⁹ Não é adequado utilizar a metáfora do jornalismo como espelho da realidade, pois, como não há certezas da existência do real, a consequência é que não existem também reflexos, sejam fiéis ou distorcidos.

processo comunicativo, acompanhadas por hibridismos trazidos pelo consumidor de informação, conforme explica Jorge Pedro Sousa (2000):

Os meios jornalísticos contribuem, ainda, para dotar essas ocorrências, ideias e temáticas de significação, isto é, contribuem para que a essas ocorrências, ideias e temáticas seja atribuído um determinado sentido, embora a outorgação última de sentido dependa do consumidor das mensagens mediáticas e das várias mediações sociais (escola, família, grupos sociais em que o indivíduo se integra etc.) (p.21)

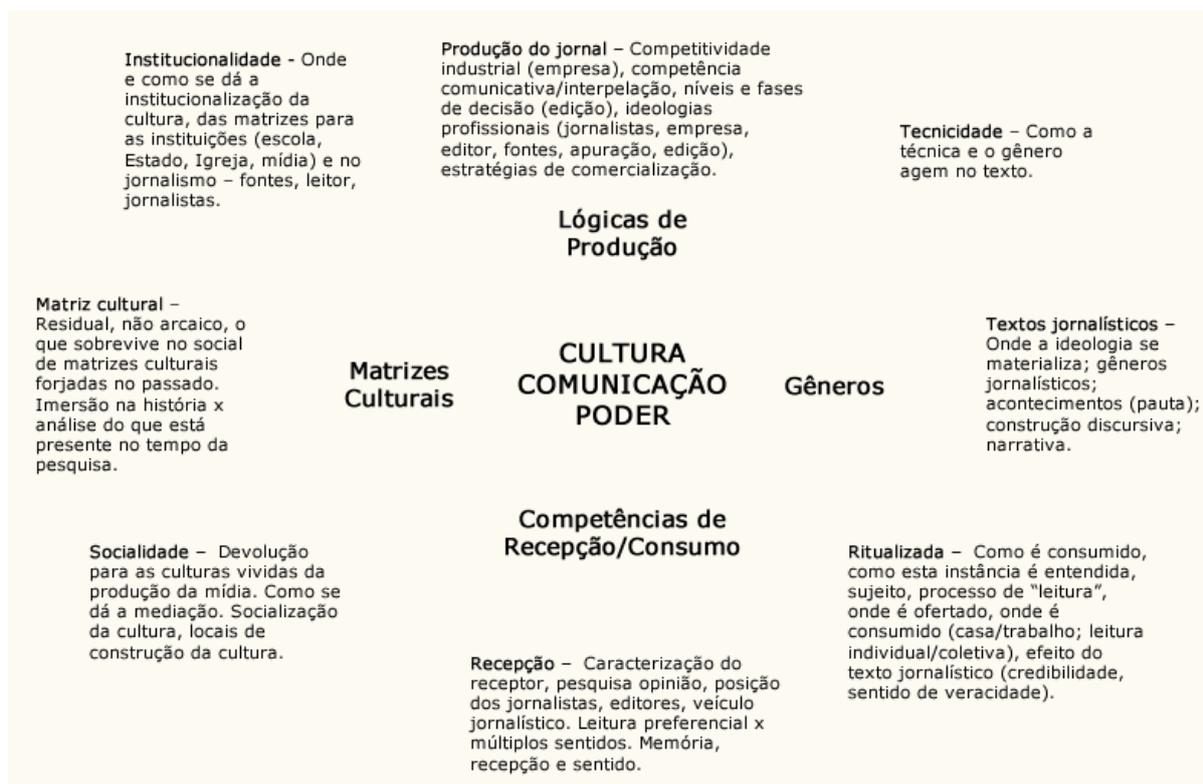
A explicação sobre o campo de atuação da prática jornalística e suas respectivas significações perpassam também as mediações sociocomunicativas da cultura, conforme explicam Ana Carolina Escosteguy e Ângela Fellipi (2012):

Sendo assim, o jornalismo ou a prática jornalística deixa de ser vista meramente com função informativa e/ou descritiva da realidade para passar a ser vista como um sistema simbólico que ensina sobre valores, padrões, guias de uma dada cultura e, portanto, assumindo uma importância distinta na totalidade social.” (p.18)

Nesse aspecto, as análises discursivas de produtos jornalísticos demonstram-se desafiadoras. Para representar uma prática social, equipes de jornalismo partem de ideologias e pressupostos e selecionam (perfis de) entrevistados, denominados fontes²⁰. Além disso, escolhem-se ângulos e ordem de importância dos fatos. Considera-se ainda a institucionalização da cultura, a relação empresa-jornalista, as construções discursivas, a ação de técnicas, o uso de gêneros (também conhecidos como a materialização dos formatos industriais), as ritualizações e as recepções. Com o objetivo de aproximar o jornalismo dos estudos culturais, Fellipi e Escosteguy adaptaram o mapa noturno de Martín-Barbero aos estudos sobre a prática jornalística:

²⁰ A relação do jornalista com as fontes será aprofundada no capítulo 3.

Figura 1 - Proposta metodológica para o estudo do jornalismo



Fonte: ESCOSTEGUY, Ana Carolina; FELLIPI, Ângela. Jornalismo e estudos culturais: a contribuição de Jesús Martín-Barbero. **Revista Rumores**, São Paulo, n.14, vol. 7, jul-dez 2013. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/Rumores/article/view/69427/72007>>. Acesso em: 19 ago. 2015.

As representações permeiam as mediações sociocomunicativas da cultura em todo o circuito acima. O ato de selecionar acontecimentos é uma das expressões das construções de representações. A escolha leva em conta a institucionalização da cultura por meio da opção por determinadas fontes, a contextualização histórica e as interconexões com o presente (matrizes culturais), a viabilidade das etapas de produção jornalística (lógicas de produção), as plataformas nas quais as representações estarão disponíveis (tecnicidade), as construções discursivas e narrativas (gênero), os efeitos do texto (ritualidade), caracterização dos receptores a partir dos sentidos e memórias (recepção) e a socialização da cultura (socialidade). Tal trajeto demonstra a importância dos

critérios de noticiabilidade, também chamados de valores-notícia²¹, nos estudos sobre jornalismo.

É por meio do trajeto das representações que os **imaginários** se formam. Assim como a ação de dar significado, imaginar também implica na existência de uma realidade, a qual se opõe à idealização. Martín-Barbero (2004) problematiza a questão ao lembrar que a psicanálise vem demonstrando que o conceito é parte integrante do real. Mais do que o assunto, o imaginário trata daquilo que o discurso está feito:

Se o “eu” não é mais que reconhecimento, se o “eu” é a chave da ideologia, se impõe averiguar por essa matriz do eu que é o imaginário, esse lugar de emergência e trabalho do desejo. Impõe-se repensar a relação do imaginário com o real, não já como se fosse um exterior, não como uma ilusão que seria preciso dissipar ao contato com o real. (p.74)

Além das relações estabelecidas com as memórias, imaginários também podem ser coletivos. Os estereótipos são os exemplos mais próximos, no tocante às competências de recepção/ consumo. Para desconstruí-los ou problematizá-los, novos atores e formas de comunicação trabalham em escala regional na seleção e produção de produtos que contestam, pluralizam e contrariam o *status quo*. Hall destaca que as instituições comunicacionais podem parecer homogêneas sob o aspecto ideológico, mas elas não o são²² (2003, p.368). Nesse cenário, Martín-Barbero (2004) aponta que:

a comunicação é um espaço estratégico de criação e apropriação cultural de ativação da competência e da experiência criativa das pessoas e de reconhecimento das diferenças, ou seja, do que culturalmente são e fazem os outros, as outras classes, as outras etnias, os outros povos, as outras gerações (p.227)

Os imaginários coletivos referentes às dicotomias centro/ periferia²³, dominantes/ dominados e cultura/ ideologia são objetos de trabalho das comunicações populares, alternativas e/ou comunitárias e promovem a heterogeneidade do cenário de produção de conteúdo. Em meio às mediações e interculturalidades, busca-se cumprir a condição indispensável da comunicação:

A luta contra a injustiça é, ao mesmo tempo, luta contra a discriminação social e a exclusão cultural, o que equivale à construção de um novo modo

²¹ A importância do *newsmaking* será retomada e aprofundada no capítulo 3.

²² O autor também constatou que o seu modelo de codificação/ decodificação proposto no final da década de 1970 não estava atento a esse dado. No artigo Encoding/ Decoding, Hall trata a institucionalização da comunicação como um elemento unidimensional e diretamente relacionado à mídia dominante (p.368).

²³ A relação entre os dois temas será demonstrada no capítulo 2.

de ser cidadão que possibilita a cada homem e a cada grupo se reconhecer nos demais (...). (MARTÍN-BARBERO, 2004, p.156)

Apesar das diretrizes gerais, torna-se mais apropriado falar sobre comunicações e jornalismo. A pluralização redacional dos conceitos auxilia no entendimento de que existem hegemonias, mas não homogeneidade nesse campo. Além da grande imprensa, que, por si própria, já possui diferenciações ideológicas, o universo do modelo de comunicação contrária à conjuntura dos veículos de comunicação mais conhecidos e produzidos também possui diversidade teórico-prática, em especial nos aspectos históricos, geográficos e culturais. Há ainda os conceitos híbridos, como é o caso do jornalismo de quebrada, praticado pelo *Periferia em Movimento*.

2.3. Do alternativo ao comunitário: nomenclaturas, reelaborações e hibridismos

A análise de veículos de comunicação cujas pautas têm engajamento político-ideológico contrário ao *status quo*, expressam lutas de segmentos empobrecidos da população em busca de melhores condições de vida, contam com a participação ativa do povo (PERUZZO, 2009a; PERUZZO, 2009b), objetivam formar uma opinião pública dotada de senso crítico, demonstram interesse pelos marginalizados, movimentos e problemas sociais e destacam o lado humano (FIORUCCI, 2011) depara-se com classificações variadas. Comunicação alternativa, popular, comunitária, radical, participativa, participatória, horizontal, dialógica, educativa, inclusiva e crítica são alguns dos termos utilizados para tal identificação.

A **comunicação participativa, alternativa e popular** é apontada por Martín-Barbero (2004) como um dos três campos estratégicos de investigação²⁴ na comunicação latino-americana. Definir o alternativo nesse meio geográfico consiste em “transformar o processo, sejam as classes e os grupos dominados os que tomem a palavra” (p.119).

Nos mapas noturnos traçados pelo autor, há a preocupação com o uso do termo alternativo para designar a comunicação oposta à mídia massiva comercial:

²⁴ A estrutura transnacional da informação e as novas tecnologias de comunicação são os outros setores citados por Martín-Barbero.

(...) a comunicação alternativa não é aqui nada de novo, já que, desde as experiências pioneiras de Paulo Freire²⁵, projetadas depois a muitos grupos em todos os países do continente, tem estado ligado mais à liberação da fala, da atividade e da criatividade popular que à potência ou ao tipo de mídia utilizada. Isso é importante precisamente para que se possa ir de encontro à moda que nos chega, reduzindo o alternativo às possibilidades “dialógicas”, que abrem algumas mídias novas. Não estou afirmando que as alternativas de comunicação popular devam ser unicamente marginais às grandes mídias, que não podem existir aquelas alternativas que envolvam as grandes mídias, ou as mídias maciças; estou alertando contra a já velha e perigosa ilusão - mcluhania²⁶ - de que “o alternativo possa vir do meio em si mesmo” (2004, p.119-120)

O questionamento “**alternativo em relação a quê?**” permeia as discussões acerca da comunicação cujos conteúdos têm abordagens diferentes em relação ao aparato midiático e à mídia pública de tendência conservadora existentes. John Downing (2002) amplifica o debate ao utilizar o termo **mídia radical**, que expressa, de diferentes maneiras, visões alternativas a hegemonia política, social e cultural. Para o autor, falar em mídia alternativa é praticamente um paradoxismo, pois “qualquer coisa, em algum ponto, é alternativa a alguma outra” (p.27). Assim como Rodolfo Fiorucci (2011), Downing cita as revistas especializadas e os boletins empresariais como alternativas à voz dominante e, portanto, integrantes da mídia meramente alternativa.

Ao falar sobre comunicação alternativa, Peruzzo (2009a) classifica-a como uma comunicação livre e reafirma a ideia de uma contracomunicação

elaborada no âmbito dos movimentos populares e das “comunidades”, e que visa exercitar a liberdade de expressão, oferecer conteúdos diferenciados, servir de instrumento de conscientização e, assim, democratizar a informação e o acesso da população aos meios de comunicação, de modo a contribuir para a transformação social. (p.132)

No Brasil, a comunicação alternativa também apresenta variações conceituais conforme o contexto histórico. Com a instauração da Ditadura Militar

²⁵ Antes das pedagogias do oprimido e da autonomia propostas por Freire, experiências jornalísticas em território nacional apresentaram características inerentes à comunicação participativa, alternativa e/ou popular debatida por Martín-Barbero. Em período anterior à chegada oficial da prensa ao Brasil, em 1808, jesuítas espanhóis utilizaram-na para evangelizar os índios a partir de línguas nativas. Melo (2006) relata que a iniciativa ocorreu no Paraná, em 1700, e durou mais de 20 anos. Os primeiros veículos da imprensa sindical e anarco-operária, que serão citadas adiante, também antecederam as experiências freirianas. Já a comunicação comunitária, que também será explanada a seguir, era marcada pela segmentação, em especial até o início da segunda metade do século XX. Ilka S. Cohen (2008) relata que havia mais de 30 títulos de revistas e jornais no estado de São Paulo em língua estrangeira na década de 1930 (p.118). Interesses específicos também eram defendidos na imprensa paulista (COHEN, 2008, p.119). Jornais como *O Menelick* tinham como público-alvo a comunidade negra em São Paulo.

²⁶ O trabalho de Marshall McLuhan gira em torno da frase “o meio é a mensagem”, a qual Martín-Barbero busca refutar, alegando que a sentença é uma ilusão.

(1964-1985), a liberdade de imprensa no Brasil foi cerceada pelo Ato Institucional Nº5, o AI-5²⁷. Enquanto *O Estado de S.Paulo* publicava receitas de bolo no lugar das notícias censuradas, o jornalismo alternativo à mídia comercial massiva atingia um auge histórico. Pesquisador da produção jornalística do período, Bernardo Kucinski (2003) explica que

A imprensa alternativa surgiu da articulação de duas forças igualmente compulsivas: o desejo das esquerdas de protagonizar as transformações que propunham e a busca, por jornalistas e intelectuais, de espaços alternativos à grande imprensa e à universidade. É na dupla oposição ao sistema representado pelo regime militar e às limitações à produção intelectual jornalística sob o autoritarismo que se encontra o nexo dessa articulação entre jornalistas, intelectuais e ativistas políticos. (p.6)

Os pasquins e demais veículos alternativos²⁸ das décadas de 1960 e 1970 lutavam pela restauração da democracia e pelo respeito aos direitos humanos. A economia era motivo de críticas e sátiras. O discurso era alternativo ao da grande imprensa, que aplaudia o “milagre econômico”²⁹ (1968-1973).

Enquanto o jornalismo alternativo praticado no período ditatorial negava o mercado e o lucro, sobrevivia com um número reduzido de anúncios publicitários e tinha a ditadura como única inimiga, a **nova mídia alternativa** dialoga de forma mais aberta com o mercado em um cenário democrático. Fiorucci (2011, p.465) observa que a postura crítica e de resistência se mantêm, mas existe a disputa consciente do leitor e da publicidade, depende-se essencialmente da publicidade estatal, a busca do lucro visa à divulgação de ideias diferenciadas e não há um inimigo específico. Responsabilidade social, preocupação com a informação e a formação do leitor, oposição direta à elite nacional e aos partidos políticos do campo da direita e valorização do texto literário são outras características da nova geração apontadas por Fiorucci. O autor considera que “(...) a mídia alternativa dá destaque a realizações que acontecem nas comunidades pobres, como projetos sociais e educativos, manifestações culturais da periferia, enfim, o lado humano que insistentemente é obscurecido pela grande imprensa”. (2011, p.467). A nova

²⁷ Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/AIT/ait-05-68.htm>. Acesso em: 28 mai. 2015.

²⁸ Os principais veículos alternativos da época foram: o PIF-PAF (1964), Pasquim (1969), Posição (1969), Opinião (1972), Movimento (1975); Coojornal (1975); Versus (1974); De Fato (1975); Extra (1984)

²⁹ Durante o “milagre econômico”, o produto interno bruto (PIB) do Brasil crescia em torno de 10% ao ano, a construção civil atingia 15% e a indústria, 18% de expansão. Com a primeira crise do petróleo (1974), o crescimento estagnou e vieram à tona os empréstimos realizados durante o governo de Emílio Garrastazu Médici para financiar o “milagre”. O período também é conhecido pelo aumento das desigualdades sociais no país.

geração constitui-se também em uma opção diferenciada no consumo de conhecimentos, serviços e cultura. Veículos como *Carta Capital*³⁰ e *Brasil de Fato*³¹ são citados pelo autor como exemplos de nova mídia alternativa.

Alexandre Haubrich (2015) observa cinco características essenciais da mídia alternativa. *A priori*, a constituição organizacional é democrática, participativa e assentada em bens populares. Além da organização, o conteúdo também deve ser diferente em comparação com a mídia dominante. É necessário ainda que haja independência em relação ao Estado e ao poder econômico, para que se mantenha o caráter contestador. Assim como Peruzzo (2009a), Haubrich acredita que conteúdos veiculados por mídias alternativas devem ainda ter caráter crítico-emancipador, transformador e em busca de transformações sociais.

A atenção às distorções relacionadas às mudanças sociais procuradas pela comunicação alternativa chama a atenção de Downing, que divide o conceito de mídia radical em duas vertentes: alternativa e opressora. No primeiro caso, serve-se a dois propósitos: expressão vertical de oposição direta à estrutura de poder e obtenção horizontal de apoio e solidariedade para a construção de redes de relações contrária às políticas públicas ou à própria sobrevivência das estruturas de poder (2002, p.29-30). No segundo caso, inclui-se iniciativas fundamentalistas, racistas e fascistas.

Diante dos desvios, Fiorucci propõe que os desafios da comunicação dita alternativa na atualidade centram-se “na democratização do conhecimento e na luta pela participação mais efetiva de um público mais numeroso tanto no consumo como na produção da informação” (2011, p.479). Por outro lado, cabe aos estudiosos do tema investigar os impactos e papéis dos veículos da nova geração de maneira detalhada.

O *Periferia em Movimento* declara-se como “veículo alternativo à mídia convencional, destinado a dar visibilidade às pautas de interesse dos moradores,

³⁰ Revista de informações gerais, com periodicidade semanal, e conhecida pelo posicionamento político-ideológico explícito e alinhado à esquerda política. Na descrição disponível no site oficial da publicação, declara-se que “a revista é alternativa ao pensamento único da imprensa brasileira”. A versão impressa tem tiragem semanal de 56 mil exemplares. Disponível em: <<http://www.cartacapital.com.br/editora/cartacapital>>. Acesso em: 02 nov. 2015.

³¹ Jornal semanal lançado em janeiro de 2003 por uma frente de movimentos sociais, entidades e intelectuais, “com o objetivo de contribuir para a ‘refundação da esquerda brasileira’” (CASSOL, 2010, p.11). A publicação é vinculada à organização política “Consulta Popular”, cujo integrante mais conhecido é o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST).

fazedores de cultura e movimentos populares das quebradas paulistas³². A produção jornalística do coletivo possui características inerentes à comunicação alternativa: é um meio de democratização do cenário comunicacional brasileiro; há preocupação com a informação e a formação do leitor³³; a produção jornalística visa às transformações sociais³⁴; a busca do lucro objetiva a divulgação de ideias³⁵ e valoriza-se o texto literário³⁶. Por outro lado, a publicidade é escassa e, quando está presente, é local. Além disso, sob o ponto de vista histórico, o portal não pode ser comparado de forma direta aos veículos alternativos tradicionais - como os pasquins da época da ditadura - nem à nova mídia alternativa, a qual oferece opções diferenciadas de consumo de conhecimentos, serviços e cultura em uma escala maior, nos âmbitos nacional e internacional. Desse modo, o termo torna-se insuficiente para designar o trabalho divulgado no site. No *Periferia em Movimento*, as pautas são direcionadas para as periferias geográficas e sociais da cidade de São Paulo, com espaço para temas e fatos ocorridos na Região Metropolitana da capital paulista.

2.3.1. Comunicação comunitária

Entre os termos usados para designar a comunicação participativa, alternativa e popular citada por Martín-Barbero (2004), o **comunitário** foi o mais incorporado pela mídia massiva comercial. O *Parceiros do SP*³⁷, do telejornal SPTV,

³² Disponível em: <<http://periferiaemmovimento.com.br/doi/>>. Acesso em: 15 set. 2015.

³³ A formação do leitor está presente em reportagens sobre temas mais teóricos, como a educação libertadora proposta por Paulo Freire (<http://periferiaemmovimento.com.br/educacao-libertadora-da-alfabetizacao-de-adultos-a-escola-indigena/>) e economia solidária (<http://periferiaemmovimento.com.br/economia-solidaria-e-pautada-nas-pessoas-nao-no-dinheiro/>)

³⁴ O caráter de transformação social será explorado no capítulo 3.

³⁵ O *Periferia em Movimento* tem uma seção do site dedicada a doações. No texto, o coletivo declara que “não conta com patrocinadores tradicionais (publicidade) para produzir conteúdo jornalístico e realizar encontros de aprendizagem sobre mídia e periferia”, apesar de contar com um *banner* da Adágio Produções na página inicial do site. Os jornalistas explicam que os recursos são utilizados para “garantir uma remuneração justa para a equipe profissional e preservar a autonomia editorial”. São aceitas doações em qualquer quantia, que devem ser feitas pelo sistema PayPal. O coletivo abre espaço ainda para trabalhos voluntários, doações de equipamentos e outros materiais, além de parcerias e trocas com entidades e voluntários que dialogam com as crenças do *Periferia em Movimento*.

³⁶ A característica será detalhada na análise crítica de discurso presente no capítulo 3.

³⁷ Iniciativa criada em 2011 com o objetivo de abrir espaço no SPTV para moradores apresentarem demandas, problemas e iniciativas bem-sucedidas nas regiões em que moram. Os selecionados atuam em duplas e têm treinamento oferecido pela Rede Globo para realizarem as reportagens. O programa é remunerado e exige carga horária de quatro horas por dia.

da *Rede Globo*, e o *blog Mural*³⁸, da *Folha de S.Paulo*, são exemplos da apropriação do termo pela grande imprensa. Nos dois casos, moradores de bairros geograficamente periféricos da capital paulista e da Grande São Paulo tornam-se correspondentes comunitários e produzem matérias sobre os locais em que residem. Mesmo ao fazer referência a veículos com características alternativas e populares³⁹, veículos da grande imprensa tendem a usar a denominação “comunitário”. O *blog* do programa de treinamento em Jornalismo Diário da *Folha, Novo em Folha*, incluiu o *Periferia em Movimento* em uma lista com oito projetos de jornalismo comunitário que aceitam voluntários nas respectivas equipes de trabalhos⁴⁰.

Peruzzo (2009b) avalia que a expressão **comunicação comunitária** é a mais utilizada desde o final do século XX e configura-se no sentido menos politizado para abordar a mídia cujas pautas são opostas ao posicionamento político-ideológico do *status quo*. Os conceitos de **comunidade** assumem papel fundamental para compreender as dimensões da comunicação - e do jornalismo - ditos comunitários. Segundo a autora, “a comunidade se funda em identidades, ação conjugada, reciprocidade de interesses, cooperação, sentimento de pertença, vínculos duradouros e relações estreitas entre seus membros.” (2009b, p.58). Morar em um mesmo bairro, pertencer a uma mesma etnia e/ou utilizar os mesmos equipamentos públicos não é sinônimo de compor uma comunidade. Agnes Heller (2008) propõe a diferenciação entre grupos e comunidades. Um conjunto de pessoas em situações marcadas pelo acaso, em situações cotidianas, como estar na mesma sala para realizar um curso, por exemplo, formam um grupo. A autora acrescenta que, “na medida em que esses fatores deixam de ser casuais, na medida em que minha individualidade ‘constrói’ o grupo a que pertenço, ‘meus’ grupos convertem-se paulatinamente em comunidades” (p.91). Pertencer a uma comunidade não é algo obrigatório ao indivíduo, na concepção da autora. Feita a distinção, Heller conceitua o termo como

³⁸ Blog produzido por correspondentes comunitários interessados em contar histórias na região nas quais moram, em especial na periferia da Grande São Paulo e imediações. O projeto conta com a parceria da *International Center for Journalists* e transformou-se na primeira agência de notícias de jornalismo das periferias no dia 05 de novembro de 2015. Disponível em: <<http://agenciamural.com.br/>>. Acesso em: 15 nov. 2015.

³⁹ O conceito de comunicação popular será explicado adiante, ainda nesse capítulo.

⁴⁰ Disponível em: <<http://novoemfolha.blogfolha.uol.com.br/2015/09/17/quer-trabalhar-como-voluntario-veja-como-participar-de-projetos-de-jornalismo-comunitario/>>. Acesso em: 21 set. 2015.

uma unidade estruturada, organizada, de grupos, dispendo de uma hierarquia homogênea de valores e à qual o indivíduo pertence necessariamente; essa necessidade decorre do fato de se 'estar lançado' nela ao nascer, caso em que a comunidade promove posteriormente a formação da individualidade, ou de uma escolha relativamente autônoma do indivíduo já desenvolvido (2008, p.96).

Falar sobre comunidades perpassa também pela ideia de identidades, conforme relembra Stuart Hall:

O termo 'comunidade' (como 'em comunidades de minorias étnicas') reflete precisamente o forte senso de identidade grupal que existe entre esses grupos. Entretanto, isso pode ser algo perigosamente enganoso. Esse modelo é uma idealização dos relacionamentos pessoais dos povoados compostos por uma mesma classe, significando grupos homogêneos que possuem fortes laços internos de união e fronteiras bem estabelecidas que os separam do mundo exterior. As chamadas 'minorias étnicas' de fato têm formado comunidades culturais fortemente marcadas e mantêm costumes e práticas sociais distintas na vida cotidiana, sobretudo nos contextos familiar e doméstico. Elos de continuidade com seus locais de origem continuam a existir" (2003, p.65)

Ao ultrapassar limites geográficos e cotidianos, pode-se chegar a **comunidades de ideias**, construídas em movimentos populares, associações comunitárias, sindicatos e organizações do terceiro setor, de acordo com Peruzzo. O conceito aproxima-se da noção de **comunidades de sentido** exposta por Jeder S. Janotti Jr. (2005). Baseadas nas desterritorializações geográficas, elas são definidas como:

determinadas agregações de indivíduos que partilham interesses comuns, vivenciam determinados valores, gostos e afetos, privilegiam determinadas práticas de consumo, enfim, manifestam-se obedecendo a determinadas produções de sentido em espaços desterritorializados, por meio de processos midiáticos que utilizam referências globais da cultura atual." (p.119)

A ausência de compartilhamento físico presente no conceito tradicional de comunidade cede espaço ao partilhamento de imagens, posicionamentos corporais, vestuários e outras características em um território simbólico. A internet e as redes sociais digitais facilitaram a constituição de comunidades de sentido.

Em práticas que extrapolam os movimentos populares, a comunicação comunitária deve estabelecer vínculos identitários, não ter fins lucrativos e definir relações horizontais entre emissores e receptores. A produção de conteúdo deve ser voltada ao desenvolvimento da cultura, da educação e da cidadania. Peruzzo ressalta que "a comunicação comunitária não acontece à parte, mas sim imbricada nos processos sociais mais amplos" (2009b, p.58). A participação ativa da

população e a propriedade coletiva dos meios de comunicação também integram as características da comunicação comunitária.

Assim como Peruzzo, Eduardo Y. Yamamoto (2008) também enxerga desvantagens no uso do termo comunitário. Para o autor, esse tipo de comunicação representa uma tentativa de ajuste à lógica capitalista. Apesar de considerar que as comunidades são articuladas para recuperar identidades no cenário contemporâneo, Yamamoto prefere ater-se a um conceito mais clássico de comunidade,

isto é, enquanto relação dialética com sociedade. Isso porque as vozes que evocam a comunidade - seja para assumir (ou atribuir) valores de grupo, seja para, através de um inflamado discurso, conseguir o consenso no (s) grupo (s) para atingir determinados objetivos - acabam definindo uma territorialidade discursiva, anulando os problemas trazidos pela vida em sociedade. Divisa-se aqui a relação entre a prática discursiva e a prática social: a primeira legitimando as ações da segunda. Esse sentido produz-se em sua própria realidade, isto é, no atual contexto social configurado a partir da fragmentação” (p.24)

As explicações para o caráter menos subversivo do termo comunitário também se encontram em sua formação ideológica. A conformação com o sistema social e com suas estruturas pré-estabelecidas é característica de uma comunidade. A noção de comunitário remete ainda à unificação e à homogeneização de mercados, segundo Yamamoto. Já o termo popular “procura formas de ruptura, por meio da construção de uma hegemonia popular” (2008, p.16). Em última análise, a comunicação popular pode ser considerada como evolução da comunitária:

Embora a comunicação comunitária apresente obstáculos à participação política e à ampliação dos espaços públicos (em que tais veículos compõem esse lugar), a perspectiva de construção de uma hegemonia popular tem na sua dinâmica interna um canal de possibilidades. Em outras palavras, pode-se dizer que o caminho para constituição da comunicação popular é a comunicação comunitária. É a partir da modificação desses espaços (da comunicação comunitária) que a comunicação popular pode auxiliar os grupos para uma possível transformação na estrutura social (p.18)

Para o autor, o caráter ideológico da comunicação comunitária é substituído pelo estilo utópico; os grupos sociais, pela sociedade de classe; a conciliação, pelo conflito e ruptura; a organização hierárquica, pela autogestão (p.29). Antes de compreender as demais nuances da comunicação popular, faz-se necessário entender as subdivisões presentes nesse conceito.

2.3.2. Dimensões comunicacionais populares

O termo **popular** não se configura de forma unânime. Entre as perspectivas possíveis de estudo, encontram-se o popular-alternativo, o popular-folclórico, o popular-massivo e o caráter popularesco-sensacionalista. Martín-Barbero (2004) propõe que o foco no objeto comunicacional deve ser substituído pela atenção ao processo de análise de comunicação a partir do popular. Para o autor, o conceito refere-se ao “lugar”

desde o qual se pode historicamente abarcar e compreender o sentido adquirido pelos processos de comunicação, tanto dos que superam o nacional “por cima”, isto é, os processos-macro que o lançamento de satélites e as tecnologias de informação envolvem, como aqueles que o superam “por baixo”, desde a multiplicidade de formas de protesto “regionais”, locais, ligadas à existência negada, porém viva, da heterogeneidade cultural. O popular não tem nada a ver, portanto, com o sentido de marginalidade do qual não conseguiram libertar-se certas reflexões sobre a comunicação alternativa, e que remete, em última instância, a teorias sobre a cultura da pobreza que são verdadeiras armadilhas” (p.127-128)

Martín-Barbero dedica-se às relações entre **popular e maciço (ou massivo)**, definidas por Peruzzo (2009b) como culturalistas (manifestações culturais do povo), popularescas (preocupação com a audiência que pode resultar no sensacionalismo) e de utilidade pública (esclarecimento de problemas de bairros e/ou de interesse local, com viés mobilizador e motivacional). Hall (2003) também destaca os diferentes significados atribuídos ao termo e dá atenção à definição comercial ou de mercado, que considera algo popular “porque as massas o escutam, compram, lêem, consomem e parecem apreciá-lo imensamente” (p.253). Ele também denomina as intersecções entre popular e maciço como um novo tipo de imprensa comercial popular. Surgida na virada do século XIX para o XX, a produção jornalística reconstituiu relações políticas entre opressores e oprimidos, estabeleceu um estilo democrático de vida e resultou, a longo prazo, em

(...) uma imprensa popular, que quanto mais se encolhe mais se torna estridente e virulenta; organizada pelo capital ‘para’ as classes trabalhadoras; contudo, com raízes profundas e influentes na cultura e na linguagem do ‘João ninguém’, ‘da gente’; com poder suficiente para representar para si mesma esta classe da forma mais tradicionalista” (p.251)

Hall desconstrói a noção habitual de cultura popular, ligada ao popular-folclórico⁴¹. A noção de transformação cultural é a primeira a ser refutada. Não se trata de reeducação ou moralização, mas sim de marginalização de práticas culturais. Atentar-se ao fato de que as indústrias culturais têm consciência de que não trabalham com telas em branco também é fundamental para compreender a complexificação do popular. Nesse sentido, a atuação do popular-maciço foca-se em invadir e retrabalhar “as contradições internas dos sentimentos e percepções das classes dominadas” (2003, p.255). Para Hall, a cultura popular só importa porque é um dos lugares onde o socialismo pode ser constituído.

No universo da comunicação contrária ao posicionamento político-ideológico do *status quo*, a dimensão mais próxima da realidade é o **popular-alternativo**. Nessa classificação, o povo é visto como um conceito dinâmico, o qual forma movimentos sociais populares para lutar por direitos de cidadania. Já a dimensão do **popular-folclórico** encontra-se mais distante e delimitada, com manifestações culturais tradicionais do povo.

Assim como a comunicação alternativa, os termos “comunitário” e “popular” não são suficientes para englobar o trabalho realizado pelo *Periferia em Movimento*. Pode-se afirmar que o público-alvo do site constitui-se em um grupo formado por moradores de locais periféricos da capital paulista composto por comunidades. Na série *À margem da margem*, retratam-se índios, imigrantes, idosos, viciados em drogas, transexuais, pessoas com deficiência, religiosos, ateus, entre outras comunidades. A propriedade desse meio de comunicação, entretanto, não é coletiva. Além disso, as relações entre emissores e receptores não são horizontais, conforme proposto por Peruzzo (2009b). O leitor pode encaminhar sugestões e interagir com os produtores de conteúdo do site, mas a decisão pela publicação ainda cabe aos integrantes do *Periferia em Movimento*. Já a classificação “popular” faz sentido à medida que o coletivo promove comunicações a partir das periferias paulistanas, ou seja, os próprios jornalistas são moradores dessas regiões. Além disso, constata-se a busca pela hegemonia popular por meio das reportagens publicadas⁴². Tais características aproximam a produção jornalística do coletivo do caráter popular-alternativo.

⁴¹ O termo é usado por Peruzzo e será explicado adiante.

⁴² A característica será esclarecida na análise crítica de discurso, no capítulo 3.

Diante da variedade de dimensões comunicacionais populares e das problematizações ligadas ao conceito de comunidade, Downing (2008, p.75) percebe que os termos mais ocultam do que revelam. Ao se falar em mídia comunitária ou popular, exclui-se a mídia tradicional, mas pouco se revela acerca do significado e características dessas expressões.

2.3.3. Além do alternativo, comunitário e popular: o radical

Falar em **mídia radical** consiste em pensar um processo social, estético, cognitivo e tecnológico que extrapola as limitações do popular, alternativo e/ou comunitário. Um dos diferenciais em relação às classificações anteriores é a abolição da distinção absoluta entre produtores e receptores. O rompimento de regras também é essencial para configurar o caráter radical à comunicação produzida, a qual sempre é ativa.

As finalidades da mídia radical, em especial a alternativa, consistem na expansão do âmbito de informações, reflexões e trocas a partir dos limites hegemônicos e, em geral, estreitos da mídia convencional; na sensibilidade às vozes e aspirações dos excluídos; na expressão mais espontânea de pontos de vista ridicularizados na mídia oficial; e na ausência de censura para atender interesses externos, como os de “mandachuvas da mídia” (2002, p.81), do Estado ou de autoridades religiosas. Há também a preocupação com os formatos⁴³ para a veiculação de mensagens, com prioridade para os de baixo custo. Entre eles, o mais acessível é o discurso voltado para propósitos públicos.

Downing inspirou-se na obra “Dos meios às mediações”, de Martín-Barbero, para jogar as primeiras luzes sobre o pouco explorado universo da mídia radical. Apesar das críticas ao termo “popular”, o autor enxerga na cultura popular a matriz genérica da mídia radical alternativa (2002, p.41). Assim como os autores dos estudos culturais latino-americanos, Downing recorre à concepção gramsciana de hegemonia. A teoria da mídia é complementada pelas noções de poder, resistência, movimentos sociais, esfera pública, redes⁴⁴, comunidade, democracia e diálogo.

⁴³ Na tapeçaria da mídia radical apresentada por Downing, são citados os seguintes formatos de comunicação: discurso público, dança, anedotas, canções, grafite, vestuário, teatro popular, arte performática, culture-jamming, imprensa, xilogravuras, gravuras satíricas, volantes, fotomontagem, cartazes, murais, filme, vídeo e a denominada “internet radical”.

⁴⁴ O conceito de redes será explorado no capítulo 2.

Para iniciar a sistematização da mídia radical, Downing propõe um hexágono, composto por: **talento e vigor artísticos**; níveis de memória; realidades pragmáticas; movimentos sociais; duração; e estrutura de poder. A primeira ponta é formada por iniciativas criativas e dialógicas, com perfil semelhante ao das bombas mentais - curtas e fáceis de memorizar. Os **níveis de memória** constituem o lado referente “à divisão da mídia radical em efêmeras e de longo de prazo” (p.490). As **realidades pragmáticas** são os vértices nos quais o desafio é manter a dinâmica organizacional dos movimentos e suas respectivas mídias ao longo do tempo. Em níveis locais e globais, os **movimentos sociais** “são o sangue que dá vida a essas mídias, e estas, por sua vez, são o oxigênio dos movimentos.” (p.492). A **duração** é o lado da controvérsia dentro da teoria da mídia radical. Como a energia depositada nos projetos passa por transformações ao longo do tempo, os conteúdos, produções e interações com os movimentos sociais passam por modificações ao longo do tempo.

Já a **estrutura do poder** refere-se às relações estabelecidas entre mídia radical e o poder estabelecido do Estado, da religião oficial, dos partidos políticos, do patriarcado, do capitalismo global e seus respectivos núcleos transnacionais. Um dos exemplos é a *culture-jamming*, prática desenvolvida nos Estados Unidos a partir da década de 1990 na qual se ataca a cultura midiaticizada por meio de intervenções em *banners* e *outdoors* publicitários e outros espaços públicos urbanos. Os adeptos da *culture-jamming* também utilizam o telefone e a internet como instrumentos de protesto. Downing (2002) relata que ativistas ligavam para programas norte-americanos no formato *talk-show* para ocupar o horário de transmissão com questões políticas e tabus sexuais, temas não retratados nesses espaços televisivos. O hexágono da mídia radical compõe uma superfície na qual se trata “da importância de todos os meios de comunicação rebeldes àqueles que não têm voz oficial” (p.498). O modelo ainda está em formação e constitui-se ainda na viga mestra da estrutura da comunicação democrática, segundo o autor.

Assim como a mídia radical, o jornalismo praticado pelo *Periferia em Movimento* extrapola os limites da comunicação popular, alternativa ou comunitária. Nenhuma das três classificações contempla, de forma separada, as características do coletivo. Entretanto, a teoria da mídia radical não pode ser aplicada de forma completa às produções do *Periferia em Movimento*: ainda há distinção entre produtores e receptores, apesar do incentivo à participação e produção dos leitores

do site e demais moradores das periferias paulistanas. Não existe rompimento de regras, mas sim um movimento contra-hegemônico de comunicação. Por outro lado, constata-se sensibilidade às aspirações e vozes dos excluídos e há preocupação com o uso de formatos mais baratos⁴⁵.

2.3.4. Jornalismo participativo

Com a premissa de transformar cidadãos em produtores de informação, o **jornalismo participativo** não é, necessariamente, contra-hegemônico, apesar de ter potencial para tal engajamento. O envio de sugestões de pauta por meio de textos, fotos, vídeos e/ou áudios - com caráter de denúncia ou divulgação - pode favorecer a interculturalidade, a criação do espaço midiático multicultural e a construção de representações plurais, mas nem sempre expressará as lutas de setores empobrecidos da população e demonstrará interesse pelos marginalizados. Os papéis de produtores e receptores de conteúdo já não são tão rígidos, mas não chegam aos padrões propostos pela teoria da mídia radical.

Também chamada de jornalismo colaborativo, a prática social foi facilitada pela ascensão das novas tecnologias da informação e da comunicação e da sociedade em rede⁴⁶. Além dos e-mails e websites de notícias, outras plataformas favorecem a conversa e troca de informações entre jornalista e público. Walter Teixeira Lima Júnior (2009) destaca o papel das mídias sociais digitais⁴⁷ como responsáveis pelo aumento da interatividade entre usuários e produtores de conteúdo informativo. Virgínia Fonseca e Cristiane Lindeman (2007) denominam o fenômeno como jornalismo participativo na Internet ou webjornalismo participativo e consideram-no próximo às propostas de jornalismo comunitário e imprensa alternativa, pois “a idéia de participação é, justamente, descentralizar a emissão, oportunizando que mais vozes tenham vez no espaço público” (p.88). Os autores

⁴⁵ Os formatos utilizados pelo *Periferia em Movimento* serão detalhados no capítulo 2.

⁴⁶ O conceito será retomado e explanado no capítulo 2.

⁴⁷ Segundo Lima Junior, “a mídia social é um formato de Comunicação Mediada por Computador (CMC) que permite a criação, compartilhamento, comentário, avaliação, classificação, recomendação e disseminação de conteúdos digitais de relevância social de forma descentralizada, colaborativa e autônoma tecnologicamente. Tem como principal característica a participação ativa (síncrona e/ou assíncrona) da comunidade de usuários na integração de informações, visando à formação de uma esfera pública interconectada.” (2009, p.174)

assumem que não há rupturas propriamente ditas entre jornalismo convencional e jornalismo participativo.

O *Periferia em Movimento* tem características participativas: há espaço para envio de pautas e/ou conteúdos produzidos por internautas em formato de áudio, foto, vídeo ou texto⁴⁸. Projetos como *À margem da margem* tiveram como pressupostos a participação dos moradores de regiões periféricas de São Paulo. Incentiva-se ainda que os receptores/ produtores enviem e-mails com dúvidas, críticas e sugestões ao coletivo. Os jornalistas também disponibilizam os números de celulares para que o público entre em contato diretamente com eles. Os dados estão presentes na seção “Liganóis”⁴⁹. Contudo, classificar a produção jornalística do *Periferia em Movimento* apenas como participativa implica em não privilegiar o caráter popular-alternativo e comunitário do site.

2.5. Jornalismo cidadão

Também conhecido como **jornalismo de fontes abertas** (*open source journalism*), a prática aproxima-se da vertente participativa por ser propensa/ aberta “a quaisquer indivíduos e grupos sociais para que externem opiniões sobre quaisquer temas” (TARGINO, 2009, p.58). Lima Júnior (2009) explica que o jornalismo cidadão é elaborado por pessoas com formação em outra área profissional ou educacional, sem treinamento específico na área. Não há remuneração para quem se dedica à atividade. No jornalismo cidadão, existe ainda o trabalho de capacitação de jornalistas dentro de uma comunidade. Em suma, a vertente jornalística cidadã é pautada, reportada e editada por pessoas não treinadas na área.

A participação não anula procedimentos jornalísticos, como a apuração e a checagem. Maria das Graças Targino esclarece que:

É o homem como centro da difusão de informações, reiterando o jornalismo cidadão, desde a coleta e análise de dados até a produção e veiculação, dentro de princípios éticos de independência do movimento colaborativo, mas de cuidado e veracidade do material. Abrir mão da busca de credibilidade é o mesmo que abrir espaço para a difusão de mentiras e, então, abrir mão do termo jornalismo, para não desrespeitar a atividade de muitos profissionais. (2009, p.73)

⁴⁸ Disponível em: <<http://periferiaemmovimento.com.br/envie-seu-conteudo/>>. Acesso em: 15 set. 2015.

⁴⁹ Disponível em: <<http://periferiaemmovimento.com.br/entre-em-contato/>>. Acesso em: 17 out.2015.

A prática mais próxima à produção cidadã de notícias é o **jornalismo cívico ou público**. Nesse caso, o responsável por escrever é o jornalista formado. Paul Voalkes (2004, on-line) *apud* Lima Júnior (2009, p.178) aponta que o profissional escolhe ideias e histórias dos cidadãos sem perder a liberdade de escolha de cobertura; examina formas alternativas de construir histórias sobre questões importantes da comunidade; seleciona formatações para simular o debate cidadão e construir a compreensão sobre questões; reporta problemas públicos de forma a contribuir e avançar com as soluções; e presta atenção para que sua comunicação seja correta e crível para o público.

No *Periferia em Movimento*, verifica-se tanto a presença do jornalismo cidadão como o da vertente cívica ou pública. No primeiro caso, os moradores já realizaram produções audiovisuais próprias por meio da Oficina de Cinema Amador (OCA) e reportagens coletivas. Em junho de 2013, durante a terceira edição da Virada Sustentável, crianças e adolescentes com idade entre 6 e 18 anos entrevistaram moradores de Marsilac, o distrito paulistano mais distante do centro⁵⁰. Em 2014, outra oficina de jornalismo com características semelhantes promovida pelo *Periferia em Movimento* também envolveu crianças e adolescentes entre 4 e 17 anos. Na ocasião, o local retratado na reportagem foi o Jardim Monte Verde, península banhada pela Represa Billings, no Grajaú, zona sul da cidade⁵¹. Em uma das oficinas do projeto Repórter da Cidade, foi a vez dos indígenas guaranis produzirem material jornalístico de forma coletiva sobre a aldeia Tenondé-Porã⁵². Há ainda o projeto “Repórter da Quebrada - Jornalismo cidadão conectando o Extremo Sul”. A iniciativa tem traços educacionais⁵³ e é voltada prioritariamente a adolescentes e jovens com idade a partir dos 13 anos dos bairros do Colônia (Parelheiros), Grajaú, Cidade Dutra e Jardim Primavera (Interlagos). Já o jornalismo cívico é a base da política editorial do *Periferia em Movimento*: leva-se em conta as ideias dos moradores sem a perda de autonomia dos jornalistas do coletivo; as histórias são contadas de modo amplo, com o objetivo de contribuir com a resolução

⁵⁰Disponível em: <<http://periferiaemmovimento.com.br/reportagem-coletiva-marsilac-o-distrito-mais-periferico-de-sao-paulo/>>. Acesso em: 04 abr. 2015.

⁵¹ Disponível em: <<http://periferiaemmovimento.com.br/jardim-monte-verde-da-insatisfacao-a-tranquilidade-no/>>. Acesso em: 04 abr. 2015.

⁵² Disponível em: <<http://periferiaemmovimento.com.br/reportagem-coletiva-indigenas-guaranis-noticiam-o-que-acontece-na-aldeia-tenonde-pora/>>. Acesso em: 04 abr. 2015.

⁵³ O conceito de educação será especificado no capítulo 2.

de problemas nas periferias⁵⁴; além disso, de modo geral, os materiais são construídos de modo a aumentar a percepção do público sobre os problemas das comunidades.

2.3.5. Jornalismo e ação cultural pela emancipação

O uso da prática jornalística como ação cultural pela emancipação também pode ser considerado como uma forma de expansão dos limites da comunicação popular, alternativa e/ou comunitária. Proposto por Dennis de Oliveira (2014), o **jornalismo emancipatório** tem o objetivo de superar a atual espetacularização da mídia por meio das ideias de Paulo Freire acerca da libertação.

Baseado na dialogia, o modelo tem três pressupostos como ponto de partida: o jornalismo como instante de compartilhamento de imediaticidades, no qual o indivíduo se enxerga como um agente da história; o afastamento do jornalismo em relação aos seus princípios originários, o que transformou o direito à liberdade de expressão em direito à liberdade de opinião; e a desregulação das relações produtivas, que transforma cidadãos em indivíduos consumidores. Deve-se tomar a posição do oprimido nessa *práxis* jornalística. Mais do que um jornalismo de denúncia, o modelo emancipatório preocupa-se com o registro de “como os seres humanos submetidos a este processo de opressão atuam em fenômenos singulares” (p.231-232). As fontes consultadas são “seres sociais, inseridos em determinados contextos e lugares que sinalizam para certas falas e atitudes” (p.231). As experiências cotidianas são mediadas pela interpretação crítica e perspectiva de emancipação.

A disseminação de ideologias é um ponto de divergência entre a imprensa alternativa e o jornalismo emancipatório, segundo Oliveira:

O fato da maioria dos projetos de jornalismo alternativo ou contra-hegemônico se preocuparem, principalmente, na disseminação das ideologias de contraposição, de desmascarar o sistema, de criticar por criticar e de propagandear as ações e posições dos grupos e segmentos subalternizados, em particular as suas entidades representativas. Com isto, o jornalismo contra-hegemônico se aproxima de um discurso de propaganda ideológica. Evidente que tal prática jornalística se explica quando é realizada dentro de órgãos de comunicação de entidades e partidos políticos, porém não se esgota aí as possibilidades do jornalismo. (p.233)

⁵⁴ A característica será explorada no capítulo 3.

Assim como as comunicações alternativas, comunitárias, populares e radicais, o jornalismo emancipatório é necessariamente engajado e apresenta olhares críticos de personagens, cotidianos e ambientes. Os limites do modelo decorrem de elementos estruturais do jornalismo, haja vista que a produção de notícias está inserida dentro de um sistema social opressivo e que a propaganda ideológica chega a superar os olhares críticos. Para Oliveira, não há a necessidade de levantar bandeiras, mas sim de superar opressões. Deve-se ainda enxergar o jornalismo como espaço. Segundo o autor, a visão instrumental da prática pode conduzir a estereótipos apocalípticos (jornalismo hegemônico como instrumento das classes dominantes) ou salvacionistas (jornalismo contra-hegemônico como instrumento de instrumento da ação ideológica revolucionária).

O *Periferia em Movimento* aproxima-se da prática do jornalismo emancipatório por ser engajado, tomar a posição dos oprimidos e não se preocupar apenas com o caráter de denúncia. Entre as classificações anteriores (comunicação alternativa, comunitária, popular, radical, participativa, cidadã e cívica), a característica emancipatória é a mais fiel às características da produção jornalística do coletivo. No manifesto do coletivo, cita-se que “Periferia em Movimento é busca por emancipação”⁵⁵. O *Periferia em Movimento* utiliza, inclusive, conceitos da educação libertária de Paulo Freire nas reportagens pertencentes à editoria Educação. Entretanto, há trechos das matérias introdutórias da série *À margem da margem* nos quais existe disseminação de ideologias contra-hegemônicas, em tom de propaganda ideológica⁵⁶.

2.3.6. Sistematizações

Com o objetivo de sistematizar os tipos de comunicação alternativas à mídia massiva comercial, à voz oficial (DOWNING, 2002) e ao aparato midiático dominante (HAUBRICH, 2015), Peruzzo (2009a) propôs uma divisão teórico-didática entre **comunicação popular, alternativa e comunitária** e **imprensa alternativa**. A primeira subdivide-se entre comunicação popular e comunitária e comunicação popular alternativa. Já a segunda é ramificada em: jornalismo popular alternativo (ou de base popular); jornalismo alternativo colaborativo (de informação geral ou

⁵⁵ Disponível em: <<http://periferiaemmovimento.com.br/manifesto/>>. Acesso em: 15 ago. 2015.

⁵⁶ A característica será objeto da análise crítica de discurso, presente no capítulo 3.

especializada); jornalismo alternativo autônomo; jornalismo político-partidário; e jornalismo sindical.

Peruzzo (2009a) alerta que:

(...) a categorização acima visa apenas facilitar a compreensão. Não serve para classificar e explicar toda e qualquer experiência, pois as práticas comunicativas de base popular e alternativa tendem a conjugar mais de uma dimensão. Também não serve para demarcar fronteiras inflexíveis onde elas inexistem, ou seja, na realidade concreta. (p.142)

De acordo com a autora, a **comunicação popular, alternativa e comunitária** ocorre em contexto de localidades, bairros e comunidades (presenciais ou virtuais) e visa ao estabelecimento da justiça social. Realizada por meio de iniciativas populares, movimentos sociais ou organizações civis sem fins lucrativos, é caracterizada pela distinção da mídia comercial massiva por conta dos conteúdos divulgados, formatos, sistemas de gestão e/ou participação da população e compromisso com o interesse público.

A **comunicação popular e comunitária** é realizada por movimentos sociais populares e comunidades de diferentes tipos. Sem fins lucrativos, possui participação ativa e horizontal na produção, emissão e recepção de conteúdos. De modo geral, as pautas têm caráter educativo, popular e mobilizatório. Por pertencer a uma comunidade ou movimento, o veículo submete-se às suas demandas.

Diferente do tipo apresentado acima, a **comunicação popular alternativa** não responde ou é assumida pela comunidade como um todo, apesar de envolver a participação de segmentos populares. Os projetos podem ser promovidos por organizações não-governamentais (ONGs), fundações, projetos de universidades, órgãos públicos, igrejas e iniciativas autóctones. As similaridades com a comunicação comunitária podem converter a comunicação popular alternativa como tal em estágios posteriores.

Já a **imprensa alternativa** engloba processos de comunicação essencialmente jornalísticos não-alinhados aos meios de comunicação convencionais, segundo Peruzzo. A autora observa certo distanciamento em relação a movimentos sociais e comunidades, apesar de afinidades político-ideológicas. A principal exceção é o grupo **jornalismo popular alternativo** (ou de base popular), que se situa no universo da comunicação popular, alternativa e comunitária e é considerado participativo.

Já o **jornalismo alternativo colaborativo** transmite “uma visão diferenciada e crítica dos acontecimentos que normalmente já são tratados pela grande mídia, além de temas omitidos por ela” (2009a, p.141). A autora alerta que o caráter colaborativo da imprensa alternativa é diferente em comparação com a mídia massiva comercial. No segundo caso, os espectadores podem enviar fotos, vídeos, e-mails ou cartas com a opinião sobre conteúdos transmitidos, entre outras possibilidades. No jornalismo alternativo colaborativo, voluntários podem alavancar propostas editoriais diferenciadas a partir da partilha e senso de ajuda instituídos e praticados. Peruzzo cita a revista *Viração*⁵⁷ e o jornal *Trecheiro*⁵⁸ como exemplos de atuação voluntária. Outra situação, possibilitada pela Web 2.0, é a produção própria de conteúdo seguida de publicação em plataforma on-line colaborativa. *Centro de Mídia Independente (CMI)*⁵⁹ e *Overmundo*⁶⁰ são considerados como práticas de jornalismo alternativo colaborativo em plataformas on-line, de acordo com a autora.

O **jornalismo alternativo autônomo** diferencia-se dos demais por ser produzido por indivíduos que atuam de forma isolada ou por microempresários. Assim como no grupo colaborativo, as editoriais são variadas. No **jornalismo político-partidário**, a produção de conteúdo atende aos interesses de partidos políticos, candidatos ou políticos em período de “mandato”. Há ainda o **jornalismo sindical**, cujos veículos são produzidos em sindicatos de trabalhadores e organizações similares.

A partir da sistematização realizada por Peruzzo, é possível aproximar o *Periferia em Movimento* das características da corrente da comunicação popular,

⁵⁷ Revista publicada pela ONG Viração Educomunicação desde março de 2013, com o envolvimento de jovens de todo o Brasil no processo de produção de notícias. Além da publicação impressa, a ONG disponibiliza versões virtuais e mantém a Agência Jovem de Notícias. A Viração recebe apoio do UNICEF, UNESCO, ANDI - Comunicação e Direitos e Núcleo de Comunicação da Universidade de São Paulo. Disponível em: <<http://www.viracao.org/viracao/>>. Acesso em: 15 nov. 2015.

⁵⁸ Mantido pela Associação Rede Rua, o jornal impresso é direcionado à população em situação de rua e conta com a colaboração de redatores diferentes. Com foco em comunicação alternativa, a Rede Rua de Comunicação conta ainda com acervo composto por documentários, fotografias, cartazes e outros materiais relacionados aos excluídos da sociedade. Disponível em: <<http://www.rederua.org.br/index.html>>. Acesso em: 15 nov. 2015.

⁵⁹ Criado em dezembro de 2000, o CMI denomina-se como alternativa consistente à mídia empresarial composta por produtores (as) independentes de mídia para a construção de uma sociedade livre, igualitária e sustentável. A iniciativa foi inspirada no *International Media Center (IMC)* e possibilita que qualquer pessoa disponibilize textos e materiais audiovisuais. Como lema do CMI, adota-se a frase: “Odeia a mídia? Seja a mídia!”. Disponível em: <<http://www.midiaindependente.org/pt/blue/static/about.shtml>>. Acesso em: 15 nov. 2015.

⁶⁰ Portal colaborativo voltado à cultura brasileira e a produção cultural de brasileiros ao redor do mundo. Dividido em quatro seções principais, o Overmundo possibilita que qualquer pessoa envie sugestões de serviços, reportagens, agenda, poemas, discos, músicas e outros materiais.

alternativa e comunitária. Dentro das subclassificações da vertente, há diálogo entre as práticas do coletivo com a comunicação popular alternativa por partirem da iniciativa de um grupo. Pode-se aproximar ainda as reportagens, artigos e projetos do *Periferia em Movimento* com o jornalismo popular alternativo. Entre as classificações listadas por Peruzzo, as mais distantes do coletivo são o jornalismo político-partidário e o sindical.

2.4. Jornalismo de quebrada

Em meio a nomenclaturas, reelaborações e hibridismos na comunicação participativa, alternativa e popular a qual se refere Martín-Barbero, o *Periferia em Movimento* cria uma nova denominação para a própria prática que realiza no universo on e off-line, representados pela internet e oficinas presenciais, respectivamente: o jornalismo de quebrada.

Para compreender as semelhanças e diferenças entre a vertente de quebrada e as demais classificações da comunicação contra-hegemônica, faz-se necessário recorrer ao significado do termo quebrada. De acordo com Alexandre Barbosa Pereira⁶¹ (2010), a palavra quebrada é utilizada para

referir-se aos bairros da periferia de onde vêm, tanto por pixadores como por outros jovens, principalmente os ligados ao hip hop. Essa denominação tornou-se, aliás, bastante popular e difundida entre os moradores de bairros da periferia de São Paulo de uma maneira geral. Embora a noção de quebrada se apresente como um modo particularizado de se referir a um determinado bairro e às relações específicas entre os moradores de uma localidade, ela remete também a uma disposição de apresentar o bairro onde se vive para quem é de fora, caracterizando-o como um lugar arriscado, hostil e perigoso para quem não pertence a ele e não conhece suas regras. A quebrada é, portanto, associada também à ideia de um bairro periférico pobre com altos índices de violência, onde não se deve desprezar as normas de conduta. (p.37)

Pereira observa ainda que o vocábulo está associado à dimensão de risco, pois “aqueles que nela residem correriam mais riscos e enfrentariam maiores adversidades, sendo, portanto, mais fortes” (p.45). Em algumas circunstâncias, o termo pode indicar ainda valorização do bairro no qual se reside e quebra com o

⁶¹ O autor foi entrevistado pelo *Periferia em Movimento* para a série *À margem da margem* e ganhou espaço para escrever um artigo sobre escola, juventude, funk e periferia no mesmo projeto. Entre a bibliografia disponível sobre o termo quebrada, Pereira é o que apresenta mais dados sobre a denominação. Nos demais casos, menciona-se que as periferias ganharam o apelido de quebrada em São Paulo, mas não se especifica detalhes sobre o conceito.

centro. Falar em quebrada pode configurar também a ideia de junção entre todas as periferias da metrópole.

No trabalho de conclusão de curso (TCC) que originou o *Periferia em Movimento*⁶², os jornalistas Thiago Borges e Aline Rodrigues, precursores e coordenadores do coletivo, ainda não citam a expressão jornalismo de quebrada, mas já apresentam uma visão formada sobre o papel da prática jornalística nas periferias:

o Jornalismo é a ferramenta para a disseminação dessas boas notícias, para contar histórias que valham a pena de forma ética e que ajude a promover novas ações para o bem comum e atitudes solidárias que contribuam para a formação de uma sociedade mais justa e democrática. (BORGES; CARNEIRO; SILVA; 2009, p.65)

A palavra “quebrada” está presente no cotidiano do *Periferia em Movimento*. O projeto educacional do coletivo ganhou o nome de “Repórter da Quebrada”. Projetos e oficinas também têm tal denominação: “Expressão da Quebrada”, “Oficina de jornalismo e diversidade nas quebradas”. O termo “jornalismo de quebrada” foi cunhado nos cursos de extensão oferecidos pelo *Periferia em Movimento*. A primeira experiência ocorreu em 2014, com sede física na Universidade Cruzeiro do Sul, no Campus Liberdade, e coordenação do coletivo. O investimento por aluno era de R\$ 450 por 40 horas/ aula. A receita obtida seria revertida para a continuidade das atividades do coletivo. O objetivo era

apresentar oportunidades de atuação a profissionais de comunicação⁶³ social e de outras áreas, ao mesmo tempo em que amplia o acesso das periferias aos meios de informação. No momento em que os moradores de periferias emergem como classe consumidora mas ainda lutam por direitos fundamentais, os profissionais têm a oportunidade de aprofundar seu conhecimento sobre a realidade urbana, encontrar novas formas de desenvolver seu trabalho e contribuir com a transformação social e emancipação de territórios periféricos. (*Periferia em Movimento*, on-line, 2014)

Em 2015, o curso foi oferecido na Faculdade Paulus de Tecnologia e Comunicação (FAPCOM). Com a mesma quantidade de horas/ aula, o valor do curso passou a ser R\$ 800. O aumento de aproximadamente 80% no valor da

⁶² O blog do *Periferia em Movimento* foi criado para a divulgação do documentário *Grajaú na construção da Paz*, trabalho de conclusão de curso apresentado por Aline Rodrigues, Sueli Carneiro e Thiago Borges como exigência parcial para a obtenção do diploma de bacharel em jornalismo na Universidade de Santo Amaro, em 2009. A história do coletivo será detalhada no capítulo 2.

⁶³ O erro de digitação está presente na versão original do texto, disponível em: <<http://periferiaemmovimento.com.br/inscreva-se-no-curso-jornalismo-de-quebrada/>>. Acesso em: 04 abr. 2015.

extensão universitária não é justificado pelo coletivo. Na ocasião, o conteúdo foi apresentado de forma mais detalhada, com uma lista de temas a serem abordados sob a perspectiva das quebradas:

- São Paulo, locomotiva do Brasil?;
- A dicotomia centro vs. periferia;
- Confinamento e repressão às populações periféricas;
- Resistência, cultura e identidade: movimentos pela emancipação das quebradas;
- Da sociedade de consumo à economia solidária;
- À margem da margem: a vida na periferia da periferia;
- O papel da mídia na construção e desconstrução de estereótipos;
- De dentro para dentro: fortalecendo as lutas periféricas a partir do exercício profissional.⁶⁴

Por meio dos temas listados acima e das características do coletivo elencadas anteriormente, é possível delinear as principais diretrizes⁶⁵ do jornalismo de quebrada⁶⁶:

Produções sobre, para e a partir das periferias paulistanas: os temas abordados pelo *Periferia em Movimento* tratam sobre temas das quebradas e/ou com abordagem customizada para esse público. Pode-se afirmar que os conteúdos têm origem periférica porque os jornalistas cresceram e residem em bairros periféricos. Thiago Borges vive no Grajaú, extremo sul da cidade, e Aline Rodrigues⁶⁷, no Campo Limpo, zona sul. De acordo com a linha editorial do veículo, as vivências dos repórteres influenciam os produtos jornalísticos finais.

⁶⁴ A lista está disponível em: <<http://periferiaemmovimento.com.br/extensao-universitaria-aborda-tematicas-das-periferias-urbanas/>>. Acesso em: 04 abr. 2015.

⁶⁵ As diretrizes jornalísticas, relacionadas aos tipos de fontes utilizadas, valores-notícia, organização editorial e histórias de vida serão especificadas por meio da pesquisa exploratória acerca da série *À margem da margem* no capítulo 3.

⁶⁶ Os exemplos dados a seguir têm como referência os anos de 2014 e 2015.

⁶⁷ A biografia dos autores está disponível no capítulo 2.

Democratização da comunicação sobre as quebradas paulistanas: um dos objetivos do jornalismo de quebrada é tirar a periferia da margem da mídia. Na seção “quem somos”⁶⁸, o coletivo relata que

Incomodados com a narrativa limitada, geralmente negativa e superficial, apresentada pela mídia convencional sobre nossa realidade, nos organizamos e amadurecemos enquanto coletivo para contar nossa própria história e lutar por uma mídia mais democrática e plural. (Periferia em Movimento, on-line)

Para reafirmar o compromisso com a pluralização midiática, o coletivo criou a editoria⁶⁹ “Democratização da Comunicação”. Os cursos também funcionam como instrumento de democratização de informações sobre as periferias. Na extensão universitária “Periferia na Mídia’: Análise da construção da cobertura midiática dos territórios periféricos”⁷⁰, 12 horas/ aula foram dedicadas às percepções sobre a cobertura jornalista hegemônica acerca das periferias. Na imagem relacionada ao curso, há o desenho de um balão indicativo de fala no qual há a frase “corta pra mim?”, em referência ao jornalista Marcelo Rezende e ao programa que ele apresenta na Rede Record, o Cidade Alerta.

Compartilhamento de conteúdo de midialivristas independentes: para fortalecer a democratização midiática, compartilham-se ainda materiais produzidos por outros grupos de comunicação independente. Em 2015, o *Periferia em Movimento* compartilhou reportagens do coletivo *Alma Preta*⁷¹ relacionadas ao assassinato de negros no Brasil⁷², redução da maioria penal⁷³, transparência midiática⁷⁴ e outros temas na editoria *Contra o Genocídio*. Nesse mesmo ano, iniciou-se a

⁶⁸ Disponível em: <<http://periferiaemmovimento.com.br/quem-somos/>>. Acesso em: 03 mar.2015.

⁶⁹ As editorias serão apresentadas e detalhadas no capítulo 2.

⁷⁰ Disponível em: <<http://periferiaemmovimento.com.br/periferia-na-midia-lancamos-um-curso-universitario-sobre-a-cobertura-midiatica-das-periferias/>>. Acesso em: 14 abr. 2015.

⁷¹ A equipe do site *Alma Negra* denomina-se como mídia negra e livre e publica reportagens relacionadas ao racismo na política, economia, cultura e esporte; visão da periferia sobre encarceramento e genocídio da população negra; e temas relacionados ao Continente Africano. Disponível em: <<http://almapreta.com/sobre/>>. Acesso em: 15 nov. 2015.

⁷² Disponível em: <<http://periferiaemmovimento.com.br/a-carne-mais-barata-95-negros-assassinados-por-dia-no-brasil/>>. Acesso em: 17 set. 2015.

⁷³ Disponível em: <<http://periferiaemmovimento.com.br/siga-o-dinheiro-o-real-interesse-por-tras-da-reducao-da-maioridade-penal/>>. Acesso em: 17 set. 2015.

⁷⁴ Disponível em: <<http://periferiaemmovimento.com.br/transparencia-midiatica-e-juventude-negra/>>. Acesso em: 17 set. 2015.

parceria entre *Periferia em Movimento* e *TV DOC Capão*⁷⁵ ⁷⁶. O coletivo também publica periodicamente vídeos da *TV Grajaú*⁷⁷. Em meio à polêmica da implantação de um aeroporto em Parelheiros, área de preservação ambiental de São Paulo, o *Periferia em Movimento* compartilhou o artigo de Ermínia Maricato e Mauro Scarpinatti, veiculado na *Carta Maior*⁷⁸ em abril de 2014⁷⁹. Na editoria temporária *Copa para Quem?*, o coletivo compartilhou a matéria do site *Outras Palavras*⁸⁰, redigida originalmente pelo *MTST*, sobre a luta por moradia no entorno da Arena Corinthians. Há ainda colaborações independentes, como o texto escrito por Guilherme Rocha sobre a agressão policial no 1º Ato Contra a Tarifa, promovido pelo *Movimento Passe Livre* no início de 2015⁸¹.

Caráter contra-hegemônico: Reportagens sobre educação e comunicação libertárias, arte e literatura periféricas, anarquismo, transexualidade, práticas econômicas diferentes do capitalismo existentes nas periferias, o tratamento dos assassinatos de moradores da periferia como genocídio e o próprio conceito de democratização da mídia exemplificam o caráter de comunicação contrária ao *status quo* presente no jornalismo de quebrada.

⁷⁵ Disponível em: <<http://periferiaemmovimento.com.br/tv-doc-capao-de-carona-pelos-caminhos-da-literatura-com-ferrez-o-escritor-marginal/>>. Acesso em: 19 out. 2015.

⁷⁶ A TV DOC Capão objetiva dar voz à comunidade do Capão Redondo e ser contraponto à mídia capitalista. Além dos vídeos, a equipe oferece oficinas de audiovisual e saraus. Disponível em: <<http://projetotvdoc.blogspot.com.br/p/sobre-radio-doc.html>>. Acesso em: 15 nov. 2015.

⁷⁷ Com o lema “informar, integrar e interagir”, a TV Grajaú é uma Web TV criada por integrantes do Movimento Humanista e aborda propostas e temas relacionados ao distrito do Grajaú. Disponível em: <<http://www.tvgrajau.com.br/p/quem-somos.html>>. Acesso em: 15 nov. 2015.

⁷⁸ Denominado como um portal de esquerda, o site *Carta Maior* nasceu durante a primeira edição do Fórum Social Mundial, em janeiro de 2001, e tem o compromisso com a contribuição para o desenvolvimento de um sistema de mídia democrática no Brasil. A publicação também se declara como “referência obrigatória de cobertura e análise jornalística crítica de fatos e movimentos ignorados ou distorcidos pela chamada grande mídia.” Disponível em: <<http://cartamaior.com.br/?/CartaMaior/Quem-Somos/14/>>. Acesso em: 15 nov. 2015.

⁷⁹ Disponível em: <<http://periferiaemmovimento.com.br/nao-e-de-um-aeroporto-que-o-extremo-sul-precisa/>>. Acesso em: 19 out. 2015.

⁸⁰ Voltado ao exame crítico da globalização, novas políticas de autonomia e os movimentos de ocupação das redes e ruas, o portal *Outras Palavras* foi lançado em 2009 e classifica-se como uma iniciativa de comunicação compartilhada ou de mídia livre. A linha editorial do site guia-se pelo pós-capitalismo, “por um lado frisando a obsolescência das lógicas associadas ao sistema ainda hoje hegemônico (mercantilização da vida, lucro como valor supremo, concentração de riquezas, redução da natureza a “recurso”) e por outro iluminando propostas e alternativas que vem surgindo em todos os planos da vida social”. Disponível em: <<http://outraspalavras.net/quem-somos/>>. Acesso em: 15 nov. 2015.

⁸¹ Disponível em: <<http://periferiaemmovimento.com.br/policiais-invadem-lanchonete-e-agridem-manifestantes-durante-ato-contra-tarifa/>>. Acesso em: 19 out. 2015.

Caráter participativo-cidadão: Em todos os projetos relacionados ao jornalismo de quebrada, devem existir formas de participação dos receptores/ produtores. Além das plataformas para sugestões de pauta e produção de conteúdo, há ainda espaço para comentários no site e na rede social digital *Facebook*. Nas parcerias com outros coletivos de comunicação, a preocupação com o caráter participativo também se faz presente. Em 2014, por exemplo, o *Periferia em Movimento* realizou uma oficina de jornalismo com alunos dos 8º e 9º anos da Escola Municipal Irineu Marinho, na Vila Prudente, zona leste. A atividade foi realizada em parceria com o coletivo *Vozes das Comunidades da Vila Prudente*⁸².

Emancipação de quebradas: Característica relacionada ao jornalismo emancipatório, o elemento relaciona-se com o tratamento além da denúncia e do relato de fatos. No modelo do jornalismo de quebrada, as representações comunicacionais devem tomar a posição do oprimido, tratar as fontes como seres sociais e valorizar e contextualizar as experiências cotidianas. No manifesto do *Periferia em Movimento*, cita-se que a busca por emancipação consiste, de forma metafórica e representativa, na “catraca pulada, lona esticada, recado pixado no muro da escola./ Passo apertado, punho cerrado, esperança no peito e sorriso no rosto.”

Disputa de imaginários: Um dos objetivos do jornalismo de quebrada é promover reflexões e/ou desconstruir estereótipos das periferias. Nesse sentido, a disputa de imaginários trava-se entre as práticas jornalísticas hegemônicas e contra-hegemônicas. O compartilhamento de conteúdos midialivristas independentes, as pautas contra-hegemônicas, o caráter participativo-cidadão e a proposta de emancipação de quebradas são ferramentas utilizadas pelo jornalismo de quebrada em tal competição.

Incorporação de gírias: A disputa de imaginários também implica na aproximação linguística com o público-alvo. O uso de gírias é o recurso utilizado pelo jornalismo de quebrada para promover o avizinhamo comunicacional com os receptores/

⁸² Com o lema “das favelas, para as favelas, pelas favelas”, o coletivo *Vozes das Comunidades da Vila Prudente* declara-se como “um canal de formação de público, difusão e apoio das ações sociais, culturais, políticas e econômicas”. Disponível em: <<https://asvozesdavidaprudente.wordpress.com/sobre/>>. Acesso em: 15 nov. 2015.

produtores. Termos como “tá rolando”, “anotaí”, “liganóis”, “tá bombando” e o próprio uso do vocábulo “quebrada” são exemplos da utilização da ferramenta.

Preocupação com a informação e formação do leitor: Além da criação de uma agenda de eventos da periferia, o jornalismo de quebrada tem preocupações com a formação do receptor/ produtor, característica da comunicação alternativa. Termos como genocídio, identidade, resistência, gênero, economia solidária, capitalismo, anarquismo e outros referenciais teóricos acadêmicos⁸³ marcam presença nas páginas do *Periferia em Movimento*.

Militância pela garantia dos direitos fundamentais: a tomada de posição a favor dos oprimidos marca também a busca por transformações sociais no jornalismo de quebrada. Além da formação do receptor/ produtor, procura-se ainda informar acerca dos direitos humanos por meio de histórias de opressão e resistência.

Adaptação do conceito de periferia: para o jornalismo de quebrada praticado pelo *Periferia em Movimento*, o termo periferia não se refere apenas aos bairros e distritos distantes do centro geográfico da cidade, mas também àqueles “todos que não nos enquadraram no modelo de sociedade pregado como ideal”⁸⁴.

Especificidade geográfico-espacial: entre os modelos de comunicação contra-hegemônica apresentados ao longo deste capítulo, o jornalismo de quebrada diferencia-se por unir características da comunicação popular, alternativa e comunitária, com ênfase no jornalismo popular alternativo, fragmentos da mídia radical, características participativas, projetos de jornalismo cidadão e adequação ao modelo do jornalismo emancipatório. Além desses hibridismos, verifica-se ainda a delimitação geográfico-espacial na proposta do jornalismo de quebrada: falar a respeito das quebradas da cidade de São Paulo, com espaços esporádicos para a Grande São Paulo e interior do Estado. Antes de se tornar um site, o *Periferia em Movimento* destacava o bairro no qual o evento aconteceria no título da matéria.

⁸³ Na análise crítica de discurso da série *À margem da margem*, verifica-se a presença de alguns desses termos. No capítulo 3, debate-se os momentos em que há ou não explicações didáticas sobre os temas.

⁸⁴ Na série *À margem da margem*, as representações jornalísticas sobre as cracolândias do centro de capital paulista são exemplos de extensões do vocábulo “periferia”.

Mesmo com o site reformulado, os bairros, distritos e regiões são destacados nas reportagens. Tal especificidade, acompanhada da dicotomia centro/ periferia, dialoga com elementos presentes nas Geografias da Comunicação.

3. Geografias do jornalismo de quebrada: cartografias, dicotomias e redes

“A Geografia precisa da Comunicação para se fazer conhecer, difundir, atualizar; a Comunicação não pode funcionar sem o suporte da Geografia para distribuir conteúdos, provocar sensações, emocionar, surpreender.”

(José Marques de Melo)

3.1. Geografias e Comunicações: diálogos possíveis

Relações culturais e comunicacionais necessitam de espaços, tempos, lugares e territórios para acontecerem. Os mapas teóricos que demonstram a relação tempo-espaço em meio às mediações sociocomunicativas da comunicação e da cultura encontram-se no campo denominado **Geografias da Comunicação**. Interpretada como espaço de observação da mídia e das culturas, a área é guiada pelos questionamentos: “como a comunicação produz o espaço?” e “como o espaço produz a comunicação?”⁸⁵.

Para Sonia Virgínia Moreira (2012), falar em geografias implica em considerar a realidade como plural, por conta das múltiplas faces, das conectividades e das interculturalidades sociais. Segundo a autora:

As geografias da comunicação tratam desse contexto: privilegiam o espaço (e, nele, os fluxos informativos e as mediações tecnológicas) como campo de observação das interações reais e simbólicas entre pessoas e pessoas, entre pessoas e indústrias, entre pessoas e Estados, entre pessoas e ambientes. A política, a economia, a sociologia, a antropologia e a história são disciplinas-âncora dos estudos reunidos sob o guarda-chuva das geografias da comunicação – assim, no plural, como manifestação precisa das suas múltiplas implicações. (p.16)

Na ementa do grupo de pesquisas sobre o tema na Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares de Comunicação (INTERCOM), define-se que os temas pertinentes ao campo são: espaços; comunicação local, regional, internacional e intercultural; fronteiras midiáticas; comunidades em redes; diáspora e mídia; geografia humana e estudos de mídia. O **jornalismo de quebrada** pode ser analisado sob a perspectiva da comunicação regional e intercultural, do espaço geográfico paulistano e das comunidades em redes. Análises de meios de

⁸⁵ Para a análise crítica de discurso do jornalismo de quebrada, o foco será a pergunta “como o espaço produz a comunicação?”.

comunicação públicos e privados, pesquisas comparadas de sistemas e grupos midiáticos, legislação de mídia e outros aspectos de convergência midiática podem ser considerados como objetos de estudo da área⁸⁶.

No século XXI, a globalização, as novas tecnologias comunicacionais, a comunicação interpessoal e a importância dos meios na sociedade são eixos de destaque nas Geografias da Comunicação, de acordo com Paulo Celso da Silva (2012). Para o autor, a noção de espaço é de interesse recorrente no âmbito das mutações da realidade imediata (p.113). Silva dedica-se ainda a analisar a importância e a relação da produção intelectual de Milton Santos para o campo da Comunicação.

Por meio da Geografia Crítica de Santos, a qual substitui a memorização de nomes pelo entendimento do espaço social e da cidadania, chega-se a conceitos como território, espaço geográfico, fluxos de informações e meio técnico-científico-informacional. Apesar de não ter usado o termo “geografias da comunicação”, as reflexões de Santos contribuem para a compreensão das formas pelas quais o espaço produz relações comunicacionais, assim como a comunicação cria novos espaços.

Para o entendimento dos processos de construção de representações de uma comunidade ou lugar por veículos de comunicação, é necessário compreender os conceitos de **espaço geográfico e território**.

Principal objeto de estudo da Geografia⁸⁷, o espaço geográfico é definido por Milton Santos como a natureza humanizada ou artificial. Rhalf Braga (2007) descreve o pensamento de Santos acerca do conceito como acumulação desigual de tempos, caracterizada pela “relação homem/natureza ou homem/espaço mediatizada pelo trabalho e a produção de mercadorias (o espaço é também mercadoria)” (p.69). Santos considera que o cotidiano também pode ser classificado como espaço geográfico. Há ainda a diferença entre espaço geográfico e **espaço social**. No primeiro caso, Girard (2008) aponta que, no primeiro caso, “ações e objetos são indissociáveis e não podem ser considerados separadamente”. Diante

⁸⁶ A ementa completa do grupo está disponível em:

<http://www.geografias.net.br/pdf/livros/colecao_gps_3.pdf>. Acesso em: 03 ago. 2015.

⁸⁷ Rhalf Braga mapeou a crise epistemológica em torno do conceito de espaço geográfico por meio de definições adotadas por Jean Brunhes, David Harvey, Pierre Moinbeg, Paul Claval, Milton Santos e outros autores que contribuíram, ao longo da história, para os debates sobre o termo. No final de seu artigo, Braga concluiu que “o espaço geográfico é o contínuo resultado das relações sócio-espaciais.” (p.71)

disso, pode-se afirmar que o espaço social - objeto geral de estudo dos sociólogos - está inserido no espaço geográfico.

Dentro da perspectiva crítico-social, Santos trabalha ainda com a ideia de **espaço territorial**, o qual engloba a presença de um Estado, de um espaço e de uma ou mais nações, conforme explica Girard (2008). Desse modo, considera-se o território como a base material do espaço geográfico. Santos (2009) complementa que o território:

(...) não é apenas o resultado da superposição de um conjunto de sistemas naturais e um conjunto de coisas criadas pelo homem. O território é o chão e mais a população, isto é, uma identidade, o fato e o sentimento de pertencer àquilo que nos pertence. O território é a base do trabalho, da residência, das trocas materiais e espirituais e da vida, sobre os quais ele influi. Quando se fala em território deve-se, pois, de logo, entender que está se falando em território usado, utilizado por uma dada população. (p.96)

Nos mapas das Geografias da Comunicação, os espaços geográficos, sociais e territoriais interconectam-se e dão base para o surgimento de estruturas urbanas variadas, como cidades midiáticas globais, cidades virtuais e lugares periféricos.

3.1.1. Quebra-cabeças urbanos

Habitar e pensar (sobre) as cidades é um desafio metodológico, na visão de Martín-Barbero (2004). Reflexões sobre totalidade/ fragmentos, público/ privado, continuidade/ ruptura, inclusão/ exclusão e centro/ periferia são escolhas a serem feitas por um pesquisador que se propõe a analisar quebra-cabeças urbanos. De forma contextual, esses e outros elementos devem ser considerados se o espaço em questão for uma **cidade midiática global**.

Moreira (2012, p.14) enumera algumas das características desse modelo de espaço geográfico: elas nascem vinculadas à cultura urbana, mas apresentam características intermediárias entre os modos de vida da cidade e do campo. Os estilos de vida dos habitantes são diversos, o que cria condições para ambientes de serviço e entretenimento e atrai modelos variados de desenvolvimento econômico. Índices de produção, oferta de serviços e desenvolvimento de projetos de mídia para distribuição internacional caracterizam as cidades midiáticas globais, as quais abrangem a indústria midiática de forma total.

Além de ser uma capital de interculturalidades, São Paulo também pode ser considerada como uma cidade midiática global. Comunicação e cultura articulam-se

na capital paulista. Os aspectos intermediários entre os modos de vida urbano e rural encontram-se em bairros localizados nas extremidades da metrópole: na zona sul, o distrito do Grajaú, local mais populoso de São Paulo segundo o Censo 2010 e tema do documentário desenvolvido pelos jornalistas do *Periferia em Movimento* como TCC, pode ser considerado como uma área de transição entre urbano e rural⁸⁸. Ao longo da Avenida Belmira Marin, principal via da região, até as margens da Represa Billings, existem 74 favelas^{89 90}, segundo o Infocidade⁹¹, banco de dados da Secretaria Municipal de Desenvolvimento Urbano (SMDU). Ao norte, estão localizados os bairros de Interlagos, Cidade Dutra, Socorro e Santo Amaro. A oeste, chega-se aos bairros que formam o Jardim Ângela e, a leste, o distrito faz divisa com o município de São Bernardo do Campo. Ao sul, encontram-se os distritos de

⁸⁸ No campo da Geografia, a transição rural-urbana é problematizada desde o início do século XX. Para este trabalho, utiliza-se a visão de Bernard Kayser (1990) como pressuposto: o rural-urbano é composto por trechos descontínuos e dinâmicos. Deslocamentos pendulares, transformação do solo rural em solo urbano e estratégias de propriedade de terra são fatores levados em conta nas análises desses espaços. Lívia Miranda (2009) desenvolveu um estudo sobre o planejamento nas áreas de transição rural-urbana e apresentou as tentativas de conceitualizações nessa área. A autora destaca que “as dificuldades na caracterização do território rural-urbano se devem principalmente a sua dispersão, diversidade de processos, continuidades e descontinuidades, e a sua baixa densidade. Dessa forma, não é possível delimitá-lo de maneira integral.” (p.32).

⁸⁹ O Grajaú é o sexto distrito paulistano com o maior número de favelas de São Paulo. A Brasilândia conta com a maior concentração de aglomerados subnormais da cidade, com 94 favelas. O distrito é seguido de Capão Redondo (86), Cidade Ademar (86), Jardim Ângela (84) e Jardim São Luís (75).

⁹⁰ A utilização do termo “favela” em detrimento da palavra “comunidade” implica em debates antropológicos e sociológicos no âmbito acadêmico. Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), favela é um dos sinônimos aplicados ao conceito de aglomerado subnormal, cuja definição é “um conjunto constituído de, no mínimo, 51 unidades habitacionais (barracos, casas...) carentes, em sua maioria de serviços públicos essenciais, ocupando ou tendo ocupado, até período recente, terreno de propriedade alheia (pública ou particular) e estando dispostas, em geral, de maneira desordenada e densa”. A explicação acerca dos aglomerados subnormais existe desde 1987. Mesmo assim, a Prefeitura do Município de São Paulo utilizou a palavra “favela” em todos os documentos oficiais publicados entre 2008 e 2010. Para discutir o uso deste termo, o Observatório de Favelas lançou o documento “*O que é favela, afinal?*”. A organização enumera 13 características sociológicas e geopolíticas desses espaços e enfatiza que “uma definição de favela não pode deve ser construída em torno do que ela não possui em relação ao modelo dominante da cidade”, mas sim “devem ser reconhecidas em sua especificidade sócio-territorial e servirem de referência para a elaboração de políticas públicas apropriadas a estes territórios” (2009, p.22). Ressalta-se ainda que o termo comunidade pode ser ambíguo por conta de sua amplitude teórica. Birmann (2008), Freire (2008), Maricato (2009) e Silva (2013) utilizam a palavra “favela” em detrimento de “comunidade”. Por meio da busca do site do *Periferia em Movimento*, constata-se que a palavra “comunidade” foi usada em títulos de matérias do coletivo quatro vezes entre 2014 e 2015, uma delas na série analisada nesse trabalho. Já o vocábulo “favela” foi citado nove vezes no mesmo período, duas delas em reportagens de *À margem da margem*.

⁹¹ Disponível em:

<http://infocidade.prefeitura.sp.gov.br/htmls/9_distribuicao_das_favelas_2014_516.html>. Acesso em: 18 nov. 2015.

Parelheiros⁹² e Marsilac, que englobam as Áreas de Preservação Ambiental (APAs) Bororé-Colônia⁹³ e Capivari-Monos⁹⁴.

A variedade de serviços, comércios e entretenimentos na metrópole é outro traço que caracteriza São Paulo como cidade midiática global. A capital paulista conta com um evento a cada seis minutos; 282 salas de cinema; 9 cineclubes e salas especiais de cinema; sete casas de espetáculo (acima de 300 lugares); 4 grandes casas de espetáculo; 15 mil restaurantes que representam 52 tipos diferentes de cozinhas; 4500 pizzarias, que produzem 720 pizzas por minuto; 101 museus; 164 teatros; 39 centros culturais; 146 bibliotecas; 41 festas populares; 111 parques e áreas verdes; 240 mil lojas; 53 shoppings centers; 59 ruas especializadas em mais de 50 segmentos;⁹⁵ entre outras estruturas. O desenvolvimento de projetos de mídia em escala nacional e internacional também está presente no cotidiano paulistano. A cidade abriga 11 emissoras de TV, 42 rádios, seis provedores de TV a cabo; e 607 revistas⁹⁶. Em âmbito transnacional, a capital paulista possui filiais e escritórios de grandes grupos de mídia do mundo, como *Google*, *Walt Disney Company*, *Thomson Reuters* e *BBC*⁹⁷. No indicador “Cidades Globais”, que mede o desempenho atual e o potencial futuro das cidades de atraírem capital, pessoas e ideias globalmente, calculado pela consultoria empresarial A.T.Kearney, São Paulo encontra-se no 32º lugar no ranking mundial e no topo da lista brasileira.

⁹² Os distritos de Parelheiros e Marsilac estão, em sua maioria, localizados na zona rural de São Paulo estabelecida pelo Plano Diretor Estratégico (PDE) da cidade de São Paulo. Partes dos distritos de Tremembé, Mandaqui, Cachoeirinha, Anhanguera, Jaraguá, Raposo Tavares, Iguatemi, Itaquera/Parque do Carmo e Cidade Ademar também ganharam a mesma classificação. Essas regiões constituem o polo de desenvolvimento econômico rural sustentável da cidade e também são consideradas macrozonas de proteção e recuperação ambiental. O PDE prevê ações que objetivam desenvolver esse polo. A zona urbana foi citada como macrozona de estruturação e qualificação urbana. Disponível em: <<http://gestaourbana.prefeitura.sp.gov.br/ordenacao-territorial/>>. Acesso em: 01 nov. 2015.

⁹³ Disponível em:

<http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/meio_ambiente/unid_de_conservacao/apa_borore_colonia/index.php?p=41963>. Acesso em: 15 out. 2015.

⁹⁴ Disponível em:

<http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/meio_ambiente/unid_de_conservacao/apa_capivari_monos/>. Acesso em: 15 out. 2015.

⁹⁵ Os dados sobre a cidade de São Paulo estão disponíveis em:

<<http://www.visitesaopaulo.com/dados-da-cidade.asp>>. Acesso em: 18 nov. 2015.

⁹⁶ Os dados sobre a cidade de São Paulo estão disponíveis em:

<<http://www.visitesaopaulo.com/dados-da-cidade.asp>>. Acesso em: 18 nov. 2015.

⁹⁷ As empresas estão no ranking feito pela consultora ZenithOptimedia para o levantamento “Os 30 Maiores Donos da Mídia em 2015”. Disponível em:

<<http://www1.folha.uol.com.br/mercado/2015/05/1629787-google-lidera-ranking-de-30-maiores-empresas-de-midia-do-mundo.shtml>>. Acesso em: 17 nov. 2015.

García-Canclini (2005) demonstra o caráter contraditório das metrópoles classificadas como globais:

As investigações sobre cidades globais vêm revelando, junto com os sintomas de integração (forte papel das empresas transnacionais, misturas culturais, crescente número de turistas), a exclusão de zonas tradicionais e pobres, o aumento da marginalização, do desemprego e da insegurança. Coexistem oportunidades de incorporação global e os movimentos de degradação. As fraturas entre integrados e excluídos, conectados mundialmente e localizados à força não são exclusivas dos países subdesenvolvidos; encontram-se e agravam-se também nas urbes européias e estadunidenses. (p.252)

Em uma cidade midiática global como São Paulo, o jornalismo de quebrada tem a possibilidade de amplificar suas especificidades geográfico-espaciais por meio de pautas que disputam imaginários e tratam a respeito de marginalização, degradação, exclusão e temas correlatos. O caráter contra-hegemônico em relação à indústria midiática e a participação cidadã em níveis variados formatam novas representações sobre um território que pode, inclusive, ser questionado em sua própria condição de cidade, conforme mostra Martín-Barbero:

Poderemos seguir, então, falando de São Paulo, Caracas ou Bogotá como de *uma* cidade? Mais além da folclorizada retórica dos políticos e da nostalgia dos jornalistas 'locais', que nos recordam todos os dias os costumes e os lugares 'próprios'. Que é que partilham verdadeiramente as pessoas dos bairros semi-rurais de periferia, das favelas e dos barracos com os condomínios de classe média e os bairros privativos da classe alta, blindados pelos sistemas mais sofisticados de vigilância e controle? Seriam o time de futebol e a música? Na cidade estourada e descentrada que hoje convoca as pessoas a juntar-se, que imaginários funcionam como aglutinante e em que se apoiam os reconhecimentos? É óbvio que os diversos setores sociais não sentem a cidade a partir das mesmas referências materiais e simbólicas. Mas nos referimos a outro plano: a heterogeneidade dos referentes identificatórios que propõe, a precariedade dos modos de enraizamento e de pertencimento, a expansão estrutural do anonimato e as novas formas de comunicação que a própria cidade, agora, produz (2004, p.292)

A reflexão de Martín-Barbero demonstra a existência de diversos territórios dentro do espaço geográfico cujo sinônimo é município. O autor encontra o termo **cidade-espaço da comunicação**⁹⁸ para explicar as contradições de uma metrópole. Nesse sentido, a cidade é vista como um espaço comunicacional “que conecta entre si seus diversos territórios e os conecta com o mundo” (2004, p.293). Nesse espaço, por meio de diferentes representações, são traçados imaginários urbanos.

⁹⁸ Pode-se considerar que uma cidade midiática global é um espaço de comunicação.

Os **fluxos informacionais** também caracterizam uma cidade-espaco de comunicação. Nesse sentido, é importante lembrar concepções de informação disponíveis nas Geografias da Comunicação. Para Milton Santos (2009), “a informação sobre o que acontece não vem da interação entre as pessoas, mas do que é veiculado pela mídia, uma interpretação interessada, senão interesseira, dos fatos.” (p.41). Santos destaca que a centralização faz com que as empresas não transmitam realidades, mas sim reescrevam-nas de maneira específica (2009, p.66). Tal interpretação é denominada como intermediação deformante e é ocasionada pela concentração dos meios comunicacionais sob a propriedade de poucos donos⁹⁹. Já Martín-Barbero (2004) considera que informar é dar forma (p.84), a qual é marcada pela tecnologia e pelo formato.

Fluxos informacionais, imaginários urbanos, representações do cotidiano e hibridismos incluem a temática do urbano na relação entre tempo e espaço analisada por meio de referenciais teóricos geográficos. Santos (2009) sintetiza que “a cidade, pronta a enfrentar seu tempo a partir do seu espaço, cria e recria uma cultura com a cara do seu tempo e do seu espaço e de acordo ou em oposição aos ‘donos do tempo’, que são também os donos do espaço.” (p.132).

Ao reafirmar-se o caráter heterogêneo do espaço geográfico urbano, chega-se à reflexão sobre a dicotomia **centro/ periferia**. Renato Ortiz (2006) utiliza os termos em escala mundial. Nesse caso, os países constituintes da periferia são os que estão em desenvolvimento. No meio urbano, falar sobre centro e periferia consiste em resgatar contextos históricos e conviver com outras nomenclaturas, como margens, bordas ou quebradas.

García-Canclini (2005) baseia-se em estudos de Miguel Angel Aguilar sobre o México e de Teresa P.R.Caldeira a respeito de São Paulo para estabelecer conexões entre imaginários, centros e periferias. O autor explica que

Nas cidades latino-americanas, a segregação se organizou, durante o desenvolvimento modernizador, separando os grupos sociais em diferentes bairros. Depois, para ordenar a expansão urbana provocada pelas migrações e a industrialização desde meados do século, a população foi dividida sob a oposição centro-periferia: as classes médias e altas nas

⁹⁹ A concentração de veículos de comunicação sob propriedade de poucas empresas é objeto da pesquisa *Donos da Mídia*, iniciado em 1987. O projeto tem como objetivo mapear sistemas e mercados de comunicação brasileiros. O levantamento já resultou em explicações sobre o predomínio midiático da Rede Globo no país e artigos sobre o coronelismo eletrônico, caracterizado pelas ligações de políticos com os meios de comunicação de massa nacionais. Além do projeto, pesquisadores como Dênis de Moraes, Ignacio Ramonet e Pascual Serrano dedicam-se aos estudos da concentração monopólica da comunicação brasileira.

zonas centrais mais bem equipadas, enquanto os pobres se aglomeravam em subúrbios desfavorecidos. (p.163)

O termo periferia também dialoga com outras noções de espaços não-canônicos. Jerusa Ferreira (2010) utiliza a nomenclatura **bordas** e relaciona o conceito à “pertença múltipla e toda a dificuldade de estabelecer limites” (p.11). Na visão de Ferreira, as bordas são espaços não consagrados do mundo urbano, nos quais convivem tradições orais e emergência de indústrias culturais. As criações, procedimentos, ações, estreias, atitudes e acompanhamentos no âmbito cultural formatam uma cultura das bordas. Há ainda a possibilidade de usar-se o termo subúrbio para referir-se a locais periféricos.

Além das dificuldades de delimitação cartográfica, os conceitos e nomenclaturas a respeito de periferias também podem ter interpretações socio-econômicas. Uma das três fases da pobreza¹⁰⁰ na concepção de Milton Santos é a marginalidade. O autor explica que estar à **margem** significa (va) constituir a doença da civilização. Nesse período, os indivíduos são classificados pela capacidade e pela forma de consumir.

Para referir-se a locais considerados periféricos, Martín-Barbero (2004) utiliza o vocábulo **subúrbio**. Além da etimologia da palavra, cujo prefixo remete à ideia de inferioridade, o autor considera esse espaço como local estratégico de reciclagem cultural, no qual

entre a cumplicidade que permite tirar partido dos vícios dos ricos e a resistência que guarda resíduos de solidariedades e generosidade a toda prova, vemos formar-se uma trama de intercâmbios e exclusões que, ainda no esquematismo desses relatos, fala da mestiçagem entre a violência que se sofre e aquela outra com a qual se resiste, e das transações morais sem as quais resulta impossível sobreviver na cidade. (p.285-286)

Ao falar-se sobre periferias, bordas, margens, subúrbios e/ ou quebradas, é necessário ampliar a noção denotativa de extremos. No caso paulistano, as periferias não se resumem ao extremo leste, extremo sul, extremo sudoeste e extremo nordeste. Silva (2013) observa que a noção de periferia vinculada à distância até o centro possui raízes geográficas, ao passo que a perspectiva sociológica do conceito “designa o lugar onde a força de trabalho se reproduz de forma precária, sem condições satisfatórias e básicas, como saúde, educação e/ou

¹⁰⁰ Em meio século, foram utilizadas três concepções diferentes de pobreza, na visão de Santos. A primeira delas era inclusiva e enxergava o fenômeno como acidente e/ou ausência de adaptação. O terceiro é a pobreza estrutural globalizada, na qual a miséria é naturalizada e os pobres, excluídos.

habitação.” (p.8). Em entrevista à Revista Continuum¹⁰¹, Raquel Rolnik utiliza as vertentes sociológica e geográfica para definir o que é periferia:

O conceito de periferia foi forjado de uma leitura da cidade surgida de um desenvolvimento urbano que se deu a partir dos anos 1980. Esse modelo de desenvolvimento privou as faixas de menor renda de condições básicas de urbanidade e de inserção efetiva à cidade. Essa talvez seja sua principal característica, migrada de uma ideia geográfica, dos loteamentos distantes do centro. Mas é preciso lembrar que a periferia é marcada muito mais pela precariedade e pela falta de assistência e de recursos do que pela localização. Hoje há condomínios de alta renda em áreas periféricas que, claro, não podem ser considerados da mesma forma que seu entorno, assim como há periferias em áreas nobres da cidade. (2010, on-line)

Na diversidade de uma cidade midiática global, há espaço ainda para reflexões acerca das **periferias das periferias**. Os jornalistas do *Periferia em Movimento* desafiaram-se a representar tais espaços em São Paulo na série *À margem da margem*¹⁰². Thiago Borges relata:

O que era periferia da periferia? Periferia da periferia é era quem estava morando debaixo da torre de energia elétrica porque era o único lugar que tinha para morar e construiu um barraco lá. Essa é a pessoa que está à margem da margem, na periferia da periferia. Então, à margem da margem em que sentido? Periferia da periferia em que sentido? Em que sentido de periferia? A gente “reviu” nossos próprios conceitos de periferia mesmo morando em periferia. Tanto que a gente não fala em periferia, fala em periferias. A gente foi muito além de periferias geográficas. Periferias no sentido mais amplo da palavra. Periferia social, econômica, política, cultural e midiática, inclusive.¹⁰³

Compreender as periferias das periferias de São Paulo implica em orientar-se por mapas geográficos, comunicacionais e culturais, traduzidos pelo encontro entre a **latitude** dos Estudos Culturais e a **longitude** das Geografias da Comunicação, que ocorrem no espaço denominado **Sociedade em Rede**.

3.2. Sociedade em rede: entre o local e o global

No mapa formado por Estudos Culturais, Geografias da Comunicação e Sociedade em Rede, as **técnicas e tecnologias**¹⁰⁴ estão ligadas às redes,

¹⁰¹ Disponível em: <<https://raquelrolnik.wordpress.com/2010/06/14/o-que-e-periferia-entrevista-para-a-edicao-de-junho-da-revista-continuum-itu-cultural/>>. Acesso em: 10 set. 2015.

¹⁰² A série será descrita ainda nesse capítulo.

¹⁰³ A entrevista completa encontra-se nos apêndices da pesquisa.

¹⁰⁴ Neste trabalho, são consideradas as definições trazidas e/ou apropriadas por Celso Donizete Locatel e Francisco Fransualdo de Azevedo (2011) na obra *Espaço, Tecnologia e Globalização*. Para os autores, técnica “é o procedimento ou o conjunto de procedimentos que têm como objetivo obter um determinado resultado, que pode ser no campo da ciência, da tecnologia, das artes, da política etc.” (p.15). O conceito pode ser compreendido ainda a partir da noção de sistema. Já a tecnologia é

linguagens, comunicações e a outras relações socio-espaciais e podem funcionar como suportes às representações construídas por meio da comunicação popular, alternativa e comunitária. As tecnicidades podem ser interpretadas ainda como o espaço geográfico nos quais coordenadas teórico-práticas se encontram.

Milton Santos (2009) acredita que “a técnica apresenta-se ao homem comum como um mistério e uma banalidade. De fato, a técnica é mais aceita do que compreendida.” (p.45). Martín-Barbero (2004) percorre o mesmo trajeto ao afirmar que a mediação tecnológica transtorna a relação entre homem e mundo, “desterrando quem sabe para sempre o sonho grego de que o homem seja ‘a medida de todas as coisas’” (p.265). O autor também propõe que a **mediação tecnológica da comunicação** deixou de ser instrumental para se converter em estrutural. Segundo Martín-Barbero¹⁰⁵:

a *tecnologia* remete hoje não a novas máquinas e aparelhos, mas a novos modos de *percepção* e de *linguagem*, a novas sensibilidades e escritas. Radicalizando a experiência de des-ancoragem produzida pela modernidade, a tecnologia des-localiza os saberes, modificando tanto o estatuto cognitivo como o industrial das *condições do saber* e das *figuras da razão*, o que está conduzindo a um forte apagar, borrando-se as fronteiras entre razão e imaginação, saber e informação, natureza e artifício, arte e ciência, saber perito e experiência profana” (p.35-36)

Responsável por cunhar o termo sociedade em rede, Manuel Castells (2005) parte do pressuposto de que a tecnologia não deve ser denunciada nem adorada. É necessário compreender ainda que a sociedade determina a tecnologia. Castells esclarece que “a sociedade é que dá forma à tecnologia de acordo com as necessidades, valores e interesses das pessoas que utilizam as tecnologias.” (p.17).

Entender como as novas tecnologias da informação e da comunicação (NTICs) modificaram a economia, a política, a produção de conhecimento e o próprio meio comunicacional é um caminho que exige a compreensão do conceito de **redes**. Castells (2003) observa que

redes são estruturas abertas capazes de expandir de forma ilimitada, integrando novos nós desde que consigam comunicar-se dentro da rede, ou seja, desde que compartilhem os mesmos códigos de comunicação (por exemplo, valores ou objetivos de desempenho). Uma estrutura social com

a sistematização científica dos conhecimentos relacionados à técnica e “pode ser entendida como a aplicação dos conhecimentos científicos à produção em geral ou para se obter um resultado prático” (idem).

¹⁰⁵ A visão de Martín-Barbero dialoga com o conceito de meio técnico-científico-informacional concebido por Milton Santos, momento no qual a ciência, as técnicas e a informação destacam-se na construção ou reconstrução do espaço (SANTOS, 2008a [1993], p. 37 *apud* PASTI, 2012, p.217).

base em redes é um sistema aberto altamente dinâmico suscetível de inovação sem ameaças ao seu equilíbrio.” (p.566)

Caracterizada como uma sociedade hipersocial, a qual se opõe à ideia de isolamento, a sociedade em rede não deve ser vista como o futuro ou o próximo passo a ser dado pela humanidade. Marcada pelo tempo cronológico presente, ela é a estrutura social baseada em redes operadas pelas NTICs “fundamentadas na microeletrônica e em redes digitais de computadores que geram, processam e distribuem informação a partir de conhecimento acumulado nos nós dessas redes.” (2005, p.20). Entre as características da sociedade em rede, estão: a geração e difusão de novas tecnologias microeletrônicas; transformação constante e acelerada do trabalho para acompanhar as mudanças globais e adaptar-se a economia local; reunião de indivíduos em rede; transformação da área de comunicação, a qual está se tornando mais digital e interativa; explosão de redes horizontais de comunicação; entre outras características sócio-político-econômicas.

Nos itinerários de cartografia mestiça, Martín-Barbero (2004) apropria-se do suporte teórico fornecido por Castells e retoma a ideia de novas tecnologias como formas inovadoras de percepção e linguagem, as quais formam a **socialidade em rede**

feita de nós que seriam as novas *tribos*: esses novos grupos que particularmente as gerações jovens vivem no cruzamento da homogeneização inevitável do vestir, da comida, da moradia com uma profunda pulsão de diferenciação. Novas *maneiras de estar juntos* cuja ligação não provém nem de um território fixo nem de um consenso racional e duradouro, mas da idade e do gênero, dos repertórios estéticos e dos gostos sexuais, dos estilos de vida e das exclusões sociais. E que diante dos longos tempos, mas também da rigidez da identidade tradicional, juntam referentes locais com símbolos de vestuário ou linguísticos desterritorializados numa reelaboração das fronteiras políticas e culturais que traz à superfície a arbitrária artificialidade de demarcações que têm perdido a capacidade de nos fazer *sentir juntos*.” (p.322)

Na concepção de Castells (2003), as redes são a nova morfologia social. Nesse sentido, difundir a lógica das redes significa mudar “os resultados dos processos produtivos e de experiência, poder e cultura” (p.565). Em tal espaço geográfico, a **comunicação** também passa por transformações. Castells (2013) a enxerga como o processo de compartilhar significados a partir da troca de informações. O autor constata ainda que “para a sociedade em geral, a principal fonte da produção social de significado é o processo de comunicação socializada.” (p.11). A sociedade em rede possibilitou ainda a emergência da **autocomunicação**,

definida pelo uso da internet como plataforma de comunicação digital. Para Castells, o modelo tem características massivas

porque processa mensagens de muitos para muitos, com o potencial de alcançar uma multiplicidade de receptores e de se conectar a um número infundável de redes que transmitem informações digitalizadas pela vizinhança e pelo mundo. É autocomunicação porque a produção da mensagem é decidida de modo autônomo pelo remetente, a designação do receptor é autodirecionada e a recuperação de mensagens das redes de comunicação é autosselecionada.” (p.11-12)

Por meio da disputa de imaginários, caráter emancipatório e de especificidades geográfico-espaciais inerentes a bairros, quebradas, periferias e periferias de periferias, o jornalismo de quebrada utiliza-se da autocomunicação para propagar produções sobre, para e a partir das periferias, caracterizando-se também como uma rede sócio-espacial de contrapoder local.

Na sociedade em rede, a autocomunicação ocorre na internet, espinha dorsal da comunicação global mediada por computadores (CMC), segundo Castells. Além do jornalismo de quebrada, iniciativas como a **internet radical**, proposta por Tamara Villareal Ford e Genève Gil (2002), também se encaixam no modelo da autocomunicação. Nesse raciocínio, a internet representa

uma nova era para a mídia alternativa. Sendo uma infra-estrutura interconectada para múltiplas formas de comunicação, ela promove um período de convergência das tecnologias de mídia. Ao proporcionar a transmissão fácil de textos simples bem como os meios de combinar e recombinar uma série de formatos de mídia e atores sociais, permite a distribuição de conhecimentos e recursos a quase todos os lugares do globo, de maneira até então inédita” (p.270)

Sozinha, a rede mundial de computadores não é a solução para os problemas da mídia radical alternativa e dos demais modelos de comunicação popular, alternativa e comunitária. Castells (2013) relembra que “nem a internet nem qualquer outra tecnologia, nesse sentido, pode ser fonte de causação social” (p. 166). As desconexões¹⁰⁶, também denominadas por García-Canclini como **tecno-apartheid**, são exemplos de obstáculos ao êxito da autocomunicação.

Para repensar a exclusão digital, Martín-Barbero (2004) afirma que é necessário um deslocamento “que nos leve das tecnologias em si próprias a seus modos de acesso, de aquisição, de uso: deslocamento de sua incidência em abstrato aos processos de imposição e dependência, de dominação mas também

¹⁰⁶ Ao traçar mapas da interculturalidade na América Latina, García-Canclini identifica três objetos de estudo: os diferentes, os desiguais e os desconectados. Falar em periferias das periferias consiste em tratar, direta ou indiretamente, dos três temas. Os desconectados são enfocados nesse capítulo.

de resistência, de ressemantização e redesenho” (p.178). Quando realizadas na internet, resistências e redesenhos são deslocados e passam a situar-se entre o **global e o local**.

Movimentos sociais, veículos de comunicação popular, alternativos, participativos e comunitários e a própria sociedade em rede encontram-se no trajeto entre local e global. Os dois extremos interconectam-se, conforme explica Stuart Hall (2003)

Hoje em dia, o ‘meramente’ local e o global estão atados um ao outro, não porque este último seja o manejo local dos efeitos essencialmente globais, mas porque cada um é a condição de existência do outro. Antes, a ‘modernidade’ era transmitida de um único centro. Hoje, ela não possui um tal centro. As ‘modernidades’ estão por toda parte, mas assumiram uma ênfase vernácula. O destino e a sorte do mais simples e pobre agricultor no mais remoto canto do mundo depende dos deslocamentos não regulados do mercado global - e, por essa razão, ele (ou ela) é hoje um elemento essencial de cada cálculo global. Os políticos sabem que os pobres não serão excluídos dessa ‘modernidade’ ou definidos fora dela. Estes não estão preparados para ficar cercados para sempre em uma tradição imutável. Estão determinados a construir seus próprios tipos de ‘modernidades vernáculas’ e estas são representativas de um novo tipo de consciência transcultural, transnacional, até mesmo pós-nacional. (p.46)

As especificidades geográfico-espaciais do jornalismo de quebrada, associadas ao ambiente virtual no qual o modelo é colocado em prática - a sociedade em rede -, colocam o *Periferia em Movimento* no caminho entre o local e o global. No site, fala-se sobre assuntos inerentes a periferias, bairros, bordas e outros lugares¹⁰⁷ pertencentes a uma cidade midiática global, mas há a possibilidade de atingir o mundo inteiro por meio da *world wide web*. Compreender tal processo de forma mais completa significa entender pontos encontrados no mapa da sociedade em rede, no qual a linha latitudinal é composta pelos Estudos Culturais e a longitudinal, pelas Geografias da Comunicação.

3.3. Redes de Geografias Comunicacionais e Culturais

3.3.1. Latitude e longitude: pontos entre coordenadas

O **caráter interdisciplinar** é a síntese tanto dos Estudos Culturais como das Geografias da Comunicação. Ambos são plurais, interdisciplinares e

¹⁰⁷ O conceito de lugar será explicado adiante.

cooperativos¹⁰⁸. As disciplinas-âncora também são parecidas: política, economia, sociologia, antropologia e história oferecem referenciais teóricos para os dois campos de estudos. O vocabulário dos Estudos Culturais, composto por conceitos como: a relação cultura/ ideologia; poder; hegemonia; linguagem; mediações; representações; comunidade; etnia; parentesco; imaginários e outros termos, hibridiza-se com as palavras-chave das Geografias da Comunicação: espaço geográfico; território; fluxos informacionais; dicotomia centro/ periferia; redes; fragmentações; fronteiras midiáticas; entre outros.

Martín-Barbero (2004) explica que a transdisciplinaridade na área da comunicação não significa que os objetos de estudo desse campo serão diluídos nos das disciplinas sociais, mas sim que a construção de articulações por meio de mediações e intertextualidades podem construir, em suas especificidades, relações transdisciplinares.

O diálogo teórico entre Geografias da Comunicação e Estudos Culturais em análises comunicacionais¹⁰⁹ não é inédito. A pesquisa de Roberta Brandalise (2015) é um dos exemplos recentes dessa articulação¹¹⁰. A autora estudou as representações sociais e identidades culturais na fronteira Brasil-Uruguai. Brandalise (2015) utilizou os Estudos Culturais Latino-Americanos e conceitos das Geografias da Comunicação, como fronteiras e identidades fronteiriças. Ela concluiu que as narrativas noticiosas contribuem para reforçar representações positivas do Uruguai e a reafirmação do estereótipo da amizade entre dois países.

¹⁰⁸ Na Intercom, os grupos de pesquisa (GPs) *Geografias da Comunicação e Comunicação para a Cidadania* encontram-se na mesma divisão temática, a DT 7 *Comunicação, Espaço e Cidadania*. Os GPs *Comunicação e Desenvolvimento Regional e Mídia, Cultura e Tecnologias Digitais na América Latina* complementam o DT.

¹⁰⁹ A delimitação a partir da perspectiva comunicacional é necessária para diferenciar as Geografias da Comunicação da Geografia Cultural, a qual é estudada por Paul Claval e Jöel Bonnemaison desde a virada do século XX para o XXI. Claval (2002) pondera que a Geografia Cultural existe desde o final do século XIX e nasceu no mesmo período que a Geografia Humana. Com temas e debates semelhantes aos das Geografias da Comunicação, a abordagem cultural tem como objetivo “entender a experiência dos homens no meio ambiente e social, compreender a significação que estes impõem ao meio ambiente e o sentido dado às suas vidas. A abordagem cultural integra as representações mentais e as reações subjetivas no campo da pesquisa geográfica.” (p.20). Para compor esse conceito, Claval pressupõe que a Geografia é sempre ligada à cultura na qual se desenvolve e que deve permanecer crítica. Considera-se ainda a existência de diferentes concepções de cultura. Assim como nas Geografias da Comunicação, identidades, territorialidades e técnicas são estudadas na abordagem cultural da Geografia.

¹¹⁰ O trabalho foi apresentado no GT de Geografias da Comunicação, no XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, que aconteceu no Rio de Janeiro, entre os dias 04 e 07 de setembro de 2015.

As metáforas utilizadas pelos Estudos Culturais Latino-Americanos também revelam a interdisciplinaridade do campo com a Geografia. Tanto Martín-Barbero como García-Canclini utilizam termos como **mapas, travessias e itinerários** para explicar conceitos relacionados à tríade ideologia-cultura-tecnologia. O próprio Martín-Barbero foi apelidado como cartógrafo mestiço por conta de suas pesquisas. Os dois campos complementam-se por meio do ambiente no qual seus objetos estão localizados na atualidade: nas redes.

3.3.2. Coordenadas e redes: (des) encontros teóricos no cenário urbano

Falar sobre o encontro entre Geografias da Comunicação e Estudos Culturais no âmbito da sociedade em rede implica em retratar (des) encontros. Nesse sentido, debatem-se conceitos como a dicotomia comunidade/ lugar, identidades, pertencimentos, espaços de fluxos, tempos, representações, além dos espaços geográficos que funcionam como mediações sociais, desterritorializações e deslocalizações.

3.3.2.1. Dos lugares às identidades

Além de comunidades geográficas, de ideias e de sentidos, pode-se tratar do conceito a partir da dicotomia real/ virtual. Castells (2003) interliga as duas características e propõe o questionamento:

(...) as comunidades virtuais são comunidades reais? Sim e não. São comunidades, porém não são comunidades físicas, e não seguem os mesmo modelos de comunicação e interação das comunidades físicas. Porém, não são 'irreais', funcionam em outro lano da realidade. São redes sociais interpessoais, em sua maioria baseadas em laços fracos, diversificadíssimas e especializadíssimas, também capazes de gerar reciprocidade e apoio por intermédio da dinâmica da interação sustentada" (p.445-446)

Se a comunidade é fundada a partir de identidades, vínculos entre pessoas e pertencimento, o **lugar** é visto como "ancoragem primordial: a corporeidade do cotidiano e a materialidade da ação, as quais são a base da heterogeneidade humana e da reciprocidade, forma primordial da comunicação." (MARTÍN-BARBERO, 2004, p.269). Os lugares ainda são constituídos por comunidades e vizinhanças, de acordo com o autor, que se baseou em Milton Santos para tratar sobre o tema. Para Castells (2003), "lugares não são necessariamente

comunidades, embora possam contribuir para sua formação.” (p.515). As pessoas ainda vivem em lugares, mas, cada vez mais, vivenciam cotidianos em outros espaços, como os **não-lugares**, que constituem a paisagem geográfico-comunicacional das cidades midiáticas globais.

Baseado em Marc Augé¹¹¹, García-Canclini (2005) explana que o não-lugar é a expansão de unidades de sentido não territoriais, tais como aeroportos, estações de metrô e shoppings, nos quais as trocas econômicas são deslocalizadas e desnacionalizadas (p.144). Em âmbito global, as relações estabelecidas em não-lugares substituem as imposições do centro às periferias por trajetos de ida e volta representados por periferias-centro-periferias. Martín-Barbero (2004) observa que o não-lugar é:

esse espaço em que os indivíduos são descarregados do peso da identidade interfalante ou interfalada e exigidos unicamente na interação com informações, textos ou imagens, que se repetem incessantemente de uma ponta a outra no mundo. Mais lentos, apesar da economia ou da tecnologia, os imaginários coletivos arrastam, conservam marcas e restos do *lugar* que intensificam as contradições entre velhos hábitos e novas destrezas, entre ritmos locais e velocidades globais (p.273)

Outra estrutura urbana na qual cultura, comunicação e geografia se encontram é o **bairro**. Para Martín-Barbero, “o espaço social onde melhor se expressa o sentido da dinâmica que, desde o popular, dá forma a novos movimentos urbanos é o bairro, enquanto território de lançamento da resistência e da criatividade cultural” (p.146). Mediador entre o universo privado de um domicílio e o mundo público da cidade, o bairro também pode ser analisado como espaço de reconhecimento e construção de identidades, segundo o autor.

A organização das práticas sociais ocorridas em comunidades, bairros e lugares em geral é denominada como **espaço de fluxos**. A exemplo dos fluxos informacionais, eles podem ser definidos como sequências e interações entre posições desarticuladas sob o aspecto físico e mantidas por atores sociais em diferentes esferas. O espaço de fluxos relaciona-se com o **espaço de lugares**, o qual é marcado pela experiência e pelos aspectos físicos. Castells (2003) explica que

o espaço de fluxos não permeia toda a esfera da experiência humana na sociedade em rede. Sem dúvida, a grande maioria das pessoas nas sociedades tradicionais, bem como nas desenvolvidas vive em lugares e,

¹¹¹ Ainda na década de 1990, o etnólogo e antropólogo francês criou o conceito de não-lugar para analisar a antropologia do mundo globalizado, o qual Augé denomina supermodernidade. O autor enxerga o não-lugar como espaços públicos de grande circulação, opostos ao lar.

portanto, percebe seu espaço com base no lugar. *Um lugar é um local cuja forma, função e significado são independentes dentro das fronteiras da contiguidade física.*” (p.512)

Entre lugares e não-lugares, periferias e centros e outros espaços, as **identidades** constituem-se em outro ponto de encontro entre geografias, culturas e redes. Castells (1999) enxerga a identidade como fonte de significado e experiência de um povo:

No que diz respeito a atores sociais, entendo por identidade o processo de construção de significado com base em um atributo cultural, ou ainda um conjunto de atributos culturais inter-relacionados, o (s) qual (is) prevalece (m) sobre outras fontes de significado. Para um determinado indivíduo ou ainda um ator coletivo, pode haver identidades múltiplas. (p.22)

Castells propõe três tipos de identidades sociais: legitimadoras, as quais originam uma sociedade civil; de resistência, cujo surgimento está ligado aos princípios conflitivos em relação àqueles que permeiam as instituições da sociedade; e de projeto, as quais se comportam como o passo seguinte da identidade de resistência e têm como finalidade a produção de sujeitos. Segundo o autor, as identidades de um indivíduo podem multiplicar-se à medida que as socializações e interações em ambientes locais formam redes sociais (não necessariamente digitais) entre seus vizinhos. As intersecções de identidades, em especial as de resistência, podem formar **comunas culturais**. Constituídas de forma não-arbitrária, esses grupos podem originar novos sujeitos e novos significados em torno de identidades de projeto.

3.3.2.2. Sociedade em rede e os espaços “des-” e “trans-”

Neste mapa, o prefixo “des-” está relacionado às fragmentações ocasionadas pelas conexões virtuais. Termos como desterritorializações, deslocamentos e deslocalizações redefinem o papel das identidades culturais entre as novas tecnologias. Já o prefixo “trans-” caracteriza hibridismos entre territórios, lugares, tempos, espaços e outros pontos de encontro entre estudos geográfico-comunicacionais e culturais. A internet é um exemplo de território transterritorial, na visão de Martín-Barbero (2004).

Entre outras tarefas, o autor¹¹² (2004) dedica-se a investigar a **desterritorialização** das demarcações culturais e da comunicação. Com relação ao segundo objeto, o autor afirma que

O que aí se produz não é então um abandono do campo da comunicação mas sua desterritorialização, uma movimentação dos limites que têm demarcado esse campo, de suas fronteiras, suas vizinhanças e sua topografia, para desenhar *um novo mapa de problemas* em que caiba a questão dos sujeitos e das temporalidades sociais, isto é, a trama de modernidade, descontinuidades e transformações do *sensorium* que gravitam em torno dos processos de constituição dos discursos e dos gêneros nos quais se faz a comunicação coletiva. (p.212-213)

A sociedade em rede também possibilita a **deslocalização** comunicacional, o que pode hibridizar culturas, na visão de Martín-Barbero. Em uma cidade midiática global como São Paulo, pode-se representar uma periferia e/ou uma comunidade por meio de ferramentas jornalísticas¹¹³ e atingir moradores de outros bairros, cidades, Estados e países. As práticas retratadas podem ser imitadas, refletidas, rejeitadas ou ainda servirem como inspiração a outros grupos. Nesse sentido, pode-se aplicar mais um conceito dos Estudos Culturais - hibridizado com as Geografias da Comunicação e a sociedade em rede - à capital paulista: **cidade virtual**. Martín-Barbero esclarece que

Na hegemonia dos fluxos e na transversalidade das redes, na heterogeneidade de suas tribos e na proliferação de seus anonimatos, a cidade virtual abre ao mesmo tempo o primeiro território sem fronteiras e o lugar onde se vislumbra a sombra ameaçadora da contraditória 'utopia da comunicação'. (p.302-303)

Assim como as fragmentações promovem o desenvolvimento dos espaços "des-" e "trans-", tais deslocamentos também ocasionam a esfacelamento do tempo. Castells (2003) atenta-se a tal fenômeno e descreve que

Esse tempo linear, irreversível, mensurável e previsível está sendo fragmentado na sociedade em rede, em um movimento de extraordinária importância histórica. No entanto, não estamos apenas testemunhando uma relativização do tempo de acordo com os contextos sociais ou, de forma alternativa, o retorno à reversibilidade temporal, como se a realidade pudesse ser inteiramente captada em mitos cíclicos. A transformação é mais profunda: é a mistura de tempos para criar um universo eterno que não se expande sozinho, mas que se mantém por si só, não cíclico, mas aleatório, não recursivo, mas incursor: tempo intemporal, utilizando a tecnologia para fugir dos contextos de sua existência e para apropriar, de

¹¹² Entre os escritores que compõem o quadro teórico deste trabalho, Martín-Barbero é o que dedica mais estudos aos espaços "des-" e "trans-" nos mapas da comunicação e da cultura na sociedade em rede.

¹¹³ Na análise crítica de discurso do jornalismo de quebrada, as ferramentas jornalísticas analisadas são tema, organização editorial (quais informações foram priorizadas, do *lead* ao fim do texto), distribuição geográfica das reportagens (a quais locais cada matéria faz referência), tipos de fonte e critérios de noticiabilidade.

maneira seletiva, qualquer valor que cada contexto possa oferecer ao presente eterno. (p.526)

A fragmentação do tempo, ou o **tempo intemporal**, nas palavras de Castells, pertence ao espaço de fluxos e é considerado como forma dominante na sociedade em rede. O domínio do tempo transforma o espaço, tanto no meio físico como no virtual. Entre outros fatores, tais mudanças conduzem a sociedade em rede aos usos sociais das NTICs.

3.3.2.3. Pertencimentos e usos sociais da tecnologia na sociedade em rede

No universo das redes digitais, as trocas culturais e os formatos comunicacionais foram digitalizados e amplificados. Antes da internet, a comunicação popular, alternativa e comunitária utilizava como **meios**: o alto-falante; carros e bicicletas de som; literatura de cordel; jornais (inclusive no formato mural); grupos de teatro; fanzines¹¹⁴; emissoras de TV e de rádio comunitárias; entre outros (PERUZZO, 2009a; PERUZZO, 2009b). Com a mudança de paradigma tecnológico provocada pela ascensão da *world wide web*, outros formatos nasceram, tais como: os slides; o vídeo popular; a web rádio; a web TV; blogs; fotologs; sites; e-zines¹¹⁵; entre outros. As inovações técnicas, entretanto, nem sempre acompanham os usos sociais da tecnologia, conforme observa Martín-Barbero (2004). Por conta do tecno-apartheid, ainda não é possível concluir se a diversificação e expansão de meios é sinônimo de atingir e envolver mais pessoas.

Tendo em vista que o acesso às TICs (ou NTICs) é um dos aspectos do exercício da cidadania (FUSER, 2009), García-Canclini propõe que a reflexão da comunicação a partir da preocupação geográfica implica em identificar **quem fala e em qual lugar**. Tal observação permite traçar geografias e hibridizações das identidades, seja na dicotomia centro/ periferia, comunidade/ lugar ou bairro¹¹⁶/ não-

¹¹⁴ Abreviação de *fanatic magazine*, o conceito de *fanzine* está ligado a um veículo editado por um ou mais fãs. Outra visão sobre o termo consiste em considerá-lo como veículo alternativo, amador, baseado em gostos pessoais do autor e, em geral, com pequena tiragem. (ANJOS, *et. al*, 2009)

¹¹⁵ Sigla para *eletronic fanzine*. Fanzine editado e veiculado no meio eletrônico.

¹¹⁶ A relação entre bairros e identidades resulta em trabalhos práticos na área da comunicação. Na capital paulista, o projeto *Identidade São Paulo* foi idealizado pelo designer gráfico e fotógrafo Pedro Campos e a esposa, Stella Curzio, e consiste na criação de logotipos para os mais de 450 bairros paulistanos. O projeto está em andamento e conta com mais de 30 trabalhos concluídos. Disponível em: <<http://identidadesp.com.br/>>. Acesso em: 10 nov. 2015.

lugar. Em cada um desses espaços, são tecidas formas de pertencimento que podem ser representadas por meio da linguagem, inclusive a jornalística.

Quando a análise proposta por García-Canclini é aplicada a partir das representações do jornalismo de quebrada, constata-se que as vozes nas reportagens e demais produções são de profissionais que residem na periferia e falam sobre e a partir dela. Por meio de ferramentas do jornalismo participativo e cidadão, espaços são reservados para articulistas de veículos populares, alternativos e comunitários, além de textos redigidos por moradores das denominadas quebradas. Promove-se, na linguagem adotada por Martín-Barbero (2004), novos modos de estar juntos.

3.4. Intersecções na prática: o *Periferia em Movimento*

3.4.1. Usos sociais das tecnologias no jornalismo de quebrada

No ambiente virtual da sociedade em rede, os produtos jornalísticos podem ser classificados conforme o uso social de recursos tecnológicos¹¹⁷. Para verificar a relação entre a produção sobre, para e a partir das periferias e o aproveitamento tecnológico da internet, cabe lembrar as **fases do jornalismo digital** e avaliar em qual classificação o jornalismo de quebrada pode ser identificado.

Luciana Moherdau (2007) dividiu o webjornalismo em quatro fases: na primeira etapa, os sites jornalísticos consistiam em uma metáfora, uma transposição da plataforma impressa. Na segunda fase, os primeiros conteúdos originais criados para a web surgem, com uso de “hiperlinks, interatividade, ferramentas de busca, conteúdo multimídia como vídeo, áudio e imagens, customização de conteúdo”

¹¹⁷ O uso social de recursos tecnológicos tem a própria exclusão digital como obstáculo. Seja em relação às condições técnicas de determinados locais ou ao analfabetismo digital, o tecno-apartheid ressignifica a internet, no contexto da comunicação popular, alternativa e comunitária. Por um lado, o meio possibilita que as informações sobre, para e a partir das periferias sejam mais difundidas e, inclusive, reconhecidas por quem nunca morou em tais lugares. Sob outra perspectiva, a exclusão digital pode impedir que o público-alvo do jornalismo de quebrada tenha contato com as produções de caráter contra-hegemônico e emancipador. No caso de São Paulo, cidade que tem o maior número de acesso à internet móvel no país, com mais de 92,64 milhões de acessos entre setembro e outubro de 2013, o caso do distrito de Marsilac torna-se emblemático. Localizado na área de preservação ambiental Capivari-Monos, o bairro rural tem apenas 15% de seus moradores com acesso à internet, segundo dados do IBGE. Lugares como Parelheiros e Jardim Ângela, ambos na zona sul também têm acesso ao universo www abaixo da média. Disponível em: <<http://www.estadao.com.br/noticias/geral,nada-divide-mais-sp-do-que-acesso-a-internet,1033422>>. Acesso em: 07 jul. 2015.

(p.124). Na terceira etapa, iniciativas empresariais e editoriais são criadas sob medida para o meio digital. Há produções de conteúdos originais para a internet; uso de recursos multimídia; multimodalidade (convergência entre suportes diferentes); disseminação de mesmos produtos e conteúdos em diferentes plataformas; e produção de conteúdo pelo usuário. Moherdauí destaca ainda que a terceira fase é marcada pelo reconhecimento da internet como novo meio de comunicação e também pelas primeiras experiências com *storytelling*¹¹⁸. A quarta e última fase teorizada pela autora trata sobre o jornalismo digital baseado em bancos de dados inteligentes, o qual “aparece aos usuários como uma interface tipificada no espaço navegável, que permite explorar, compor, recuperar e interagir com as narrativas.” (p.127). Nessa etapa, foca-se a arquitetura da informação (disposição de hiperlinks e botões em um website).

O *Periferia em Movimento* encontra-se entre a segunda e a terceira fases do jornalismo digital. O blog serviu como complemento ao documentário *Grajaú na Construção da Paz*¹¹⁹, iniciativa editorial produzida como trabalho de conclusão de curso pelos coordenadores do coletivo e exibido posteriormente para mais de 2 mil pessoas em locais públicos. Hospedado na plataforma Wordpress, a extensão virtual contava com os objetivos do projeto, dados sobre o Grajaú e bastidores das gravações. No relatório do TCC, os jornalistas informam que cerca de mil internautas acessaram o blog entre julho e novembro de 2009. Nesse trabalho, eles já revelavam a intenção de dar continuidade ao projeto experimental universitário. Na atualidade, os materiais são produzidos de forma direcionada para a web, com espaços para a produção de conteúdo por usuários por meio de ferramentas inerentes ao jornalismo participativo.

Com a finalidade de aprimorar a arquitetura da informação do site do coletivo e disponibilizar novas informações sobre a prática do jornalismo de quebrada, o *Periferia em Movimento* lançou um novo website em março de 2015. Pode-se analisar, porém, que o coletivo não chegou à quarta fase do jornalismo digital. Com a mudança de plataforma do site, realizada em 2015, surgiram problemas relacionados a navegabilidade. Nem todos os links da plataforma Wordpress são redirecionados para o novo site. Em alguns casos, é necessário utilizar as

¹¹⁸ Narração de fatos e histórias por meio de imagens, áudios, desenhos e textos de forma imersiva, com promoção da experiência multimídia.

¹¹⁹ Disponível em: <<https://periferiaemmovimento.wordpress.com/grajau-na-construcao-da-paz/>>. Acesso em: 10 fev. 2015.

ferramentas de busca do portal em funcionamento para pesquisar matérias hospedadas em anos anteriores. Constata-se ainda que ferramentas de **geolocalização**, facilitadoras para evidenciar os locais retratados nas reportagens e notas de serviço¹²⁰, não são utilizadas.

3.4.2. Busca por identidades

O grupo de faculdade transformou-se em um **coletivo de comunicação**¹²¹ e quis transformar o lema do antropólogo Hermano Vianna (“a periferia se cansou de esperar a oportunidade que nunca chegava, e que viria de fora, do centro”), presente no blog, na máxima “jornalismo sobre, para e a partir das periferias”. O *Periferia em Movimento* também estabeleceu como missão “identificar, reconhecer e promover iniciativas de ativistas sociais, produtores culturais e demais agentes de transformação social das periferias”¹²². Para cumprir tal objetivo, o coletivo realizou debates, oficinas, eventos acadêmicos, coberturas especiais, projetos educacionais, coordenação de cursos de extensão, além da série *À margem da margem*. A trajetória percorrida pelo grupo perpassa pelas vivências periféricas, sustentação financeira, organização editorial, financiamento público e coletivo de projetos.

3.4.2.1. Tecnicidades da organização editorial

O novo site do *Periferia em Movimento* foi lançado em março de 2015 e marcou uma **nova organização editorial do coletivo**. Ainda como blog, o meio de comunicação virtual no qual se divulgava o jornalismo de quebrada era composto

¹²⁰ O *Periferia em Movimento* dedica uma editoria ao jornalismo de serviço (ou utilitário) denominada “Anotai”. Cabe lembrar que esse modelo jornalístico consiste em oferecer informações de utilidade pública, geralmente com prazo de validade. No jornalismo de quebrada, notas sobre eventos periféricos cujo caráter é contra-hegemônico são exemplos de serviços.

¹²¹ O conceito de coletivo de comunicação está interligado à definição de coletivo cultural fornecida por Aluizio Marino (2013): “movimento independente e desierarquizado, formado por um grupo de pessoas [na maioria das vezes jovens oriundos de territórios subalternos] unidas por interesses comuns, que desenvolvem ações de ‘cultura de oposição’ com um forte potencial de ‘mídia radical’” (p.11). No caso da comunicação, as ações visam à democratização do meio por meio dos modelos já citados no capítulo 1 (popular, alternativo, comunitário, entre outros). Apesar de não haver consenso em torno do conceito, veículos como o *Observatório da Imprensa* apropriam-se do termo. Disponível em: <<http://observatoriodaimprensa.com.br/jornalismo-na-internet/coletivos-de-comunicacao-estao-mudando-a-forma-de-produzir-conteudo/>>. Acesso em: 22 set. 2015.

¹²² Disponível em: <<http://periferiaemmovimento.com.br/quem-somos/>>. Acesso em: 10 abr. 2015.

pelas editorias: reportagens e entrevistas; opinião (editoriais e artigos); projetos concluídos (Grajaú na construção da Paz, OCA - Oficina de Cinema Amador, Debates e Resistência Pacífica); À margem da margem; TV Perifa; Conteúdo especial (Retrospectiva 2014, Estética das Periferias 2014, Virada Sustentável - Extremo Sul, Mundial de Futebol de Rua, Mostra Cultural da Cooperifa, Estética das Periferias, Percurso em Defesa da Diversidade Cultural e Retrospectiva 2013); e Seu Espaço. O blog tinha ainda as seções “início”, “quem somos” e “contrate-nos!”.

Apesar dos problemas com a navegabilidade e busca de arquivos no atual site, percebeu-se a preocupação com o **aprimoramento da arquitetura da informação do portal**. Em maio de 2015, o *Periferia em Movimento* dividia suas produções jornalísticas entre as editorias: cultura e identidade; meio ambiente; gênero e sexualidade; contra o genocídio; mobilidade; e moradia. De maio a novembro do mesmo ano, o site ganhou seis novas editorias: democratização da mídia; educação; resistência indígena; saúde; terceira idade; e trabalho e renda. Editoriais e artigos ganharam espaço na parte superior do portal. A seção “Anotai”, que funciona como agenda das quebradas paulistanas, complementa a organização editorial do website.

Quadro 2 - Editorias do site periferiaemmovimento.com.br

Editorias
Contra o Genocídio
Cultura e Identidade
Democratização da Mídia
Educação
Gênero e Sexualidade
Meio Ambiente
Mobilidade
Moradia
Resistência Indígena
Saúde
Terceira Idade

Trabalho e Renda

Na atualidade, o portal conta ainda com: o manifesto do coletivo; a linha do tempo; recomendações (lista com 83 mídias independentes, coletivos e organizações acompanhados pelo *Periferia em Movimento*)¹²³; espaço para envio de conteúdos e sugestões de pautas; explicações sobre a prestação de serviços de assessoria de comunicação por parte do coletivo; contato; lista de coberturas especiais; lista de projetos (encerrados e em andamento); e espaço para produções multimídia. A parte inferior do site é caracterizada pelo resumo sobre o coletivo, links para as redes sociais digitais, telefones dos integrantes do *Periferia em Movimento*, além da seção “Fotonotícia”, composta por imagens e legendas.

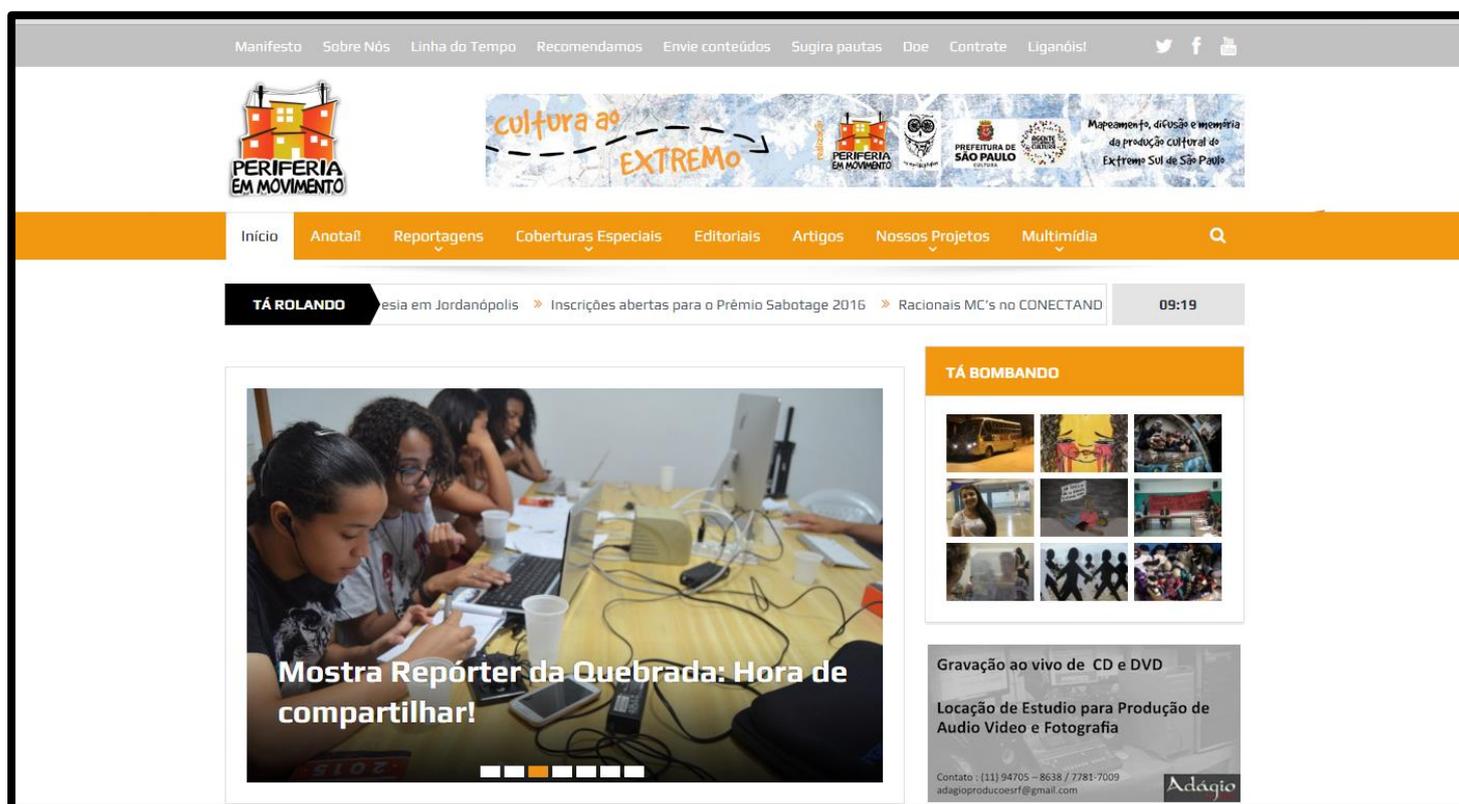


Figura 2 - Parte superior do site periferiaemmovimento.com.br

¹²³ Disponível em: <<http://periferiaemmovimento.com.br/recomendamos/>>. Acesso em: 23 nov. 2015.

The screenshot shows the top portion of the website. At the top is a navigation bar with the following items: Início, Anotail, Reportagens, Coberturas Especiais, Editoriais, Artigos, Nossos Projetos, Multimídia, and a search icon. Below this is a section titled 'ÚLTIMAS NOTÍCIAS' with a large article titled 'SANGRANDO A FAMÍLIA: Espetáculo apresenta as novas configurações familiares' dated November 07, 2015. To the right of this article is a 'NOSSO MANIFESTO' section with a 'PRA SEGUIR' sub-section featuring a Facebook post about 'Periferia em Movimento' with 10,819 likes. Below the main news grid are social media icons for Facebook, Twitter, RSS, YouTube, and SoundCloud. At the bottom right of this section is a 'PRA NÃO ESQUECER' newsletter sign-up form with an 'Enviar' button and an upward arrow icon.

Figura 3 - Parte intermediária do site periferiaemmovimento.com.br

The screenshot shows the bottom portion of the website. It features a 'Fotonotícia' section with a grid of images. The 'Sobre nós' section contains text about the organization's mission and location. The 'Conheça mais' section lists various resources like 'Manifesto', 'Quem Somos', and 'Linha do Tempo'. The 'Fale com a gente' section provides contact information, including an email address and phone numbers. At the bottom, there is a footer with a Creative Commons license (CC BY-NC) and social media icons for Facebook, Twitter, RSS, YouTube, and SoundCloud. An upward arrow icon is located at the bottom right.

Figura 4 - Parte inferior do site periferiaemmovimento.com.br

O **manifesto do coletivo** interliga-se de forma direta com a escolha de editoriais. Ao falar sobre **desconfortos**, origens rejeitadas e olhares tortos, trata-se sobre as identidades periféricas. A menção aos “muros invisíveis que enclausuram nossas casas amontoadas”¹²⁴ faz referência à seção “moradia”. “O ônibus que não passa”¹²⁵ relembra a importância das pautas sobre mobilidade urbana no jornalismo de quebrada. “A educação que não liberta” refere-se à editoria sobre educação e a “saúde que não basta”¹²⁶ ressalta visões e abordagens periféricas sobre temas e estruturas públicas ligadas a essa demanda. O vocábulo **vigília** remete à militância pela garantia de direitos fundamentais. Nesse sentido, a editoria “gênero e sexualidade” é retratada por meio da menção à figura da mulher, do homossexual e da travesti.

“O grito na garganta a cada corpo que sangra nos becos e vielas” é um trecho que se refere à editoria “**contra o genocídio**”. Nas reportagens sobre o tema, constata-se que o *Periferia em Movimento* trata sobre “o genocídio¹²⁷ da juventude - sobretudo preta, pobre e periférica¹²⁸.” Nessa seção, o coletivo compartilha materiais jornalísticos produzidos pelo *Alma Preta* e produz reportagens próprias, em especial relacionadas a temas atuais e/ou lugares que relembrem o tema. É o caso do Cemitério Jardim São Luiz, principal destino das vítimas da violência no Jardim Ângela, na década de 1990. Na reportagem, é possível constatar valores-notícia¹²⁹ como a relevância, a morte, a proximidade geográfica e o *news peg*,

¹²⁴ Disponível em: <<http://periferiaemmovimento.com.br/manifesto/>>. Acesso em: 07 out. 2015.

¹²⁵ Idem

¹²⁶ Ibidem

¹²⁷ De acordo com Geraldo Miniuci (2010), o vocábulo “genocídio” relaciona-se com a destruição de grupos nacionais ou étnicos e consiste em um “processo destrutivo, uma atividade social, que envolve identificação do inimigo, formulação do objetivo de destruição e desenvolvimento de meios para atingir esse objetivo” (p.3). A expressão “genocídio da população negra” é recorrente nas Ciências Sociais. Nesse sentido, considera-se que existe um estereótipo social em torno da identidade criminal, que, por heranças racistas, remete à imagem do negro, pobre e morador da periferia. Magali da Silva Almeida (2014) destaca que o genocídio é um princípio tácito do capitalismo. A autora utiliza o Mapa da Violência como exemplo estatístico do genocídio negro: em 2008, morreram 111,2% mais negros do que brancos no Brasil. Em 2013, o levantamento explicitou ainda que a vitimização homicida no país é predominantemente negra e masculina. Almeida ressalta também que a naturalização do racismo e a discriminação racial contribuem para a permanência do genocídio. Nas palavras da autora, “trata-se de recuperar os abusos e violações sofridas pela população negra, os processos genocidas que fazem parte de suas vidas e que interrompem seus objetivos. Principalmente, trata-se de interrogar suas naturalizadas subordinações de gênero, raça, identidade de gênero e orientação sexual, assim como a análise dessas contradições, para avistar importantes hiperativos para suprimir o genocídio.” (p.151-152).

¹²⁸ Disponível em: <<http://periferiaemmovimento.com.br/kl-jay-educacao-e-cultura-sao-caminhos-para-combater-o-genocidio/>>. Acesso em: 14 nov. 2015.

¹²⁹ Os demais valores-notícia serão especificados no capítulo 3.

proposto por Nelson Traquina como sinônimo de gancho. Nesse caso, a morte de Lucas, “adolescente negro de 16 anos”¹³⁰, serviu como “cabide” para lembrar a simbologia do Cemitério São Luís e amplificar o tema para a questão do genocídio negro nas quebradas paulistanas.

O trecho “o luto que vira luta”, presente no manifesto do coletivo, conduz o *Periferia em Movimento* à publicação de textos opinativos sobre o genocídio e/ou de temas mais amplos a partir dessa questão. No editorial¹³¹ “Nem dia 16, nem dia 20. Por quem nossas panelas batem”¹³², o coletivo explicava os motivos pelos quais não apoiava a manifestação pelo impeachment da presidente Dilma Rousseff, ocorrida no dia 16 de agosto, nem os atos que defendiam a administração petista. No texto, relata-se que o protesto do dia 16 contrariava princípios democráticos ao pedir intervenção militar. Lembra-se ainda a chacina nas periferias de Osasco e Barueri, na Grande São Paulo. Frases como “enquanto isso, aqui embaixo o sangue continua escorrendo pelos becos e vielas” e “não temos direito a luto e falar sobre as mortes pode ser perigoso, principalmente quando o estado é o principal suspeito” reafirmam o posicionamento político-ideológico e contra-hegemônico do *Periferia em Movimento*.

A **resistência** é outra palavra-chave na organização editorial do coletivo. Ao citar-se essa palavra no manifesto, lembra-se editorias como “cultura e identidade”, “meio ambiente”, “trabalho e renda” e “resistência indígena”. A **diversidade**, também retratada na frase “dedo apontado para a falsa imparcialidade”, refere-se à editoria “democratização da mídia”. Já a **busca por emancipação**, anteriormente citada nas características do jornalismo de quebrada, tem sua correspondência editorial no conjunto de materiais jornalísticos produzidos pelo *Periferia em Movimento*. Apesar de não haver referência direta à editoria “terceira idade”, pode-se lembrar esse grupo por meio da frase “para honrar a memória dos antepassados”.

¹³⁰ Disponível em: <<http://periferiaemmovimento.com.br/de-volta-ao-cemiterio-sao-luiz-contra-o-genocidio-nas-periferias/>>. Acesso em: 05 out. 2015.

¹³¹ Texto opinativo não-assinado, o qual reflete o posicionamento de um veículo de comunicação a respeito de um tema.

¹³² Disponível em: <<http://periferiaemmovimento.com.br/editorial-nem-dia-16-nem-dia-20-por-quem-nossas-panelas-batem/>>. Acesso em: 05 out. 2015.

Ao descrever o cenário sócio-cultural da América Latina e as relações entre produções culturais, comunicacionais e o cotidiano, Martín-Barbero (2004) descreve temas presentes na linha editorial do coletivo:

Essas rupturas-deslocamentos estão indicando um avanço estratégico ao contextualizar o que se produz nos meios de comunicação pela relação com os demais espaços do cotidiano. Refiro-me a alguns espaços-chave: o bairro como novo lugar de luta pela identidade dos grupos populares, a rua como lugar de uma violência particular no circuito insegurança-repressão e as diferentes formas de presença do policial, os mercados e a sua peculiar articulação entre memória popular e imaginário mercantil, o espaço escolar e familiar. (p.113)

Nas **redes sociais digitais**, o *Periferia em Movimento* acumula mais de 10.800 curtidas no *Facebook*, 924 seguidores no *Twitter*, 155 inscritos no canal do *YouTube* e nove seguidores no *SoundCloud*¹³³. No *Facebook*, técnicas e gêneros textuais mesclam-se por meio de divulgação de notícias do site e compartilhamento de conteúdo de midialivristas independentes e/ou de veículos massivos (desde que sejam correspondentes às delimitações geográfico-espaciais do coletivo). O *Twitter* é caracterizado pela reprodução de conteúdos do *Facebook*. O *YouTube* hospeda vídeos produzidos pelo coletivo em reportagens, oficinas e outras atividades. Já o perfil no *SoundCloud* é composto por podcasts produzidos em oficinas e publicações em áudio feitas por outros veículos populares, alternativos e comunitários.

3.4.2.2. Compartilhamento de vivências

A produção jornalística **a partir das periferias** pressupõe vivências em ambientes denominados quebradas por parte de quem escreve. As experiências dos jornalistas Aline Rodrigues e Thiago Borges são compartilhadas por meio do uso social das novas tecnologias e transformam-se em pautas e reportagens multimídia.

Verifica-se que os fundadores do coletivo vivenciam o cotidiano periférico pelos locais nos quais eles residem. Moradora do Campo Limpo, Aline é especialista em Libras e Educação pelo Instituto Seli. No meio jornalístico, ela atuou na área de comunicação corporativa, conduziu programas de voluntariado e foi apresentadora em canais de webTV. Já Thiago Borges mora no Grajaú, faz especialização em História, Sociedade e Cultura na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

¹³³ Dados atualizados em 23 de novembro de 2015.

(PUC-SP) e está pesquisando o processo histórico de ocupação territorial do distrito em que reside. Na área de Comunicação Social, Borges já foi repórter, editor-assistente e correspondente dos portais internacionais¹³⁴.

Stuart Hall (2003) evidencia a importância das vivências no âmbito comunicacional, tanto nos instantes de produção, como nos de recepção. Para o autor, “as leituras que você faz surgem da família em que você foi criado, dos lugares em que trabalha, das instituições a que pertence, das suas outras práticas; e isso é o que realmente penso, embora o termo ‘comunidades interpretativas’ não seja usado.” (p.378). Além das produções jornalísticas e cursos de extensão, o coletivo compartilha **experiências** por meio de encontros de empreendedores sociais, realização de vivências para repórteres que não residem nas periferias, mas desejam conhecê-las a partir do olhar vindo de dentro das quebradas e participação em debates acadêmicos sobre mídia e periferia.

Em ordem cronológica, de novembro de 2012 a abril de 2013, o *Periferia em Movimento* foi selecionado para o curso de Empreendedorismo Social Criativo do *The Hub*¹³⁵, por meio do Programa Hub Fellowship, e incubada pela comunidade The Hub São Paulo em 2013¹³⁶. Nesse mesmo ano, o coletivo promoveu a vivência “Comunicação sobre, para e a partir das periferias” ao longo do festival HUB Escola. Ainda em 2013, o *Periferia em Movimento* foi representado em um evento na Semana de Comunicação da Faculdade Cásper Líbero, além de um debate sobre mídia e periferia realizado pelo blog *Mural na Folha de S.Paulo*. No ano seguinte, o coletivo esteve presente no debate “Rebelião Jornalística”, debate sobre mídia independente promovido pela *Ponte*¹³⁷ e a *Agência Pública*¹³⁸.

¹³⁴ Disponível em: <http://www.fapcom.edu.br/loja/jornalismo-de-quebrada_p_2939.html>. Acesso em: 08 mai. 2015.

¹³⁵ Criado em 2006, o Impact Hub é uma comunidade formada por empreendedores de 60 cidades ao redor do mundo e composta por projetos e iniciativas com impacto social positivo. Os membros do *The Hub* têm acesso a treinamentos, espaços para encontros e reuniões e outras atividades. A co-criação é outra característica dos “Hubs”. Em São Paulo, o primeiro Impact Hub foi fundado em 2008, na região da avenida Paulista.

¹³⁶ Disponível em: <<http://saopaulo.impacthub.com.br/2013/02/27/conexao-na-periferia/>>. Acesso em: 10 fev. 2015.

¹³⁷ Criado em março de 2014, o canal de comunicação *Ponte Jornalismo* nasceu com o apoio institucional da *Agência Pública* e divulga reportagens investigativas sobre Segurança Pública, Justiça e Direitos Humanos. O grupo acredita que “jornalismo de qualidade sob o prisma dos direitos humanos é capaz de ajudar na construção de um mundo mais justo”. Disponível em: <<http://ponte.org/contact/>>. Acesso em: 20 out. 2015.

¹³⁸ Criada em 2011, a *Agência Pública* tem a missão de produzir reportagens investigativas que visem ao interesse público, ao fortalecimento do direito à informação e aos direitos humanos. Disponível em: <<http://apublica.org/>>. Acesso em: 20 out. 2015.

3.4.2.3. Financiamento cotidiano e conflitos éticos

O trabalho realizado pelo *Periferia em Movimento* é financiado por meio de doações e prestação de serviços nas áreas de curadoria e produção de reportagens, comunicação institucional para artistas, coletivos e organizações e promoção de encontros de aprendizagem, como extensões universitárias, cursos livres, oficinas e jornadas jornalísticas, vivências e palestras.

Na página sobre **assessoria de comunicação**, os integrantes do coletivo afirmam o objetivo de fortalecer os protagonistas socioculturais das periferias e argumentam que

A comunicação é uma etapa fundamental para fortalecer as manifestações culturais, ações de militância ou trabalhos profissionais. E, nas periferias, geralmente colocadas em segundo plano pela mídia convencional, a disputa por imaginários é ainda mais difícil (...) Por isso, nós do Periferia em Movimento partimos da experiência acumulada ao longo de anos visibilizando pautas de interesse dos moradores, fazedores de cultura e movimentos populares das quebradas paulistanas para pensar em serviços exclusivos que fortaleçam ainda mais os artistas, coletivos e organizações que atuam nas periferias.¹³⁹

O *Periferia em Movimento* oferece como serviços: o release institucional (apresentação oficial sobre o coletivo contratante); o texto institucional (estruturação da comunicação do coletivo nos diferentes meios virtuais, como blogs e redes sociais); divulgação de eventos e lançamentos; redação da biografia dos integrantes do coletivo contratante; e cobertura de eventos.

Apesar de ser um meio de sustento financeiro do jornalismo de quebrada desenvolvido pelo *Periferia em Movimento*, **conflitos éticos** circundam a prática de assessoria de comunicação oferecida pelo coletivo. Observa-se que os contratantes atuam no mesmo meio retratado nas produções jornalísticas do *Periferia em Movimento*. Desse modo, pode haver, por exemplo, uma divulgação de evento a qual foi paga ao coletivo presente no website, sob a aparência de um material apurado de forma gratuita, baseado no interesse público, caráter contra-hegemônico, na disputa de imaginários e na representação das periferias paulistanas de forma diferente em relação à mídia convencional e hegemônica criticada pelo *Periferia em Movimento*.

¹³⁹ Disponível em: <<http://periferiaemmovimento.com.br/servicos-para-seu-coletivo/>>. Acesso em: 20 mai. 2015.

Tal conflito não acontece apenas no jornalismo de quebrada e no universo da comunicação popular, alternativa e comunitária. Ao falar sobre a relação redação-assessoria, Maristela Mafei (2004) afirma que

Em qualquer situação, ser assessor e trabalhar em redação ao mesmo tempo é como jogar para os dois lados. Falta isenção ao repórter ou ao editor para julgar se aquele material de divulgação tem interesse público para ser veiculado. É impensável uma situação em que o próprio assessor, tendo em mãos um texto sobre seu assessorado, defenda que o mesmo não deva ser transformado em notícia. Se assim achasse, sequer o teria escrito. Na prática, há quem diga que tal conflito deixa de existir se o repórter atua em um tipo de cobertura (política, por exemplo) e seus assessorados pertencem a outra (como a de cultura). Nesses casos, o embate não é frontal, mas ainda assim há o risco de esbarrar em relacionamentos com jornalistas de outras editorias que, por um triz, priorizam o “favor” ao colega (inserindo o assessorado deste no noticiário) em detrimento do interesse geral. (p.12-13)

Por outro lado, se o papel contra-hegemônico e emancipatório do jornalismo de quebrada for evidenciado, é possível enxergar a assessoria de imprensa para coletivos periféricos não como um desvio ético, mas sim como uma forma de manutenção dos trabalhos do *Periferia em Movimento* e, portanto, fortalecimento da democratização da comunicação.

3.4.2.4. Viabilizações e ascensões: o financiamento público e coletivo de cultura na cidade de São Paulo

Além da prestação de serviços, o *Periferia em Movimento* também é financiado por programas públicos e iniciativas coletivas na sociedade em rede (*crowdfunding*). A primeira atividade extra-acadêmica realizada pela equipe foi o ciclo ***Periferia em Movimento Debates***, entre maio e dezembro de 2010. A iniciativa foi contemplada pelo Programa de Valorização de Iniciativas Culturais (VAI).

Em vigor desde 2004, o VAI é um dos principais fomentos à cultura apoiados e financiados pela Secretaria Municipal de Cultura do Município de São Paulo. Os objetivos do VAI são “estimular a criação, acesso, formação e a participação do pequeno produtor e criador do desenvolvimento cultural da cidade, promover a inclusão cultural e estimular dinâmicas culturais locais e a criação artística”¹⁴⁰.

¹⁴⁰ Disponível em:

<http://www3.prefeitura.sp.gov.br/cadlem/secretarias/negocios_juridicos/cadlem/integra.asp?alt=25032003L%20135400000>. Acesso em: 10 fev. 2015

O edital é lançado uma vez por ano e contempla pelo menos 25 tipos de iniciativas culturais diferentes na capital paulista. Projetos na área de comunicação, categoria na qual se encaixa o *Periferia em Movimento*, também podem ser financiados por meio do “VAI”. O programa foi criado pela Lei Municipal nº 13.540/2003 e ampliado pela Lei Municipal nº 15.897/2013, com a criação das modalidades I e II. A primeira categoria é voltada a projetos e coletivos compostos por jovens de baixa renda com idade entre 18 e 29 anos. A modalidade II é destinada a jovens e adultos de baixa renda com histórico de pelo menos dois anos de atuação em regiões desprovidas de recursos e equipamentos culturais¹⁴¹ ou grupos já contemplados pelo VAI I.

Projetos financiados pelo Programa de Valorização de Iniciativas Culturais não podem receber outras formas de fomento oferecidas pelo Poder Público Municipal. As propostas são avaliadas por comissões compostas por até 16 membros, incluindo representantes do Executivo, de entidades ou movimentos culturais e membros da sociedade civil. Alguns dos critérios utilizados pela comissão avaliadora na seleção das iniciativas são: consistência do portfólio dos candidatos, capacidade de fortalecer e ampliar redes culturais existentes, perspectivas de continuidade da ação após o término do projeto e resultados e impactos gerados por atividades anteriores promovidas pelos coletivos. Os valores destinados aos projetos podem chegar a R\$32 mil para os projetos classificados na modalidade VAI I e a R\$64 mil, caso estejam na modalidade VAI II¹⁴². Os selecionados devem prestar contas ao município durante e ao final do projeto por meio de relatórios de atividades, material de divulgação, registro fotográfico e/ou audiovisual, demonstrativo financeiro de despesas, além de comprovantes fiscais e extratos da conta do projeto.¹⁴³

Após a conclusão do *Periferia em Movimento Debates*, o coletivo promoveu a **O.C.A. - Oficina de Cinema Amador**. O projeto englobou oficinas de produção

¹⁴¹ Em 2014, as regiões mais contempladas por projetos do VAI II foram São Mateus (zona leste) e M'Boi Mirim (zona sul), com cinco programas culturais em cada localidade. Na soma geral, a Subprefeitura Capela do Socorro (zona sul) teve o maior número de projetos selecionados, com 24 iniciativas. A região com o segundo maior número de projetos contemplados pelo programa VAI foi M'Boi Mirim, com 21 programas culturais. As sinopses dos 238 programas culturais selecionados para a participação no VAI em 2014 estão disponíveis em: <https://docs.google.com/file/d/0B05i6L_Eild9SGtiZ0FXMGVaZUk/edit>. Acesso em: 09 mar. 2015.

¹⁴² Valores atualizados no edital 2015. Disponível em: <http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/upload/editalvai2015_1419279504.pdf>. Acesso em: 03 mar. 2015

¹⁴³ As regras estão detalhadas no edital 2015 do Programa VAI

cinematográfica no Grajaú e no Campo Limpo e também foi fomentado pelo Programa VAI. A iniciativa resultou ainda na Mostra de Cinema Amador (MoCA), realizada em Santo Amaro¹⁴⁴.

Em 2014, o *Periferia em Movimento* iniciou o projeto **Cultura ao Extremo** com o apoio do programa Agente Comunitário de Cultura¹⁴⁵, promovido pela Secretaria Municipal de Cultura de São Paulo, e parceria da revista *Expressão Cultural Periférica (ECP)*¹⁴⁶. O objetivo é mapear os “fazedores de cultura” nos distritos de Cidade Dutra, Grajaú, Marsilac, Parelheiros e Socorro. Para isso, o coletivo disponibilizou um questionário, a ser respondido por artistas, coletivos e espaços de articulação nesses bairros. Foram identificados quase 200 “fazedores de cultura” naquela região. Até o momento¹⁴⁷, o *Periferia em Movimento* publicou 15 matérias relacionadas ao Cultura ao Extremo¹⁴⁸.

O projeto mais recente do coletivo também é financiado por meio de programas de financiamento público. O **Repórter da Quebrada - Jornalismo Cidadão conectando o Extremo Sul** teve início em janeiro, com apoio do edital

¹⁴⁴ Em 2015, o VAI ganhou a modalidade TEC, com o objetivo de contemplar projetos de inovação tecnológica em São Paulo. O incentivo financeiro teve o valor máximo de R\$ 25 mil. O programa integrou a política Tech Sampa, política de estímulo à inovação e desenvolvimento de startups paulistanas. Além do VAI, o município de São Paulo também mantém o fomento ao cinema, ao teatro e à dança. Existem ainda editais esporádicos, como é o caso do “Arte da Cidade”, criado para financiar intervenções urbanas com artes visuais. Em âmbito estadual, o incentivo à cultura é viabilizado por meio do Programa de Ação Cultural (ProAC), Programa de Fomento ao Cinema Paulista, Prêmio Estímulo ao Curta-Metragem, Prêmio Governador do Estado e Prêmio São Paulo de Literatura.

¹⁴⁵ A Prefeitura de São Paulo define o Agente Comunitário de Cultura (Bolsa-Cultura) como “aquele que, de forma individual ou vinculado a um grupo/coletivo/rede, desenvolve, entre outras ações, processos de criação e produção culturais nas diversas linguagens artísticas e formas de expressão cultural, práticas culturais relacionadas ao pensamento, formação, qualificação, criação e circulação, entre outras.” O programa objetiva apoiar financeiramente indivíduos que atuam na produção e acesso à cultura, em especial em regiões com menor oferta de equipamentos e serviços culturais. O extremo sul, representado por bairros como Grajaú, Parelheiros e Marsilac, ficou na área 3, a qual tinha maior número de vagas. Locais como Brasilândia, Capão Redondo, Jaçanã, São Mateus, Jardim Ângela, Guaianases e Cidade Tiradentes ficaram no mesmo grupo. O valor da bolsa foi de R\$1.000,00 por mês, com duração de 12 meses.

Disponível em: <<http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/cultura/noticias/?p=15213>>. Acesso em: 23 out. 2015.

¹⁴⁶ A revista é um dos produtos do coletivo cultural do Grajaú, que foi formado em 2012 e leva o mesmo nome. Formado por quatro pessoas que perceberam, “em suas vivências cotidianas em trabalhos socioculturais que desempenhavam perceberam o quanto era necessário ampliar as ações culturais nas periferias, pois a demanda era grande”. O ECP utiliza a plataforma Blogspot e a rede social digital *Facebook* para divulgar eventos ocorridos nas periferias do extremo sul paulistano. Disponível em: <<http://ecperiferica.blogspot.com.br/>>. Acesso em: 14 set. 2015.

¹⁴⁷ Levantamento concluído no dia 22 de novembro de 2015.

¹⁴⁸ Disponível em: <<http://periferiaemmovimento.com.br/projetos-especiais/projetos-em-andamento/cultura-ao-extremo/>>. Acesso em: 22 nov. 2015.

Redes e Ruas¹⁴⁹, da Prefeitura de São Paulo. Adolescentes a partir dos 13 anos puderam participar de oficinas livres, ocorridas em praças equipadas com wi-fi livre, e de um curso sobre jornalismo cidadão, o qual debateu “a garantia de direitos no contexto das quebradas”¹⁵⁰. Ao falar sobre o projeto, o coletivo utiliza uma frase de Bill Kovach e Tom Rosentiel: “A primeira lealdade do jornalismo é com os cidadãos e deve apresentar a eles o que é significativo de forma interessante e relevante.” Até o momento, o *Periferia em Movimento* veiculou um vídeo geral no qual os participantes das oficinas falavam sobre os seus direitos e outras seis reportagens escritas pelos adolescentes e jovens, cujos temas foram: moradia; direito à cidade; educação; racismo; homossexualidade e transexualidade nas periferias; e cultura periférica.

Assim como as oficinas de jornalismo, que resultam em reportagens coletivas, o Repórter da Quebrada trabalha com princípios relacionados a **educomunicação**. O conceito está em construção, mas o Núcleo de Comunicação e Educação da Universidade de São Paulo (NCE-USP) considera que a educomunicação é “um conjunto das ações inerentes ao planejamento e implementação de processos e produtos destinados a: ampliar a capacidade de expressão de todas as pessoas num espaço educativo; melhorar o coeficiente comunicativo das ações educativas; desenvolver o espírito crítico dos usuários dos meios de comunicação; usar adequadamente os recursos da informação nas práticas educativas; e criar e fortalecer ecossistemas comunicativos em espaços educativos” (SILVA, 2011, on-line). Ecossistemas educativos, comunicação dialógica, planejamento participativo, avaliação coletiva, protagonismo (sujeitos midiáticos ativos), uso criativo das tecnologias e gestão democrática da comunicação são as palavras-chave enumeradas pelo NCE-USP para identificar se uma atividade é ou não educomunicativa. Em linhas gerais, o **Repórter da Quebrada** é um programa educomunicativo por propor uso criativo das tecnologias, protagonismo juvenil e gestão democrática. Faz-se necessário pesquisar o tema em

¹⁴⁹ Resultado da parceria entre as Secretarias Municipais de Cultura, Direitos Humanos e Serviços, o “Redes e Ruas” selecionou projetos de formação, produção artístico-cultural, comunicação, desenvolvimento e ocupação do espaço público pela cidadania entre agosto e dezembro de 2014. O projeto contemplou pessoas jurídicas sem fins lucrativos e grupos/ coletivos de pessoas físicas, com valor máximo de até R\$ 140 mil para cada projeto. Disponível em: <<http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/cultura/noticias/?p=15872>>. Acesso em: 14 set. 2015.

¹⁵⁰ Disponível em: <<http://periferiaemmovimento.com.br/projetoreporterdaquebrada/>>. Acesso em: 25 ago. 2015.

profundidade para saber se características como comunicação dialógica, planejamento participativo e avaliação coletiva estão presentes no projeto.

A principal experiência de financiamento coletivo on-line do Periferia em Movimento foi a série *À margem da margem*, que resultou, até o momento, em 32 textos: 29 reportagens e três artigos.

3.4.3. Mapa-mundi: As “bordas” também têm histórias

“Quantas histórias habitam as periferias de São Paulo?”¹⁵¹. A partir deste questionamento, os jornalistas do coletivo de comunicação *Periferia em Movimento* idealizaram o projeto jornalístico *À margem da margem* em 2013 e viabilizado por meio de um financiamento coletivo on-line (*crowdfunding*) entre março e maio de 2014 por meio da plataforma Benfeitoria¹⁵².

Os objetivos das iniciativas eram: desenvolver matérias jornalísticas sobre temas relacionados a periferia da periferia; selecionar pelo menos quatro representantes de grupos minoritários¹⁵³ para participar de uma oficina de comunicação ainda em 2013; e oferecer suporte para que os participantes criassem canais de comunicação e conteúdos próprios. O projeto envolvia ainda a ideia de documentários sobre o cotidiano dos representantes. A meta inicial era arrecadar R\$ 2000 para financiar os custos de *À margem da margem*. Estabeleceu-se ainda que, a cada R\$ 500 doados acima do valor da meta, um (a) novo (a) interessado (a) teria a oportunidade de participar das oficinas.

Intitulada *Periferia em Movimento: um olhar profundo para a periferia da periferia de São Paulo*, a campanha foi categorizada como projeto de inclusão social pela plataforma de mobilização online e contou com um texto explicativo, um vídeo

¹⁵¹ Disponível em: <<http://periferiaemmovimento.com.br/a-margem-da-margem/>>. Acesso em: 24 mar. 2015.

¹⁵² O Benfeitoria é uma plataforma de mobilização online que mescla *crowdfunding* com outras modalidades de *crowdsourcing* (co-criação ou criação coletiva). A missão desse laboratório de experimentos colaborativos é “transformar interesse coletivo em impacto positivo e pessoas de bem em benfeitoras”. Criado em 2011, o Benfeitoria venceu o edital Rio Criativo (2011) e o Prêmio IG Startups (2012). A empresa não cobra comissão pelos projetos que hospeda.

¹⁵³ A informação disponível no texto explicativo hospedado no Benfeitoria entra em conflito com a reportagem divulgada pelo blog “Na Rede”, da Rede Brasil Atual (RBA), sobre o projeto. Na matéria publicada em 03 de abril de 2013, a jornalista Sarah Fernandes informa que dez representantes participariam das oficinas. Durante a entrevista para tirar dúvidas sobre a série *À margem da margem*, o jornalista Thiago Borges esclareceu que a ideia inicial era de incluir quatro representantes nas oficinas, conforme descrito no texto disponibilizado pelo Benfeitoria. Disponível em: <<http://www.redebrasilatual.com.br/blogs/blog-na-rede/2013/04/coletivo-tenta-arrecadar-fundos-para-financiar-documentario-feito-por-minorias-1>>. Acesso em: 02 set. 2015.

e *hiperlinks* complementares, como o endereço do blog, da página oficial no *Facebook* e de quatro oficinas anteriores realizadas pelo coletivo¹⁵⁴. Existia ainda a possibilidade de contato diretamente com os autores de *À margem da margem*. Na explanação textual sobre o projeto, há dados e impressões sobre as periferias nas metrópoles brasileiras, com foco em São Paulo. Para os membros do Periferia em Movimento, a periferia é a “nova classe média”, que luta por meio da organização social, política, econômica e cultural para demarcar seu espaço no mundo¹⁵⁵.

Os precursores da série *À margem da margem* utilizam a construção de representações das periferias paulistanas por meio da pauta midiática como argumento para a produção do projeto:

Como jornalistas e moradores de bairros periféricos de São Paulo, nós do coletivo Periferia em Movimento sabemos que o retrato feito pela grande imprensa tem um viés geralmente negativo (isso quando há espaço para a periferia) e as ações transformadoras de iniciativa do próprio povo quase sempre ficam fora da pauta midiática, o que tentamos amenizar com nosso trabalho. Mas reconhecemos que há muitas vozes que não estão sendo ouvidas. Além das batalhas diárias enfrentadas pela maioria dos moradores das periferias, grupos minoritários têm de lidar com estigmas sociais.¹⁵⁶

Idosos, portadores de deficiência, ateus, praticantes de religiões minoritárias, viciados em drogas, indígenas, travestis, praticantes de esportes pouco populares no Brasil e imigrantes estrangeiros são destacados como alguns dos grupos que vivem na periferia da periferia. Para concretizar o projeto, a metodologia apresentada pelo Periferia em Movimento foi: mapeamento de alguns grupos minoritários, produção de reportagens, organização de encontros de formação sobre jornalismo de quebrada, além de produção e edição de vídeos¹⁵⁷.

¹⁵⁴ Os vídeos selecionados pelo coletivo como exemplos de produções audiovisuais realizadas a partir de oficinas de comunicação foram: *Valo Velho Direto*, documentário que mostra a história de uma antiga linha de ônibus que ligava o bairro, localizado no Capão Redondo, zona sul, ao Terminal Bandeira, no centro; *Economicamente Gay*, que retrata a homossexualidade na periferia; *Plano e processo. Próximo!*, que aborda as dificuldades e inspirações de um participante da Oficina de Cinema Amador (OCA) ao produzir seu material audiovisual; e *Um sonho, mendigo*, curta fictício que mostra a história de um migrante que deseja sair do Nordeste e residir em São Paulo. Todas as produções foram realizadas a partir da OCA.

¹⁵⁵ Disponível em: <<http://benfeitoria.com/periferiaemmovimento>>. Acesso em: 10 mar. 2015.

¹⁵⁶ Disponível em: <<http://benfeitoria.com/periferiaemmovimento>>. Acesso em: 10 mar. 2015.

¹⁵⁷ A ideia de falar sobre as periferias das periferias surgiu pouco antes das Jornadas de Junho, manifestações movimentadas pelo Movimento Passe Livre (MPL) contra o aumento da tarifa no transporte público coletivo nas principais capitais do Brasil. Com o tempo, os atos ganharam novas demandas ao longo do tempo, como apelos contra a corrupção e pedidos por melhorias na saúde, educação e em outros setores sociais. O *Periferia em Movimento* demonstra identificação crítica com tal momento político ao afirmar, por meio de seu manifesto, que “Periferia em Movimento é vigília. É quem nunca dormiu enquanto o gigante despertava”.

No âmbito da comunicação popular, alternativa e comunitária, os conceitos de **minorias** auxiliam na ampliação do conceito “periferias das periferias”. Muniz Sodré (2005) destaca que a minoria tem voz qualitativa. O autor explica que a noção contemporânea de minoria

(...) refere-se à possibilidade de terem voz ativa ou intervirem nas instâncias decisórias do Poder aqueles setores sociais ou frações de classe comprometidos com as diversas modalidades de luta assumidas pela questão social. Por isso, são considerados minorias os negros, os homossexuais, as mulheres, os povos indígenas, os ambientalistas, os antineoliberalistas etc. (p.11-12)

Sodré explica ainda que as minorias são movidas pelo impulso de transformação e têm como características: a vulnerabilidade jurídico-social; a identidade *in statu nascendi*; a luta contra-hegemônica; e as estratégias discursivas de luta.

O vídeo da campanha teve quatro minutos de duração e contou com depoimentos da paraplégica Luzia Gonçalves de Souza (fonte que não foi entrevistada na série posteriormente), dos jornalistas do Periferia em Movimento Thiago Borges, Aline Rodrigues e Ana Paula Fonseca. Ao longo do curta, questões como a moda de se falar sobre a periferia e “você já parou para pensar nas pessoas que estão fora de tudo isso, na periferia da periferia, na margem da margem?” são feitas ao espectador, que é convidado a contribuir com o projeto. Hospedado no site *YouTube*, o material audiovisual foi lançado em 12 de março de 2013 e teve mais de 360 visualizações¹⁵⁸. O prazo inicial para a arrecadação do dinheiro foi o dia 15 de abril. Nessa data, o coletivo tinha 78% do valor da meta estabelecida. Em virtude disso, a iniciativa foi prorrogada até o dia 02 de maio. Caso o objetivo financeiro não fosse atingido, o dinheiro seria devolvido aos doadores.

Arrecadou-se R\$2.245, 12% a mais do que a meta estabelecida pelo coletivo. No total, 44 benfeitores colaboraram com a causa por meio de 48 doações. O valor mínimo para apoiar o projeto era de R\$ 10. Segundo informações disponíveis no site do Benfeitoria, não houve nenhuma colaboração não-financeira à proposta do Periferia do Movimento.

¹⁵⁸ O dado foi atualizado em novembro de 2015.

Quadro 3 - Distribuição do apoio financeiro dado ao projeto “À margem da margem” no Benfeitoria

Valor da doação	Número de benfeitores	Recompensa ¹⁵⁹
R\$ 10-R\$ 29,99	14	Agradecimento especial por e-mail
R\$ 30-R\$49,99	13	Publicação do nome do benfeitor no site, nas redes sociais e nos créditos do documentário
R\$ 50-R\$ 99,99	10	Recebimento de informações exclusivas dos bastidores do projeto, como o mapeamento e os selecionados para participar da oficina
R\$ 100-R\$ 199,99	2	Envio de uma cópia do documentário em DVD
R\$ 200-R\$ 499,99	3	Entrega de um presente especial preparado por um dos participantes
R\$ 500-R\$ 999,99	0	Vivência na oficina de comunicação
R\$ 1000 ou mais	0	Promoção de uma sessão exclusiva do documentário com os participantes da oficina, em local a ser definido pelo apoiador
Qualquer valor	6	Sem recompensas

Fonte: A autora, 2015.

No período da arrecadação de fundos para a realização do projeto, 21 publicações no *Facebook* do *Periferia em Movimento* referiam-se à série. A primeira foi veiculada em 13 de março e teve cinco curtidas e quatro compartilhamentos. Nesse período, transmitiu-se a ideia de que, se cada pessoa doasse R\$ 10, o projeto sairia rapidamente do papel. Trabalhava-se ainda com os conceitos de representação e representatividade na mídia convencional e colocava-se *À margem da margem* como uma iniciativa para tirar as quebradas da periferia da mídia. Posts sobre grupos específicos, como os idosos, também ganharam espaço na página do coletivo na rede social.

¹⁵⁹ As recompensas são cumulativas

Em 09 de abril de 2013, o pedido de doação tornou-se capa do *Facebook* do *Periferia em Movimento*:

Periferia em Movimento atualizou a foto da capa dele.
9 de abril de 2013 · 🌐

Três a cada quatro paulistanos vivem nas periferias, mas muitas vezes ainda não são ouvidas.

O Periferia em Movimento se propõe a ir atrás dessas pessoas, que estão "à margem da margem", conhecer suas histórias e dar ferramentas para que elas próprias produzam conteúdo jornalístico sobre a própria realidade.

Para isso, estamos arrecadando R\$ 2.000. Temos até o dia 15 de abril para atingir essa meta. Caso contrário, tudo que arrecadamos até agora será devolvido a quem acredita e já contribuiu para este projeto sair do papel.

Se você também acredita neste sonho, acesse www.benfeitoria.com/periferiaemmovimento e contribua com conhecimentos, contatos ou valores a partir de R\$ 10.

DEZ CONTO, TRUTAGEM!

deficientes físicos deficientes mentais TRAVESTIS idosos dependentes químicos estrangeiros

Com apenas **DEZ REAIS** você contribui para que essas histórias ganhem visibilidade!

Acesse e colabore já!
benfeitoria.com **PeriferiaEmMovimento**

👍 Curtir 🗨 Comentar ➦ Compartilhar

Lucila Matos curtiu isso.

3 compartilhamentos

Figura 5- Publicação na página do *Periferia em Movimento* no *Facebook*

A campanha on-line foi finalizada no dia 03 de maio de 2013, com um agradecimento do coletivo para todas as pessoas que colaboraram. Mais do que meio para pedir doações, o *Facebook* foi utilizado como plataforma para **despertar a curiosidade** dos internautas sobre a série, por meio de declarações dos entrevistados para as matérias. A primeira prévia foi publicada em 10 de maio. Dados de pesquisas utilizadas posteriormente para compor as reportagens também foram antecipadas por meio da rede social. No total, foram veiculadas 12 prévias do conteúdo de *À margem da margem*, no período entre maio e setembro de 2013. Os comentários variaram do interesse pelo projeto ao questionamento do fato de que “quem está no extremo, não tem opção”, conforme demonstra o post abaixo:

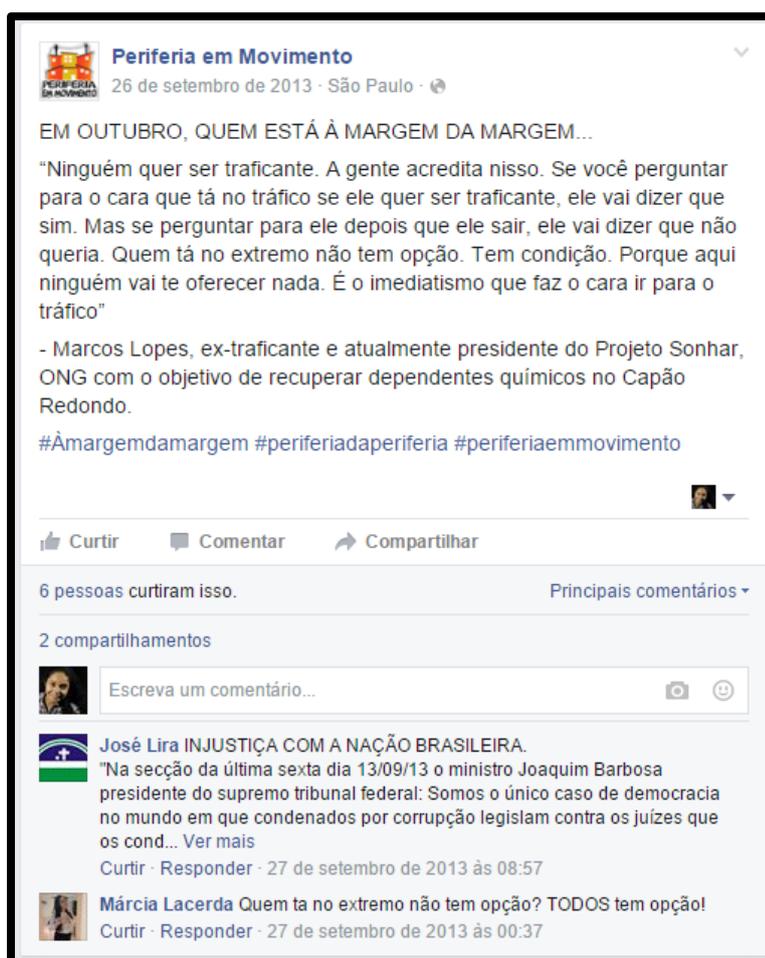


Figura 6- Exemplo de repercussão das prévias da série *À margem da margem* no Facebook.

Para identificar quem estava à margem da margem, o coletivo criou um questionário¹⁶⁰, o qual foi só foi respondido por uma pessoa

O primeiro questionário que a gente fez era pra falar com pessoas que nos ajudariam a articular com esses possíveis participantes das oficinas, pra ver quem participaria das oficinas. Uma pessoa respondeu só, que é de uma comissão pró-indígena em São Paulo (...) mas mesmo assim, entre a gente, estávamos bem inseguros nesse sentido.¹⁶¹

A percepção de possíveis conflitos e da reprodução dos padrões hegemônicos da mídia hegemônica levaram o coletivo a mudar o formato do projeto: “A gente começou a embalar: ‘peraí’, a gente vai fazer uma oficina de jornalismo com uma travesti, um idoso, um imigrante de um país, de uma etnia que você nem sabe qual é, uma pessoa com deficiência. Como eu vou lidar com os possíveis conflitos que vão acontecer?”¹⁶². A partir daí, Thiago e Aline decidiram realizar a oficina de jornalismo e diversidade nas quebradas¹⁶³, com foco territorial no extremo sul da cidade. Com base nas experiências no início do projeto, o coletivo debateu a condição do jornalismo como formador de estereótipos.

O **documentário** também teria um novo direcionamento: falar sobre pessoas que moram na região dos mananciais e retratar o contexto histórico e a visão atual sobre a ocupação desses espaços. Foram gravadas entrevistas com uma dependente química que se mudou para a região e também com um casal de homossexuais. Borges conta que

(...) houve uma desmobilização no grupo porque as pessoas assumiram outros compromissos e a gente não conseguiu tocar o documentário, pois a ideia era que os participantes tocassem o documentário, não a gente. A ideia era que a gente fosse integrante da produção. A gente fez as entrevistas, mas não foi pra frente.¹⁶⁴

O dinheiro arrecadado com o financiamento coletivo do Benfeitoria foi utilizado com quatro oficinas: duas realizadas com os guaranis da aldeia Tenondé-Porã e outras duas gerais. Segundo Thiago, a intenção original era usar o valor apenas com tais atividades. O coletivo estima que o projeto original teria custos totais de R\$ 15 mil.

¹⁶⁰ Disponível em: <<https://docs.google.com/forms/d/1YMtdonzveZr6FAlrH4z9ofmxULvoaWCbj996PYcT6Jk/viewform>>. Acesso em: 07 ago. 2015.

¹⁶¹ A entrevista está disponível nos apêndices da monografia.

¹⁶² Idem.

¹⁶³ Disponível em: <<http://periferiaemmovimento.com.br/oficina-de-jornalismo-e-diversidade-nas-quebradas/>>. Acesso em: 20 nov. 2015.

¹⁶⁴ A entrevista está disponível nos apêndices da monografia.

Na visão do *Periferia em Movimento*, as reportagens da série *À margem da margem* funcionam como um mapeamento inicial das periferias das periferias. Thiago explica que as reportagens “também são muito introdutórias pra gente mesmo, então elas não dão uma dimensão de como é a situação desses grupos aí que a gente listou primeiramente, mas ajudou a ver o tamanho do desafio que seria também.”¹⁶⁵

Com média de 4937 caracteres, as reportagens tiveram formatações variadas. Nos primeiros textos, o nome dos entrevistados foi destacado em negrito. Posteriormente, os grifos passaram para os dados mais relevantes de cada matéria, na percepção dos jornalistas. No *Facebook*, a série foi retratada com chamadas que reafirmam a proposta de retratar as periferias das periferias. Nesse período, foram utilizados títulos como “periferia indígena”, “periferias estrangeira”, “periferia trans” e “terceira idade na periferia”. Destacou-se ainda o desejo de complexificar e problematizar o tema “margens das margens”:

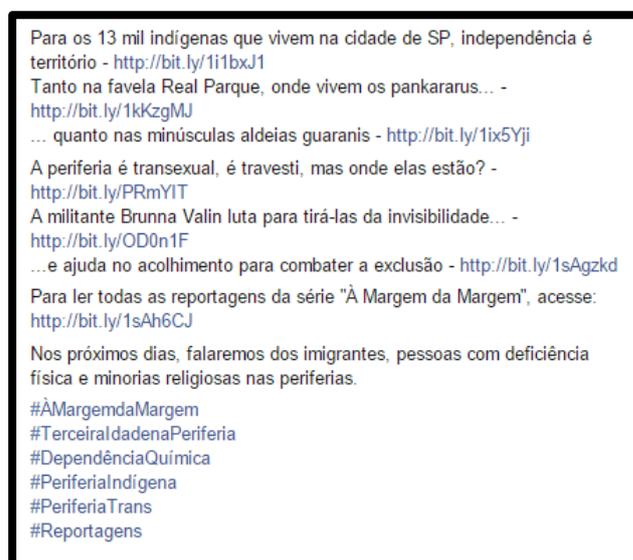
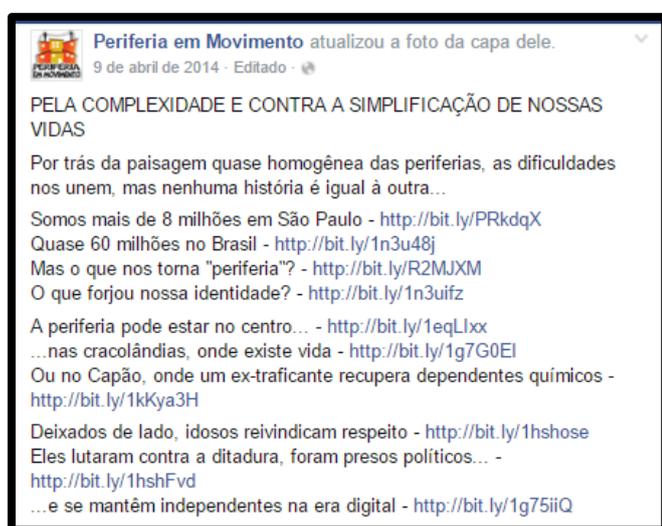


Figura 7- Publicação no *Facebook* do *Periferia em Movimento* contrária à simplificação da vida nas periferias

Para verificar quais foram as ferramentas jornalísticas utilizadas pelo *Periferia em Movimento* para construir representações sobre as periferias paulistanas, faz-se necessário retomar a proposta da análise crítica de discurso (ACD).

¹⁶⁵ A entrevista encontra-se nos apêndices digitalizados da monografia.

4. À margem da margem: o jornalismo de quebrada em prática

Não se trata de reduzir a história a discurso, mas de ler o discurso, o discurso dos meios maciços, neste caso, como acontecimento de poder. Que não pode ser confundido com o discurso pronunciado pelo Poder, nem com a semântica oficial dos políticos, mas que é esse outro discurso que trabalha qualquer matéria significativa visual ou sonora, e cuja análise consiste em descobrir as operações por meio das quais se constitui e realiza o controle. (Jesús Martín-Barbero)

4.2. ACD: discursos e mediações ideológicas

Em meio a disputa de imaginários, contra-hegemonias, incorporação de gírias e outras características do jornalismo de quebrada, é essencial utilizar uma metodologia de análise a qual considere a ideologia por trás do discurso. Nesse sentido, Martín-Barbero (2004) ressalta a importância de analisar-se “o possível, o conflito, a mudança, o imaginário e o simbólico” (p.65). Em outras palavras, o autor destaca o papel da análise de discurso como meio de identificar as mediações sociocomunicativas da cultura em textos, falas e outras formas de comunicação.

Nesse trabalho, opta-se pela Análise Crítica de Discurso (ACD)¹⁶⁶, a qual pressupõe que o discurso tem natureza dialética: deve-se considerar a determinação social e a construção do social na prática discursiva (FAIRCLOUGH, 2001, p.92). A ACD surgiu na década de 1980 com o objetivo de verificar o papel da linguagem na transformação social. Marcado pela interdisciplinaridade, o quadro epistemológico central da corrente é composto por Teun Van Dijk (vertente sócio-

¹⁶⁶ Ao falar sobre a análise de discurso como um procedimento metodológico para pesquisas em Comunicação Social, Manhães (2010) elege John Austin como representante clássico da análise de discurso inglesa, definida como pragmática e centrada no papel ativo do sujeito. Em 1962, Austin apresentou a teoria geral dos atos da linguagem (ou do discurso ou dos atos de fala). Apesar de a pragmática austrianiana não enfatizar perspectivas sociais do discurso, o autor pregava que “falar é, portanto, intervir no mundo” (Flores, 1994, p.3) e preocupava-se com os elementos encontrados além da linguagem. O autor cita Norman Fairclough, John Searle, Oswald Ducrot e Emile Benvenist como outras referências da análise de discurso inglesa. Apesar da coincidência geográfica, a ACD é posterior aos pressupostos austinianos, cronológica e epistemologicamente.

cognitiva¹⁶⁷), Gunter Kress (semiótica social) e Norman Fairclough (Teoria Social do Discurso).

Fairclough (2001) explicita os objetivos da ACD:

O que se busca é uma análise de discurso que focalize a variabilidade, a mudança e a luta: variabilidade entre as práticas e heterogeneidade entre elas como reflexo sincrônico de processos de mudança histórica que são moldados pela luta entre as forças sociais. (p.58)

A ACD sustenta-se pela Linguística Crítica¹⁶⁸, com enfoque gramsciano e na Teoria Crítica. A relação dialética proposta na ACD possibilita o trabalho com o quadro teórico dos Estudos Culturais Latino-Americanos e da comunicação a partir da cultura em geral.

Walsh (2011) esclarece que o sujeito analisado pela ACD é influenciado ideologicamente, mas não é dominado por completo pela ideologia (p.11). Na obra de Fairclough, pode-se identificar o objeto de análise da ACD como pós-moderno. A autora também sintetiza que a ACD é caracterizada pela análise da ação por meio de mediação dialética. Mudanças e revoluções reconhecidas pela corrente são associadas ao inconsciente (WALSH, 2011, p.19). Além de reconhecer a possibilidade de mudança a partir da linguagem, a abordagem da Teoria Social do Discurso também conta com concepções de ideologia e hegemonia elaboradas por Fairclough baseadas em Althusser e Gramsci.

4.2. Ferramentas

As ferramentas oferecidas pela Análise de Discurso Textualmente Orientada (ADTO) proposta por Fairclough são adequadas para o estudo de reportagens e artigos. Martino (2010) também destaca que “desconstruir o discurso jornalístico pode ser entendido como um esforço para identificar as várias vozes dentro da notícia” (p.35). A adequação ao projeto específico do pesquisador também é uma

¹⁶⁷ Van Dijk é responsável por trazer o conceito de contexto ao âmbito da análise crítica de discurso. Segundo o autor, contexto é a estrutura mentalmente representada das propriedades da situação social (VAN DIJK, 2008a, p.119 apud GUIMARÃES, 2012, p.451). O cognitivista explica que a linha proposta por Fairclough desconsidera a interface cognitiva existente na relação entre textos e contextos. Em síntese, a cognição serviria de mediação entre o discurso e a sociedade na visão de Van Dijk, ou seja, as análises críticas deveriam considerar o triângulo discurso-cognição-sociedade. Nas Ciências da Linguagem, tal teoria também é conhecida como Análise Cognitiva (ou sociocognitiva) do discurso.

¹⁶⁸ Abordagem desenvolvida na Grã-Bretanha na década de 1970 cuja visão considerava a linguagem como forma de intervenção na ordem econômica e social, segundo resumo de Pacheco (2012).

característica da ACD: “não há procedimento fixo para se fazer análise de discurso; as pessoas abordam-na de diferentes maneiras, de acordo com a natureza específica do projeto e conforme suas respectivas visões do discurso.” (FAIRCLOUGH, 2001, p.275). O trabalho com o *corpus* previamente delimitado acontece em três etapas: seleção de dados a partir de pesquisa documental, análises e resultados. A investigação ocorre por meio de microanálise textual e macroanálise de práticas discursivas.

Os textos da série “À margem da margem” serão analisados a partir das seguintes classes particulares de traços: editorias jornalísticas; tematização; tipologia das fontes jornalísticas; organização editorial; distribuição geográfica das reportagens; e histórias de vida. Como ferramenta específica de análise jornalística, serão utilizados os valores-notícia propostos por Traquina (2008) e Wolf (2012). Para complementar as informações sobre a série, utilizou-se ainda a entrevista por telefone com Thiago Borges e a consulta a todos as publicações do coletivo no *Facebook* entre 2013 e 2014.

A organização editorial será analisada sob o prisma da organização das informações. Parte-se do pressuposto de que os dados destacados no início de cada texto são mais importantes para os repórteres do que as informações complementares, no final das matérias. Baseada nos conceitos de espaço geográfico e cidade-espaço de comunicação, observa-se a distribuição geográfica das reportagens. Leva-se em conta os lugares nos quais as fontes entrevistadas residem e locais pelos quais elas passaram (mudança de bairro, breve passagem por outra cidade, entre outros casos). Optou-se por excluir os locais de origem das fontes, por constatar-se que tal análise foge ao problema da pesquisa, que consiste em verificar quais são as ferramentas jornalísticas utilizadas pelo jornalismo de quebrada para construir representações das periferias paulistanas. Cabe ressaltar ainda que duas citações de um mesmo local no mesmo texto não serão consideradas na contagem final.

Para a verificação dos tipos de fontes, usa-se os conceitos de Nilson Lage (2009). O autor explica que há fontes primárias e secundárias; oficiais, oficiosas e independentes; e testemunhas e *experts*. As fontes primárias fornecem fatos, versões e números sobre o tema. Já as secundárias são consultadas com o objetivo de trazer contextos ao assunto abordado na reportagem. As fontes oficiais são mantidas pelo Estado, ao passo que as oficiosas são ligadas a alguma entidade ou

indivíduo, apesar de não terem permissão para falar em nome dele (a). Já as independentes são desvinculadas de relações de poder e interesses específicos. Outra característica atribuída às fontes relaciona-se às vivências. Um entrevistado pode ser testemunha ou *expert* (especialista) em algum assunto, segundo Lage.

Para a análise dos critérios de noticiabilidade, utiliza-se as teorias propostas por Nelson Traquina (2008) e Mauro Wolf (2012). Traquina divide os critérios em substantivos e contextuais. Os primeiros estão relacionados a uma avaliação direta do acontecimento em relação à importância ou interesse como fato a ser noticiado. Traquina ressalta que:

Os valores-notícia de construção são qualidades da sua construção como notícia e funcionam como linhas-guia para a apresentação do material, sugerindo o que deve ser realçado, o que deve ser omitido, o que deve ser prioritário na construção do acontecimento como notícia (p.78)

Para o autor, são considerados critérios substantivos a morte, a notoriedade de um fato, a proximidade (tanto geográfica como cultural), relevância, novidade, o uso de ganchos jornalísticos relacionados ao tempo (*news peg*), a notabilidade, o fator inesperado, o conflito ou controvérsia, a infração (transgressão de regras) e o escândalo. Já os critérios contextuais, os quais são relativos ao contexto de seleção de uma notícia, são: disponibilidade, equilíbrio, visualidade, concorrência e dia noticioso (o surgimento de uma mega-acontecimento, como a morte de um candidato à presidência da República, modifica a agenda de fatos a serem noticiados em determinada data, por exemplo).

Segundo Traquina, os valores-notícia podem ser divididos ainda entre substantivos e de construção. Quanto ao segundo elemento, o autor destaca a simplificação, tendo em vista que “os jornalistas têm obrigação de escrever de uma forma fácil de compreender; por simplificação, portanto, entendemos tornar a notícia menos ambígua, reduzir a natureza polissêmica do acontecimento” (2008, p.91). Traquina destaca ainda a amplificação, a relevância, a personalização, a dramatização e a consonância (inserção da notícia em um contexto já conhecido pelos leitores).

Wolf (2012) divide os critérios de noticiabilidade em substantivos (relativos a importância e ao interesse da notícia), ao produto, ao meio e ao público. Com relação aos substantivos, Wolf destaca o grau e nível hierárquico dos indivíduos envolvidos no acontecimento, o interesse nacional no fato, quantidade de pessoas

que o fato (potencialmente) envolve, além da composição balanceada do produto jornalístico. Em relação ao produto, o autor enumera a brevidade, o caráter negativo das notícias (“*bad news is good news*”), a novidade geral, a novidade interna (segundo Wolf, o que é novo para o jornalista será apresentado como novo ao público), o tabu da repetição, a qualidade da história e o balanceamento.

Nos critérios relativos ao meio, observa-se se o material é adequado à plataforma em que está sendo divulgado. A frequência e o formato também são avaliados nesse quesito. Nos critérios relativos ao público, Wolf propõe a pergunta “O que é interessante ao público?” para nortear os jornalistas.

Inspirado na classificação feita por Manuel Chaparro, Aldo Antonio Schmitz (2010) cita a fonte de referência, a qual se aplica “à bibliografia, documento ou mídia que o jornalista consulta” (p.12). As fontes de referência são encontradas ao longo da série *À margem da margem*.

4.3. O corpus

As reportagens da série *À margem da margem* mesclam gêneros, temas, estilos de escrita e editoriais. Cabe destacar ainda que as matérias têm caráter inconclusivo, tendo em vista que o próprio *Periferia em Movimento* considera esse produto jornalístico como uma introdução ao universo das periferias das periferias.

Quadro 4 - Textos publicados na série *À margem da margem*

Data	Título	Autor (a)	Gênero	Editoria
13/01/2014	“Sou a periferia da periferia dentro de mim”	Thiago Borges	Reportagem	Cultura e Identidade
14/01/2014	Tempo de deslocamento define o que é periferia	Thiago Borges	Reportagem	Mobilidade
15/01/2014	Dificuldades geraram identidade periférica	Thiago Borges	Reportagem	Cultura e Identidade
17/01/2014	A escola, a juventude, o funk e a periferia de São Paulo	Alexandre Barbosa Pereira	Artigo	Cultura e Identidade
20/01/2014	Quase um terço dos	Thiago Borges	Reportagem	Moradia

	brasileiros vive nas periferias urbanas			
22/01/2014	Quando o centro é a periferia da periferia	Thiago Borges	Reportagem	Contra o Genocídio
24/01/2014	Periferia sofre com a criminalização das drogas	Thiago Borges	Reportagem	Contra o Genocídio
27/01/2014	Ex-gerente de boca tira jovens do tráfico	Thiago Borges	Perfil	Contra o Genocídio
29/01/2014	Existe vida nas chamadas "cracolândias"	Thiago Borges	Reportagem	Contra o Genocídio
18/03/2014	Idosos pedem respeito e espaço na sociedade	Aline Rodrigues	Reportagem	Terceira Idade
19/03/2014	Idosos proclamam independência na era digital	Aline Rodrigues	Reportagem	Terceira Idade
21/03/2014	Benedito Guerra, de preso político a escritor	Aline Rodrigues	Perfil	Terceira Idade
24/03/2014	12 mil indígenas vivem nas favelas e bairros periféricos	Thiago Borges	Reportagem	Resistência Indígena
26/03/2014	Resistência dos pankararus na favela Real Parque	Thiago Borges	Reportagem	Resistência Indígena
29/03/2014	Aldeias guaranis lutam por território na cidade	Thiago Borges	Reportagem	Resistência Indígena
02/04/2014	Travestis e transexuais, quem são para a sociedade	Aline Rodrigues	Reportagem	Gênero e Sexualidade
03/04/2014	Um lugar de acolhimento para o público LGBT	Aline Rodrigues	Reportagem	Gênero e Sexualidade
08/04/2014	Brunna Valin e sua militância no movimento LGBT	Aline Rodrigues	Perfil	Gênero e Sexualidade
09/04/2014	Imigrantes são marginalizados em São Paulo	Thiago Borges	Reportagem	Contra o Genocídio
11/04/2014	Imigrantes procuram o Brasil para ganhar dinheiro	Thiago Borges	Reportagem	Trabalho e Renda
14/04/2014	Aluguel caro expulsa imigrantes	Thiago Borges	Reportagem	Moradia

	do centro para as periferias			
16/04/2014	Criminalizado, imigrante vira “assunto de polícia”	Thiago Borges	Reportagem	Contra o Genocídio
18/04/2014	Imigrantes constroem vida nova em São Paulo	Thiago Borges	Reportagem	Cultura e Identidade
26/05/2014	Pessoas com deficiência querem acessibilidade	Aline Rodrigues	Reportagem	Mobilidade
02/06/2014	Lei de cotas não garante trabalho para PCD	Aline Rodrigues	Reportagem	Trabalho e Renda
09/06/2014	Mãe especial, um cuidado com os pais de crianças com deficiência	Aline Rodrigues	Reportagem	Educação
10/06/2014	O medo dos homens de se relacionar com mulheres com deficiência	Elisangela Rodrigues	Artigo	Gênero e Sexualidade
17/06/2014	Igreja na quebrada, um ambiente de construção de identidade	Thiago Borges	Reportagem	Cultura e Identidade
18/06/2014	Na periferia, comunidades religiosas empoderam	Thiago Borges	Reportagem	Cultura e Identidade
20/06/2014	A presença dos “sem religião” nas periferias	Marcos Nicolini	Artigo	Cultura e Identidade
24/06/2014	Em territórios de pastores, mas sem Deus	Thiago Borges	Reportagem	Cultura e Identidade
25/06/2014	A Bíblia levou um evangélico e um ateu à convicção	Thiago Borges	Reportagem	Cultura e Identidade

Fonte: A autora, 2015.

4.4.1. “Sou a periferia da periferia dentro de mim”

Publicada em 13 de janeiro de 2014, a reportagem inaugural da série foi escrita por Thiago Borges e pertence à editoria Cultura e Identidade. A matéria apresenta o objetivo de *À margem da margem*: investigar os conceitos de centro e periferia e “pensar em meios de dar visibilidade a quem está na periferia da

periferia”¹⁶⁹. A foto que acompanha o texto retrata a favela do Cantinho do Céu, no Grajaú, localizada às margens da Represa Billings. Na imagem, quatro pessoas que estão sobre um *deck* aparecem em segundo plano. Não há legenda para a foto.

A reportagem debate os conceitos de centro e periferia por meio das declarações de sete fontes primárias, com idades e profissões diferentes. Na ordem, são apresentados: o empreendedor social Ronaldo Pereira, de Alemoa (Santos-SP), que não teve a idade informada; a professora Lucimeire Juventino, 33 anos, moradora de Jordanópolis (zona sul de SP); a servidora pública Silvia Maria Cândido, 53 anos, de Guaianases (zona leste de SP); o programador Marcelo Lazaro, 40 anos, da zona sul de SP¹⁷⁰; a estudante Dandara Gomes, 28 anos, do Jardim Ângela (zona sul de SP); o autônomo Rafael Renneberg, 28 anos, do Grajaú (zona sul de SP); e a professora Mariana Waldow, 37 anos, de Higienópolis (centro de SP).

Sob o aspecto editorial, a reportagem estrutura-se a partir de um questionamento que substitui a fórmula tradicional do *lead*, identificada pelas perguntas “o que? quem? como? onde? quando? por quê?”. Os nove parágrafos iniciais expõem as opiniões das fontes acima listadas. Ronaldo enfatiza as diferenças entre centro e periferia e enxerga as submoradias e submundo como representações das periferias. Lucimeire observa que as bordas estão sempre à serviço do centro, fornecendo-lhe cultura e particularidades que “fazem a máquina da cidade girar”¹⁷¹. Para Silvia, o centro é o lugar onde tudo circula. Já Marcelo vê a periferia como o local de nascimento de novos talentos. A declaração de Dandara fornece um gancho jornalístico para o intertítulo “Sentimento”. A estudante percebe, em resumo, que há periferias dentro da denominação periferia.

O discurso de Rafael abre o intertítulo “Sentimento” com termos associados ao marxismo, como “modo de produção capitalista”, “classes”, “geometria” (relacionada às classes dominantes). A matéria também apresenta a possibilidade de a dicotomia periferia-centro transformar-se em sentimento. Para ilustrar o exemplo, o discurso de Mariana é acrescentado à matéria. Moradora de Higienópolis, a professora dá aulas em bairros geograficamente periféricos, como a

¹⁶⁹ Disponível em: <<http://periferiaemmovimento.com.br/2014/01/sou-periferia-da-periferia-dentro-de-mim/>>. Acesso em: 03 mar. 2015.

¹⁷⁰ O nome do bairro no qual a fonte reside não foi especificado na reportagem.

¹⁷¹ Disponível em: <<http://periferiaemmovimento.com.br/2014/01/sou-periferia-da-periferia-dentro-de-mim/>>. Acesso em: 03 mar. 2015.

Vila Sônia (zona oeste) e Capão Redondo (zona sul). Mariana classifica como periferia “o shopping center, a mentalidade burguesa que se sente que se sente em pessoas da região central da cidade, a ignorância humana”¹⁷². A professora também confessa que a percepção dela acerca da cidade de São Paulo origina-se do trabalho e convivência com quem mora na periferia. Ela mesma se considera como a resistência da resistência, a periferia da periferia dentro de si própria.

Por ser uma reportagem introdutória, *Sou a periferia dentro de mim* apresenta fragmentos de história de vida, como é o caso de Mariana, relatado acima. O caso da professora é utilizado como contraponto aos exemplos anteriores. Ela é a única fonte que não reside em um bairro geograficamente periférico.

Com relação aos critérios substantivos de noticiabilidade (TRAQUINA, 2008; WOLF, 2012), identifica-se a proximidade geográfica e cultural, a quantidade de pessoas que o tema envolve, tendo em vista que 8,4 milhões de pessoas vivem nas periferias de São Paulo, e as histórias de pessoas comuns que agem em situações insólitas, como é o caso da professora Mariana. Nos critérios contextuais, a simplificação não aparece em alguns trechos, como, por exemplo, no momento em que o repórter cita termos como questão geométrica e mecanismos da classe dominante, conceitos que só serão entendidos de forma completa se o leitor conhecer expressões usadas por Karl Marx. O tema pode ser considerado relevante à medida em que se leva em conta o público-alvo do *Periferia em Movimento*. Não se constata personalização ou dramatização ao longo da reportagem.

Também não é possível identificar critérios relativos ao produto, segundo a perspectiva apresentada por Wolf. Os fatores relativos ao meio também não se destacam. A única característica do meio *web* perceptível na matéria é a presença de *tags*, que elencam palavras-chave relacionadas à matéria. Percebe-se ainda que, de maneira global, a reportagem interessa ao público-alvo do site, pois o tema central está diretamente ligado às periferias. Dentro da perspectiva específica do fazer jornalístico na quebrada, pode-se afirmar que o debate acerca dos conceitos de centro e periferia foi selecionado e construído como notícia por ser objeto de

¹⁷² Disponível em: <<http://periferiaemmovimento.com.br/2014/01/sou-periferia-da-periferia-dentro-de-mim/>>. Acesso em: 03 mar. 2015.

questionamento dos jornalistas do coletivo e dos moradores das periferias paulistas¹⁷³.

4.4.2. Tempo de deslocamento define o que é periferia

No dia seguinte à estreia de *À margem da margem*, o coletivo publicou o segundo capítulo da série. Pertencente à editoria Mobilidade, a reportagem também foi escrita por Thiago Borges e aborda os problemas de mobilidade urbana enfrentados por moradores de bairros geograficamente periféricos, metaforizados como “barreiras para se usufruir a cidade”¹⁷⁴. Em linhas gerais, a matéria apresenta uma resposta possível aos conceitos de centro e periferia. A foto que ilustra o texto retrata a estação de trem Grajaú, na linha 9-Esmeralda da Companhia Paulista de Trens Metropolitanos (CPTM), cuja plataforma estava lotada no momento do registro. A imagem não possui legenda.

O *lead* resgata as causas primárias das manifestações de junho de 2013, orquestradas pelo Movimento Passe Livre (MPL) e refletidas nas periferias por meio de outros movimentos populares. Nesse trecho, ressalta-se também que pedidos mais superficiais surgidos na época foram antecidos pelos efeitos de uma reivindicação antiga, a luta pela tarifa zero. No parágrafo inicial, observa-se ainda a presença de *hiperlinks* relacionados à atuação dos coletivos na época, mecanismo utilizado com frequência no webjornalismo. As URLs direcionam o leitor a páginas inexistentes na nova plataforma.

Em oposição à primeira reportagem, a matéria sobre mobilidade urbana nas periferias paulistanas utiliza fontes de referência (SCHMITZ, 2010), como o levantamento feito pelo jornal *O Estado de S.Paulo*, que compara o tempo de deslocamento de casa para o trabalho entre quem mora no centro e quem reside na periferia. Segundo a pesquisa, o período gasto para realizar esse tipo de trajeto pode ser até 163% maior para quem mora em bairros mais afastados do centro, como Cidade Tiradentes, extremo leste da capital. A reportagem usa ainda dados de uma fonte oficial, o Instituto de Pesquisas Econômicas Aplicadas (Ipea) para complementar o panorama da mobilidade urbana paulistana a partir das bordas da

¹⁷³ Optou-se pelo uso do termo “paulistas” porque a reportagem englobou fontes de cidades fora da Região Metropolitana de São Paulo, como Santos, por exemplo.

¹⁷⁴ Disponível em: <<http://periferiaemmovimento.com.br/2014/01/tempo-de-deslocamento-define-o-que-e-periferia/>>. Acesso em: 03 mar. 2015.

cidade. A exceção é o doutor em sociologia Tiaraju D'Andrea, que traz uma visão de *expert* comentador ao conteúdo jornalístico. A característica é confirmada com o acréscimo da informação de que D'Andrea concluiu o doutorado na Universidade de São Paulo (USP), considerada a melhor universidade da América Latina, segundo o QS University Ranking Latin America¹⁷⁵. Assim como na primeira matéria, persiste a preocupação em citar o local onde a fonte reside. No caso, o sociólogo mora em Itaquera, zona leste.

As complementações às falas do especialista são acompanhadas de termos utilizados pelo marxismo e pelos Estudos Culturais, como ressignificação e sistema capitalista. O intertítulo “Novos centros, novas periferias” complementa as informações apresentadas anteriormente à medida que relembra o contexto histórico em que os termos centro e periferia surgiram, assim como a aplicação deles às geografias das cidades. Nessa parte, o repórter revela a opinião sobre a dicotomia centro-periferia em SP: os dois podem reunir as mesmas características, mas o centro ainda se diferencia pela maior oferta de infraestrutura urbana, cultural e social. O segundo capítulo da série não apresenta histórias de vida individuais, mas sim retrata fragmentos da realidade de 8,4 milhões de paulistanos.

Resgatar a temática do tempo de deslocamento como fator de classificação de uma região periférica também motivou o *Periferia em Movimento* a estabelecer laços característicos da comunicação popular, alternativa e comunitária com outros veículos. Conforme ressaltado no capítulo 1, a produção jornalística cujas pautas são contrárias ao *status quo* é caracterizada pela solidariedade entre veículos. No final da matéria, recomenda-se o artigo “Karl Marx e o Quadrante Sudoeste”, publicado pela revista *Carta Capital* e o vídeo “Quem manda na cidade em que você vive?”, produzido pelo Movimento dos Trabalhadores Sem Teto (MTST) aos leitores da série. Já publicada pelo *Periferia em Movimento*, a reportagem foi reproduzida na versão online do *Jornal Brasil de Fato*¹⁷⁶ e no Portal do *Instituto Humanitas Unisinos*, com os devidos créditos. Já o *Diário do Centro do Mundo* resumiu o conteúdo¹⁷⁷ divulgado pela Unisinos.

¹⁷⁵ Disponível em: <<http://www5.usp.br/93547/%E2%80%8Bbusp-lidera-ranking-das-melhores-universidades-da-america-latina/>>. Acesso em: 29 set. 2015.

¹⁷⁶ Disponível em: <<http://www.brasildefato.com.br/node/27076>>. Acesso em: 29 set. 2015.

¹⁷⁷ Disponível em: <<http://www.diariodocentrodomundo.com.br/essencial/tempo-gasto-no-transito-e-o-que-define-hoje-a-periferia-e-o-centro-da-cidade/>>. Acesso em: 29 set. 2015.

Com relação aos critérios substantivos de noticiabilidade, a matéria possui notoriedade, proximidade geográfica e cultural, relevância, notabilidade e visualidade. Novamente, a quantidade de pessoas que o acontecimento envolve também foi determinante para a seleção do acontecimento como integrante da série. Na construção da reportagem, foram levados em conta critérios como amplificação, relevância e consonância.

Assim como no primeiro capítulo, a simplificação não pode ser considerada como um valor-notícia de construção nessa matéria devido aos termos abordados. Por outro lado, constata-se um cuidado maior em didatizar conceitos e fatos históricos, como a Guerra Fria, delimitada como o período em que “duas potências – Estados Unidos e União Soviética – disputavam a influência sobre o restante do globo”¹⁷⁸.

Apesar de não ser um furo, a informação central da matéria - de que o tempo de deslocamento entre casa e trabalho para quem mora na periferia pode chegar a média de 1h19min - encaixa-se no critério de noticiabilidade relativo ao produto o qual enxerga a notícia como resultado de uma ideologia da informação. Esse valor-notícia é sintetizado pela expressão inglesa “*bad news is good news*” (“más notícias são boas notícias”). No jornalismo de quebrada, porém, o fato ruim é aprofundado, em uma perspectiva de engajamento político-ideológico e senso crítico. Pautas consideradas gerais pela mídia comercial massiva e veiculadas por meio de notas são destrinchadas por veículos como o *Periferia em Movimento*. Há ainda a preocupação em identificar causas e consequências e tenta-se, de forma constante, relacionar o tema abordado em nível macro com o aspecto micro, sintetizado e problematizado pelo cotidiano de quem mora na periferia.

As fontes consultadas, mesmo os *experts*, vivenciaram ou vivenciam o dia a dia em bairros da quebrada. Aliás, as referências geográficas são outra característica desse estilo jornalístico. Para explicar o processo de periferização da cidade, por exemplo, Thiago Borges recorre a situações práticas e visíveis, como o duplo deslocamento do centro financeiro de São Paulo: do centro geográfico para a região da Avenida Paulista e, posteriormente, da Paulista para a várzea do rio Pinheiros, compreendida entre as Avenidas Faria Lima e Chucri Zaidan.

¹⁷⁸ Disponível em: <<http://periferiaemmovimento.com.br/2014/01/tempo-de-deslocamento-define-o-que-e-periferia/>>. Acesso em: 03 mar. 2015.

Em comparação com o capítulo anterior, a reportagem encaixa-se de forma mais fidedigna ao meio digital. Além das *tags*, que estão presentes em todos os textos da série, há ainda *hiperlinks* ao longo do texto e o intertítulo “saiba mais”. Cabe ressaltar ainda que o texto interessa ao público-alvo da série por representar uma realidade intrínseca às quebradas paulistanas.

4.4.3. Dificuldades geraram identidade periférica

A série *À margem da margem* marcou presença no site do *Periferia do Movimento* pelo terceiro dia seguido, 15 de janeiro de 2014, com o retorno à editoria Cultura e Identidade. Escrita por Thiago Borges, a reportagem apresenta ligações diretas com o capítulo anterior e é ilustrada por uma imagem que mostra a apresentação da companhia teatral Trupe da Lona Preta em uma ocupação por moradia no Grajaú, extremo sul da cidade. Observa-se que a referência ao local da foto aparece na série de reportagens pela primeira vez, como um aprimoramento do material produzido. As informações sobre a imagem não funcionam como uma legenda tradicional, pois encontram-se no rodapé de cada reportagem.

Tendo em vista que o questionamento central ainda é a dicotomia centro-periferia, o repórter preocupa-se em incluir o *hiperlink* da reportagem anterior no sublead da matéria. Em seguida, Tiaraju D’Andrea, especialista já consultado no capítulo 2, explica por que a periferia é um conceito que extrapola as questões geográficas. Segundo o *Periferia em Movimento*, um sujeito periférico é “aquele com capacidade de entender o mundo a partir de sua condição social e age politicamente para modificá-la”¹⁷⁹. Nesse sentido, o rap é visto como instrumento de propagação da ideia de periferia extensa, que se opõe ao sentido localista atribuído ao vocábulo.

Para falar da falta de representatividade periférica, o *Periferia em Movimento* utiliza a ONG Ação Educativa como fonte de referência e afirma que existem mais de 9 mil coletivos culturais e outras expressões artísticas em São Paulo. A matéria é complementada com a visão de outro especialista e *expert*, o antropólogo Alexandre Barbosa Pereira, professor da Universidade Federal de São Paulo e morador de Cidade Ademar. A Prefeitura de São Paulo também é usada como fonte de

¹⁷⁹ Disponível em: <<http://periferiaemmovimento.com.br/2014/01/dificuldades-geraram-identidade-periferica/>>. Acesso em: 03 mar. 2015.

referência nessa reportagem ao fornecer números sobre o Programa de Valorização das Iniciativas Culturais (VAI)¹⁸⁰. Novamente, as histórias de vida individuais cedem espaço para questões coletivas relacionadas ao sujeito periférico.

O terceiro capítulo segue a linha das reportagens anteriores e traz conceitos de natureza econômica, como neoliberalismo. Cita-se ainda os números da criminalidade no Jardim Ângela, bairro da zona sul que foi considerado como o mais perigoso do mundo no final do século XX, segundo a Organização das Nações Unidas (ONU)¹⁸¹. Percebe-se ainda que as três primeiras matérias da série contribuem para a compreensão mais ampla do conceito de “periferia da periferia”, “margem da margem”. Diferente da reportagem 2, a matéria não teve repercussão em outros veículos.

A matéria tem valores-notícia substantivos, como relevância e controvérsia. No segundo caso, os conflitos revelam-se em um aspecto sócio-ideológico. Na primeira etapa, fala-se sobre problemas identitários em geral, definições de periferia ainda não abordadas nos capítulos anteriores, desemprego e violência. No discurso de D’Andrea, o vocábulo “contradição” marca a transição para a segunda parte do texto, a qual apresenta soluções para o problema de identidade do sujeito periférico, como os coletivos culturais, no terceiro setor, e o Programa VAI, em nível municipal. Em comparação com os capítulos anteriores, a reportagem é mais acessível, mas palavras como “neoliberalismo” impedem que o texto tenha a simplificação como um valor-notícia de construção. Amplificação e consonância também estão presentes no texto.

Com base na concepção de Mauro Wolf, constata-se que não há nenhum critério relativo ao produto na matéria. O uso de hiperlinks, uma das características dos valores-notícia relacionados ao meio, também diminui em relação a segunda reportagem. Mais uma vez, o texto traz temas de interesse do público-alvo. Dentro da perspectiva do jornalismo de quebrada, constata-se a consulta às fontes que vivenciam o cotidiano das periferias urbanas para aproximar o discurso dos leitores.

¹⁸⁰ O tema foi comentado com maior profundidade no capítulo 2.

¹⁸¹ Disponível em: <<http://cbn.globoradio.globo.com/grandescoberturas/eleicoes-2012/sao-paulo/seu-bairro,-nossa-cidade/2012/07/31/JARDIM-ANGELA-JA-FOI-CONSIDERADO-BAIRRO-MAIS-PERIGOSO-DO-MUNDO-PELA-ONU.htm>>. Acesso em: 01 out. 2015.

4.4.4. A escola, a juventude, o funk e a periferia de São Paulo

Em 17 de janeiro de 2014, dois dias após a veiculação da terceira reportagem, o quarto capítulo de *À margem da margem*, um artigo escrito por Alexandre Barbosa Pereira, fonte na terceira reportagem, foi publicado. Além de ser o primeiro texto opinativo da série, a matéria também traz outra inovação, ao encaixar-se em duas editorias do site ao mesmo tempo: cultura e identidade; e educação. A imagem retrata o rosto do antropólogo em perfil, olhando para uma janela com grades.

Na introdução, Pereira deixa claro que o artigo originou-se de debates relacionados à educação escolar surgidos a partir de sua pesquisa realizada para a tese de doutorado. O especialista argumenta que pouco se fala sobre as violências exercidas pelas instituições escolares. Ele constata que há dificuldades no diálogo com o universo juvenil, em especial nas instituições públicas educacionais localizadas nas periferias geográficas. Como exemplo prático, Pereira narra o caso do Mc DaLeste, funkeiro paulistano assassinado durante show na periferia da cidade de Campinas, em julho de 2013. Antes de se tornar famoso, DaLeste quase foi expulso da escola onde estudava. Já reconhecido na cena do funk, o Mc retornou à escola e foi tratado como ídolo pelos alunos e “saudado pelas professoras”¹⁸². Nesse sentido, pode-se considerar que a dedicação de dois parágrafos do artigo à breve biografia de Mc DaLeste encaixa-se na preocupação jornalística de relatar histórias de vida.

Do ponto de vista editorial, o artigo não exige declarações de fontes jornalísticas. Entretanto, há espaço para a inserção de fontes bibliográficas e/ou documentais, desde que se evite a linguagem rebuscada. Para construir o artigo, Pereira utilizou as concepções dos termos “criança” e “adolescente” segundo o historiador Phillipe Ariès, o qual acredita que esses conceitos são construídos historicamente.

Ao convidar especialistas que atuam fora do âmbito jornalístico para a redação de artigos, o *Periferia em Movimento* seguiu um dos preceitos dos veículos de comunicação comerciais massivos. A solidariedade entre veículos de

¹⁸² Disponível em: <<http://periferiaemmovimento.com.br/2014/01/escola-juventude-o-funk-e-periferia-em-sao-paulo/>>. Acesso em: 03 mar. 2015.

comunicação popular, alternativa e comunitária expressa-se novamente com o compartilhamento do artigo pelo Portal Fórum¹⁸³.

Apesar de não ser uma notícia, verifica-se a existência de critérios que levaram o artigo do antropólogo a compor *À margem da margem*. Em primeiro lugar, a temática do artigo trata sobre o objeto da série: o *funk* inserido na periferia da periferia da educação. Além de ser um assunto próximo, geográfica e culturalmente, o artigo tem linguagem simples e fala diretamente ao leitor em alguns trechos, tais como: “muitos educadores que estão nas escolas públicas de ensino médio (mas também em muitas particulares, é bom que se diga), ao lerem esse texto, lembrarão do efeito potente que um telefone celular, tocando o famoso funk carioca ao fundo da sala, pode ter para desestabilizar o que se previu para organizar a aula ou mesmo a escola de um modo geral”. O material trata ainda de um assunto amplo, que atinge mais de 9 milhões de alunos só no Estado de São Paulo¹⁸⁴. O texto possui ainda características inerentes ao meio digital, tais como os hiperlinks que direcionam o leitor à tese de doutorado de Alexandre Pereira Barbosa e ao documentário produzido pela Funk TV sobre o Mc DaLeste.

4.4.5. Quase um terço dos brasileiros vive nas periferias urbanas

Em 20 de janeiro de 2014, o *Periferia em Movimento* publicou a primeira reportagem de *À margem da margem* pertencente à editoria “Moradia”. Escrita por Thiago Borges, a matéria integra o bloco geral sobre o conceito de centro e periferia na série e baseia-se nos dados do Mosaic, levantamento realizado pela consultoria Serasa Experian sobre os segmentos da população brasileira. A foto que ilustra o texto mostra uma viela, com casas inacabadas, pessoas caminhando e árvores ao fundo. Por meio da legenda da imagem, localizada no rodapé da reportagem, o leitor fica sabendo que o local retratado é a Vila Calu, no Jardim Ângela, zona sul. A foto também foi tirada por Borges.

¹⁸³ Disponível em: <<http://www.revistaforum.com.br/blog/2014/01/a-escola-a-juventude-o-funk-e-a-periferia-em-sao-paulo/>>. Acesso em: 03 out. 2015.

¹⁸⁴ Estimativa aproximada, obtida por meio da Série Histórica da Matrícula no Ensino Básico no Estado de São Paulo, da Secretaria Estadual da Educação. O resultado foi encontrado a partir da soma total do número de alunos dos Ensinos Infantil, Fundamental e Médio no ano de 2013. Disponível em: <<http://www.educacao.sp.gov.br/a2sitebox/arquivos/documentos/671.pdf>>. Acesso em: 06 out. 2015.

O *lead* da reportagem fala sobre as periferias brasileiras de maneira geral, sem foco na cidade de São Paulo. Ressalta-se que 56 milhões de pessoas vivem nesses espaços, quantidade equivalente a 29% da população do país. Segundo a pesquisa, os grupos que compõem a periferia são: excluídos do sistema; trabalhadores de baixa qualificação; jovens trabalhadores de baixa renda; operários aposentados da periferia; famílias assistidas da periferia; jovens na informalidade; maturidade difícil; casais maduros de baixa renda; e estudantes da periferia. Ao longo do texto, destaca-se a heterogeneidade dos espaços periféricos, com foco na juventude e na ascensão social.

Thiago Borges utiliza três fontes para apresentar o universo das periferias urbanas. Pode-se afirmar que o Serasa Experian é uma fonte de referência, mesma função desempenhada pelo *Estado de S.Paulo* e o Ipea no capítulo 2. O gerente de produtos da Serasa Experian, Fernando Rosolem, é utilizado como fonte oficial, primária e *expert* na matéria, pois esclarece e complementa as informações do Mosaic. Já o trabalhador do Instituto Sou da Paz e morador do Jardim Rosana (zona sul), Márcio Bhering, pode ser considerado como fonte independente, secundária (tendo em vista que ele não participou da realização da pesquisa) e testemunha, por vivenciar o cotidiano periférico e ter a função de retomar o caráter local da matéria. Nesse capítulo, não há nenhuma história de vida individual, mas sim a tentativa de relatar fragmentos de histórias periféricas e gerar identificação do público-alvo com alguma das categorias do Mosaic. Constata-se ainda a presença de marcas opinativas no texto. No intertítulo “Para além dos ‘negócios’”, o repórter afirma que “se por um lado o levantamento da Serasa Experian apresenta um perfil detalhado da população brasileira, por outro fica de fora uma análise para além do comportamento que favoreça o consumo”¹⁸⁵.

Pela segunda vez consecutiva, o *Portal Fórum* compartilhou o conteúdo de uma matéria da série na íntegra. A publicação¹⁸⁶ aconteceu um dia depois da veiculação no site do *Periferia em Movimento*. Já o blog *Na Pauta Brasil* usou o

¹⁸⁵ Disponível em: <<http://periferiaemmovimento.com.br/2014/01/quase-um-terco-dos-brasileiros-vive-nas-periferias-urbanas/>>. Acesso em: 03 mar. 2015.

¹⁸⁶ Disponível em: <<http://www.revistaforum.com.br/blog/2014/01/quase-um-terco-dos-brasileiros-vive-nas-periferias-urbanas/>>. Acesso em: 06 out. 2015.

mesmo título e divulgou trechos completos da reportagem¹⁸⁷, mas não deu créditos ao coletivo de comunicação.

O quinto capítulo da série envolve grande quantidade de pessoas, possui notoriedade, relevância e novidade, pois trata de um assunto amplo, em âmbito nacional e utiliza dados significantes sobre a periferia. Para equilibrar a reportagem e aproximá-la em termos geográficos, utiliza-se uma fonte que reside em uma periferia paulistana, conforme constatado anteriormente. Em comparação com os textos anteriores, a reportagem “Quase um terço dos brasileiros vive nas periferias urbanas” utiliza linguagem simples e contou com a consonância em sua construção jornalística, visto que as informações do Serasa Experian são novas, mas inserem-se em um contexto já conhecido, o da periferia urbana. O uso da expressão “à margem da margem” no 12º parágrafo do texto revela a identificação da matéria com o propósito da série.

Com relação aos critérios de noticiabilidade relativos ao produto, a reportagem preza pela brevidade. Além de ser adequada ao público-alvo e aos propósitos da série, o texto é adequado para o meio digital, pois utiliza um hiperlink para mostrar com mais detalhes o trabalho da Serasa Experian com o Mosaic. O uso de tabelas aparece na série pela primeira vez, para facilitar a visualização do percentual de cada grupo periférico. De modo geral, esse capítulo é uma das expressões mais relevantes do jornalismo sobre (dados do Mosaic), para (recorte específico sobre a pesquisa) e a partir das periferias (crítica à ausência de uma análise que extrapole o comportamento favorável ao consumo).

4.4.6. Quando o centro é a periferia da periferia

A estreia da editoria “Contra o Genocídio” em *À margem da margem* acontece em 22 de janeiro de 2014, com a publicação da reportagem sobre a Cracolândia, redigida por Thiago Borges. O primeiro recorte específico sobre uma periferia paulistana é ilustrado por uma imagem com dezenas de pessoas, de diferentes idades, em meio a caixas e carrinhos de papelão. A fotografia é de autoria de Marcelo Camargo, da Agência Brasil.

¹⁸⁷ Disponível em: <<https://napautabrasil.wordpress.com/2014/01/26/um-terco-dos-brasileiros-vive-nas-periferias-urbanas/>>. Acesso em: 06 out. 2015.

O sexto capítulo da série busca desconstruir a ideia de que as periferias são os bairros mais afastados do centro geográfico da cidade. Ao contrário do texto anterior, o *lead* da matéria não traz números, mas sim contextualiza de modo literário a diáspora dos viciados em drogas rumo à margem da margem de São Paulo. Termos como “fuga” e “refugiados”, utilizados para fazer referência aos dependentes, revelam uma abordagem diferenciada em relação aos veículos comerciais massivos.

Para apresentar uma nova representação da Cracolândia, o jornalista entrevista uma fonte independente e outra oficial. O segundo parágrafo da matéria inicia-se com o depoimento de Bruno Ramos Gomes, fonte que, além de independente, é primária e testemunha. O educador do centro de convivência É De Lei, “espaço de encontro entre usuários e dependentes (de drogas)¹⁸⁸”, fala sobre a estigmatização dos viciados, chamados por ele de “exilados”, em suas próprias quebradas.

Com o objetivo de expôr a versão da Prefeitura, responsável conjunta com o poder estadual pela operação policial na Cracolândia em janeiro de 2012, Thiago Borges entrevista o assessor técnico da coordenação de saúde mental da Secretaria Municipal de Saúde (SMS), Odimar Reis. Assim como Gomes, Reis também fala sobre a vinda de pessoas das periferias geográficas para a Cracolândia. Vale ressaltar que, além de fonte oficial, o assessor técnico é uma fonte primária e *expert*. O discurso de Reis não soa como oficial, por conta de traços discursivos mais humanizados. Pressupõe-se que as vivências do assessor técnico contribuam para tal visão.

A reportagem utiliza ainda fontes de referência da própria SMS para falar sobre a estrutura municipal para atender usuários de drogas nas diferentes regiões da cidade. Pela primeira vez na série, não há informação sobre o bairro em que os entrevistados residem. Constata-se ainda um erro de grafia, no 14º parágrafo, em “para isso, os 11 mil profissionais da rede devem passar por uma qualificação (sic) dos 11 mil funcionários para identificar (...)”. Assim como no capítulo anterior, não há histórias de vida específicas, mas sim o perfil da Cracolândia como o espaço mais periférico da capital paulista.

¹⁸⁸ Disponível em: <<http://periferiaemmovimento.com.br/2014/01/quando-o-centro-e-periferia-da-periferia/>>. Acesso em: 03 mar. 2015.

Em relação aos critérios substantivos de noticiabilidade, pode-se identificar o valor-notícia de morte implícito na reportagem. O tema também possui proximidade geográfica e cultural, relevância e número de pessoas envolvidas (cerca de 2 mil usuários e dependentes circulam pela Cracolândia diariamente, segundo a reportagem). A linguagem do texto é simples e revela a preocupação em traduzir termos mais técnicos associados à redução de danos causados pelas drogas, tal como o significado psiquiátrico de dependência. Constata-se ainda a presença da consonância, pois, apesar de a Cracolândia ser abordada na mídia, as angulações baseiam-se em novos programas da Prefeitura de São Paulo e/ou crimes ocorridos no local.

Pode-se afirmar que a temática “drogas” encaixa-se na ideologia da informação expressa por “*bad news is good news*”, valor-notícia relacionado ao produto. Já o formato da reportagem não explora o meio digital, com exceção das *tags*. No caso da citação ao “É De Lei”, seria viável incluir o hiperlink do site da organização, por exemplo. Além disso, os dados sobre a estrutura pública de São Paulo para atender usuários e dependentes de drogas também poderiam ser apresentados por meio de tabelas ou infográficos. Sob a perspectiva do jornalismo de quebrada, a matéria cumpre o papel de abordar de maneira diferenciada e direcionada, com responsabilidade social e valorização de trechos jornalísticos com tom literário assuntos já apresentados por veículos comerciais massivos.

4.4.7. Periferia sofre com a criminalização das drogas

A continuação do bloco editorial tematizado pelas drogas em *À margem da margem* foi publicada em 24 de janeiro de 2014. Redigida por Thiago Borges, a matéria também pertence à editoria “Contra o Genocídio” e aborda a descriminalização de entorpecentes no país, com foco na periferia. A imagem que ilustra a reportagem apresenta um cartaz com a frase “legalizar o cultivo caseiro é combater o tráfico”. A foto foi tirada por Marcello Casal Jr., da Agência Brasil.

O *lead* e *sublead* do texto partem de um contexto mais geral ao citar a legalização da produção e consumo de maconha em locais como o Uruguai e estados do Colorado e Washington, nos Estados Unidos. Para falar sobre o âmbito brasileiro, o repórter traz Raul Carvalho Nin Ferreira, militante do Coletivo DAR (Desentorpecendo a Razão) e Bruno Ramos Gomes, educador do É De Lei, fonte já

citada no sexto capítulo. A partir da angulação da reportagem, pode-se afirmar que Ferreira é uma fonte primária, oficiosa (já que ele é militante, e não porta-voz do DAR) e testemunha. Assim como no capítulo anterior, Gomes é uma fonte primária, testemunha e independente. Constatam-se repetições de palavras e expressões para apresentar os entrevistados. Cada uma das fontes é apresentada duas vezes ao longo do texto. A Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas (SENAD) do Ministério da Justiça é usada como fonte de referência na matéria.

Não há foco em uma história de vida específica nessa reportagem, mas sim nas periferias paulistanas como palcos para políticas de redução de danos, com foco no Coletivo DAR e no Instituto É De Lei. A exceção encontra-se no quarto parágrafo, quando o repórter descreve o caso Amarildo, “ajudante de pedreiro carioca levado por policiais da Unidade de Polícia Pacificadora da Rocinha em julho do ano passado (2013) e, desde então desaparecido”¹⁸⁹. Dentro do contexto, Amarildo é visto como uma vítima da atual política de combate às drogas.

Com relação aos critérios substantivos de noticiabilidade, a reportagem traz implicitamente a temática de morte, notoriedade, proximidade geográfica e cultural, relevância, conflito e infração. O número de pessoas envolvidas e atingidas, direta ou indiretamente, pela criminalização das drogas na periferia também pode ser considerado como valor-notícia. Na construção da reportagem, levou-se em conta simplificação, amplificação, relevância e consonância, pois o contexto apresentado pelo texto já é conhecido e vivenciado pelo público-alvo do site.

Mais uma vez, a ideologia “*bad news is good news*” marca presença em um tema de *À margem da margem*. Ao longo da matéria, o tom negativo dá espaço à apresentação de soluções, sob a ótica do DAR e do É De Lei. Com exceção do uso de tags, o material não apresenta características inerentes ao meio digital. Não há hiperlinks para que o leitor saiba mais sobre o Coletivo DAR ou o centro de convivência É De Lei. A hipertextualidade poderia ser explorada ainda no segundo parágrafo, quando Thiago Borges utiliza um contexto internacional para introduzir o cenário nacional de criminalização das drogas em regiões periféricas. Em resumo, a matéria integra o jornalismo de quebrada por tratar sobre um tema sobre (criminalização das drogas e os impactos na periferia), para (o texto tem como

¹⁸⁹ Disponível em: < <http://periferiaemmovimento.com.br/periferia-sofre-com-criminalizacao-das-drogas/>>. Acesso em: 03 mar. 2015.

público-alvo moradores de bairros periféricos) e a partir das periferias (fontes que vivenciam tal cotidiano).

4.4.8. Ex-gerente de boca tira jovens do tráfico

Em 27 de janeiro de 2014, o Periferia em Movimento publicou a oitava reportagem da série. Redigido por Thiago Borges, o texto pertence à editoria Contra o Genocídio e pode ser considerado como o primeiro perfil de *À margem da margem*. A matéria conta a história de vida de Marcos Lopes, ex-trafficante que criou o Projeto Sonhar, cujo objetivo é ajudar jovens que querem sair do tráfico. Na fotografia que ilustra a reportagem, Lopes está sorrindo e abraçando um jovem, cujo rosto não aparece na imagem. A foto foi creditada como divulgação.

Com frases curtas, o perfil é iniciado com uma cronologia da história de Marcos. O *lead* é objetivo: “Marcos Lopes se envolveu com o crime cedo”¹⁹⁰. Depois de narrar que Lopes assaltou a cantina, foi estelionatário, roubou carros e, por fim, virou “gerente de biqueira”, Thiago Borges descreve com detalhes os motivos que levaram Lopes a abandonar o tráfico de drogas: o assassinato da melhor amiga, que voltava de um velório e teve o carro cercado. No texto, não se especifica quem foram os responsáveis pela morte da moça. Ao pedir dinheiro para Tia Dag, fundadora da Casa do Zezinho, ONG que atua com crianças e adolescentes na zona sul de São Paulo, Marcos foi surpreendido por uma provocação: “Fui pedir dinheiro para o enterro e a Tia Dag me perguntou quem faria o mesmo por mim no meu velório. A partir daí que eu comecei a ver o mundo com outros olhos”, conta Marcos.¹⁹¹

Após comunicar sua aposentadoria do tráfico, Marcos voltou a estudar e resolveu trabalhar como educador social no Instituto Ruckha, cujo objetivo era tirar garotos do mundo do tráfico de drogas. Quatro anos depois, o Ruckha acabou, mas Lopes e outro amigo fundaram o Projeto Sonhar para manter laços afetivos com os meninos desamparados pelo término do instituto. Ao longo do texto, Lopes relata as principais razões que conduzem adolescentes ao submundo do tráfico.

¹⁹⁰ Disponível em: <<http://periferiaemmovimento.com.br/ex-gerente-de-boca-tira-jovens-traffic/>>. Acesso em: 03 mar. 2015.

¹⁹¹ Disponível em: <<http://periferiaemmovimento.com.br/ex-gerente-de-boca-tira-jovens-traffic/>>. Acesso em: 03 mar. 2015.

Por tratar-se de um perfil, a única fonte utilizada na reportagem é o próprio Marcos Lopes. Em *À margem da margem*, esse tipo de reportagem é uma das expressões máximas da narração de histórias de vida. No exemplo específico, o extrajudicial é retratado como um herói periférico.

Assim como nas outras reportagens pertencentes ao bloco editorial sobre drogas, o perfil envolve critérios substantivos de noticiabilidade relacionados à morte, proximidade geográfica, ao inesperado e à infração (transgressão de regras). O caráter heroico atribuído a Marcos Lopes também contribui para a escolha desse tema para a composição de *À margem da margem*. Simplificação, personalização e dramatização são elementos utilizados na construção do texto.

Com relação ao produto, observa-se que a qualidade da história é um valor-notícia levado em consideração nesse tema. A análise de critérios de noticiabilidade relativos ao meio demonstra que o texto não está adequado ao meio digital. Não há hiperlinks que conduzam o leitor a saber mais sobre o Projeto Sonhar e a Casa do Zezinho, por exemplo. Se fosse transferido para uma plataforma impressa, o texto necessitaria de poucos ajustes.

Mais uma vez, a solidariedade entre veículos de comunicação popular, alternativa e comunitária tem exemplos que envolvem a série. O perfil foi compartilhado na íntegra pela Revista Vaidapé¹⁹² ainda no dia 27 de janeiro, com uma imagem diferente. Ainda no âmbito do jornalismo de quebrada, pode-se ressaltar ainda a visão do *Periferia em Movimento* sobre o tráfico de drogas: enquanto o jornalismo policial massivo noticia tiroteios, investigações sobre o tema e outros crimes, o jornalismo de quebrada privilegia histórias de heroísmo e superação inseridas na mesma temática.

4.4.9. Existe vida nas chamadas “cracolândias”

Publicada em 29 de janeiro de 2014, a reportagem de fechamento do bloco editorial sobre drogas escrita por Thiago Borges pertence à editoria Contra Genocídio. Assim como o capítulo anterior, o texto também é marcado por características jornalísticas ligadas a perfis. A matéria inicia-se com a breve

¹⁹² Coletivo de comunicação que se autodenomina como independente e “que enxerga na comunicação uma possibilidade além da reportagem”. Além da revista, a Vaidapé também mantém um site e um programa de rádio. Disponível em: <https://www.facebook.com/revistavaidape/info/?tab=page_info>. Acesso em: 24 out. 2015.

narração da história de vida de Patrícia, dependente química que mora em um bairro periférico da zona norte, e traz desdobramentos sociais e geográficos relacionados a outras cracolândias paulistanas. A imagem que ilustra o conteúdo retrata Cristiane Aparecida Vernizzi, ex-dependente química e personagem do texto.

Os nove parágrafos iniciais do capítulo podem ser classificados como um mini perfil de Patrícia. A adolescente mora no Parque Novo Mundo e fuma crack desde os 12 anos. Após ser internada em um hospital de São Bernardo do Campo, que tem leitos públicos reservados para dependentes químicos, Patrícia descobriu que estava grávida. A adolescente fugiu e voltou para as ruas. Durante a gestação, ela fumou até 30 pedras de crack em um único dia. A garota deu à luz um menino. O nascimento de Neymar foi o gancho jornalístico encontrado pelo jornalista para falar sobre o Hospital Leonor Mendes de Barros, referência no atendimento a gestantes dependentes de crack. Em seguida, inicia-se o processo de desconstrução e complexificação da imagem dos frequentadores das cracolândias.

Por meio do depoimento de Paulo César Silva, assistente social no Centro de Atenção Psicossocial (CAPS) infantil da Capela do Socorro, constata-se a presença de elementos humanizadores, como as relações de afeto e as outras vidas dos dependentes de drogas, que extrapolam o limite das cracolândias. A matéria conta ainda com denúncias. Paulo afirma que há 16 casas de recuperação e comunidades terapêuticas que funcionam de maneira irregular em Parelheiros, extremo sul de São Paulo. No intertítulo “Vínculo”, Thiago Borges interliga histórias e opiniões de um especialista, uma dependente e um voluntário ligado à Igreja do Evangelho Quadrangular em nove parágrafos. O questionamento “O que mantém um sujeito amarrado à vida?”, realizado pelo psicanalista Jorge Broide, professor de psicologia na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), direciona a finalização da reportagem.

Com cinco entrevistados, o capítulo apresenta variedade de tipos de fontes. Personagem principal da primeira parte do texto, Patrícia pode ser considerada como uma fonte primária, independente e testemunha da situação. O assistente do CAPS infantil da Capela do Socorro é uma fonte oficiosa, secundária e testemunha. O psicanalista Jorge Broide é uma fonte independente, secundária e *expert*. Assim como Patrícia, Cristiane Aparecida Vernizzi é uma fonte independente, primária e testemunha. Já Alexandre Luís da Silva, garoto de programa e usuário de crack que

conheceu o projeto Retorno, da Igreja do Evangelho Quadrangular, há sete anos, pode ser classificado como uma fonte independente, primária e testemunha.

Com relação aos critérios substantivos de noticiabilidade, o valor-notícia de morte está implícito na reportagem, assim como nos demais capítulos pertencentes ao bloco editorial sobre drogas. Proximidade, relevância, novidade (em especial, a denúncia relacionada aos estabelecimento irregulares em Parelheiros), notabilidade, conflito e infração (transgressão de regras). O interesse humano e a quantidade de pessoas que o tema potencialmente envolve também foram valores-notícia considerados nesse caso. Para construir a matéria, levou-se em consideração relevância, personalização, dramatização e consonância. O uso de termos como “carrocho” prejudicaram a simplificação do conteúdo.

A qualidade das histórias e o balanceamento são critérios relativos ao produto observados no capítulo. Novamente, a reportagem não está adequada ao meio digital. A ausência de hiperlinks em trechos nos quais o recurso otimizaria o material, como é o caso do Projeto Retorno, da Igreja do Evangelho Quadrangular. O texto também possui menos tags em comparação com as matérias anteriores.

O nono capítulo valoriza ainda as vivências das fontes em relação ao tema no contexto periférico, trazendo para a reportagem a característica fundamental do jornalismo de quebrada: falar sobre, para a e partir das periferias.

4.4.10. Idosos pedem respeito e espaço na sociedade

Depois de quase dois meses de pausa na publicação de *À margem da margem*, a décima reportagem da série foi publicada em 18 de março de 2014. O capítulo contou com três estreias: repórter, tema e editoria. Aline Rodrigues redigiu a matéria introdutória sobre o bloco editorial relacionado a idosos, pertencente à editoria Terceira Idade. Com o objetivo de apresentar um panorama geral da vida das pessoas acima de 60 anos em São Paulo, o texto mostra estatísticas, depoimentos e análises sobre esse grupo social. Para ilustrar a reportagem, Aline usa uma imagem que mostra um grupo de idosos prestando atenção em alguma coisa, elemento não retratado na foto. A imagem em destaque foi registrada por Joseh Silva. A repórter utiliza ainda o retrato de uma idosa na lateral esquerda do texto. Apesar da ausência de legenda, pressupõe-se que o nome da fotografada seja Célia Maria Barros Almeida, pois as declarações dela foram destacadas em

negrito na matéria. Foi a primeira vez que um capítulo da série teve mais de uma foto ao longo do texto.

Diferente da abertura do bloco editorial sobre drogas, cujo *lead* utiliza recursos literários para descrever a diáspora dos dependentes de drogas rumo à periferia da periferia, o primeiro parágrafo da abertura de reportagens sobre os idosos utiliza números para argumentar que “é preciso olhar com mais cuidado e respeito para uma população que em 2013 chegou a 14,9 milhões no país”¹⁹³. Nesse trecho, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) é a fonte de referência utilizada por Aline. Para demonstrar a pluralidade do grupo designado como “idosos”, o capítulo traz o depoimento de Efigênia Helena Teixeira Martins, fonte independente, primária e testemunha. Aos 66 anos, ela tem um bar que funciona somente aos fins de semana, para reunir as amigas “para tomar uma cerveja, ouvir uma música”¹⁹⁴. Em seguida, o texto emenda o depoimento de Célia Maria Barros Almeida, de 53 anos, que relata despreocupação com a idade que está chegando.

Após a apresentação de dados relacionados à distribuição de idosos entre os bairros paulistanos, a repórter afirma que os idosos continuam à margem da margem, em especial por conta da percepção existente sobre a terceira idade. Para desconstruir estereótipos acerca desse grupo, utiliza-se declarações da assistente social e terapeuta da família, Maria Ianarelli, fonte independente, primária e *expert*, responsável por refutar a ideia da infantilização aplicada ao grupo. A representação construída na reportagem sobre os idosos mostra pessoas acima de 60 anos que gostam de contar histórias para “mostrar que nem sempre foram tão dependentes e agem, pensam e são bem diferentes de quando eram crianças”¹⁹⁵, que as políticas públicas não dão conta das demandas dos idosos e que a ocupação do tempo livre passa a ser objeto de reflexão para esse grupo.

Mesmo com estruturas governamentais criadas para o atendimento dos idosos, a demanda não é totalmente atendida, segundo a reportagem. O Núcleo de Convivência do Idoso (NCI) do Jardim Lídia, no Capão Redondo, é utilizado como

¹⁹³ Disponível em: <<http://periferiaemmovimento.com.br/idosos-pedem-respeito-e-espaco-na-sociedade/>>. Acesso em: 03 mar. 2015.

¹⁹⁴ Disponível em: <<http://periferiaemmovimento.com.br/idosos-pedem-respeito-e-espaco-na-sociedade/>>. Acesso em: 03 mar. 2015.

¹⁹⁵ Disponível em: <<http://periferiaemmovimento.com.br/idosos-pedem-respeito-e-espaco-na-sociedade/>>. Acesso em: 03 mar. 2015.

exemplos dos problemas de funcionamento dessas unidades. Maria Valdeci, de 67 anos, é oficineira do NCI e explica como o espaço é sustentado financeiramente. Ela pode ser considerada como uma fonte oficiosa, primária e testemunha. Cabe ressaltar que, nesse percurso editorial, não há ênfase em nenhuma história de vida específica, mas sim no modo de vida dos idosos que vivem à margem da margem nas periferias paulistanas, geográficas ou não.

No intertítulo “Causa e consequência”, encontram-se problemas relacionados a identificação das fontes. Apesar de estar separado por aspas, o trecho “o aumento da escolarização de crianças e adolescentes, o mundo adulto do trabalho e do mercado, a ‘invenção’ da aposentadoria, a comunicação globalizada, o consumo e outros fatores socioeconômicos criaram espaços exclusivos para cada geração”¹⁹⁶ não é atribuído diretamente a uma pessoa ou documento. Pressupõe-se que a citação faça parte do livro “O Novo Século da Terceira Idade”, publicada pelo Sesc São Paulo e citado no parágrafo de abertura do intertítulo, com a função de fonte de referência. De maneira indireta, o último parágrafo da reportagem antecipa que cidadãos acima dos 60 anos que desempenham funções diversas na sociedade serão retratados nos próximos capítulos da série.

Com relação aos critérios substantivos de noticiabilidade, o tema possui notoriedade, proximidade geográfica, relevância, notabilidade e interesse humano. A quantidade de pessoas que o fato envolve também pode ser considerada como um valor-notícia que influenciou a decisão editorial do Periferia em Movimento, tendo em vista que os idosos compõem 7,4% da população brasileira e podem chegar a 58,4 milhões em 2060, de acordo com o IBGE. A reportagem possui linguagem simples, preocupação com a amplificação do tema e consonância.

Em relação ao produto, pode-se afirmar que o capítulo é balanceado, pois o tema e a organização editorial são pertinentes à série: trata-se de um grupo à margem da margem da sociedade retratado de maneira geral e introdutória, assim como na abertura dos blocos editoriais até o momento. O aproveitamento dos recursos oferecidos pela internet ocorre por meio das *tags*, presentes em todas as

¹⁹⁶ Disponível em: <<http://periferiaemmovimento.com.br/idosos-pedem-respeito-e-espaco-na-sociedade/>>. Acesso em: 03 mar. 2015.

reportagens da série, e pelo uso de um hiperlink, o qual não funciona¹⁹⁷. A única forma de acessar o conteúdo é buscar o título da matéria no próprio site do coletivo.

Além de tratar de um grupo localizado na periferia da periferia social, a matéria também envolve outra característica do jornalismo de quebrada: o uso de fontes das bordas geográficas da cidade. Apesar da referência aos bairros com mais idosos em São Paulo (Alto de Pinheiros e Lapa), localizados em regiões mais nobres da cidade, foram escolhidas fontes do Campo Limpo e do Jardim Lídia, regiões reconhecidas como periféricas.

4.4.11. Idosos proclamam independência na era digital

Publicado em 19 de março de 2014, o 11º capítulo de *À margem da margem* foi escrito por Aline Rodrigues e também pertence à editoria Terceira Idade. A matéria retrata o preconceito sofrido pelos idosos na era das tecnologias digitais e os antídotos encontrados por esse grupo social para amenizar o problema. Para ilustrar a reportagem, foram utilizadas quatro imagens. A foto principal retrata Efigênia Helena Teixeira Martins, uma das fontes entrevistadas para a redação do texto. O ícone do Portal Terceira Idade, também citado na reportagem, aparece após o quarto parágrafo. No final da matéria, a foto de Efigênia é repetida para identificar seu depoimento sobre o tema, com cortes nas laterais, para destacar o rosto da idosa. Abaixo, encontra-se o retrato de Evanir Rocha Correia, outra fonte utilizada para compor o texto. As fotografias são de autoria de Aline Rodrigues.

Depois de relacionar isolamento senil com a ascensão das novas tecnologias de informação e comunicação no *lead*, a repórter apresenta Tony Bernstein, coordenadora geral e idealizadora do Portal 3ª Idade. A fonte pode ser classificada como independente, primária e *expert*. O site foi idealizado com base na presença de idosos em telecentros paulistanos, também retratados no capítulo. Para demonstrar ao leitor o funcionamento desse universo, a matéria traz declarações de Maria Luiza Dias Lopes, supervisora do telecentro do Centro Educacional Unificado Casa Blanca, no Campo Limpo, zona sul, sobre a presença de idosos no local.

A visão de Maria Luiza é complementada pelos depoimentos de Efigênia e Evanir, que falam sobre a importância de aprender a usar um computador para a

¹⁹⁷ Disponível em: <<http://periferiaemmovimento.com.br/2013/11/12/reportagem-politicas-publicas-nao-dao-conta-das-demandas-dos-idosos/>>. Acesso em: 05 mar. 2015.

independência e bem-estar dos membros da terceira idade. Maria Luiza pode ser considerada como uma fonte oficial, primária e testemunha. Já Efigênia e Evanir são fontes independentes, primárias e testemunhas. Constata-se a presença de fontes exclusivamente femininas na construção do capítulo.

Em comparação com a reportagem anterior, há maior destaque para histórias de vida específicas. Efigênia e Evanir representam essa realidade. Por meio de detalhes cotidianos, o internauta percebe a influência da comunicação digital na vida dos idosos. Efigênia busca independência para saber o resultado da Mega Sena, acessar a segunda via da conta de luz e ler as notícias mais recentes. Aos 79 anos, Evanir largou a rotina de ficar o dia inteiro dentro de casa e passou a frequentar as aulas de informática e hidroginástica do CEU. No depoimento, ela comemora o novo aprendizado: colocar ponto e vírgula nos textos digitados no computador.

Proximidade, notabilidade, interesse humano e caráter inesperado são critérios substantivos de noticiabilidade. Simplificação, personalização e consonância foram levados em consideração na construção da notícia. A qualidade das histórias e o balanceamento definiram a inclusão do tema no bloco editorial sobre idosos. Os recursos da internet tiveram aproveitamento semelhante ao do capítulo anterior. Dessa vez, o hiperlink do Portal Terceira Idade foi incluído na reportagem.

Pela primeira vez na série, o meio em que o *Periferia em Movimento* está - a web - torna-se objeto de uma reportagem. Retratar a Terceira Idade sob a ótica do acesso à internet por meio de serviços públicos e gratuitos é um exemplo prático do jornalismo de quebrada, feito sobre, para e a partir das periferias.

4.4.12. Benedito Guerra, de preso político a escritor

Publicada em 21 de março de 2015, a reportagem em perfil sobre o escritor periférico Benedito Guerra foi redigida por Aline Rodrigues e pertence à editoria Terceira Idade. O fio condutor do texto é a mudança de Guerra e a falecida esposa, Antonia, para a Casa Madre Teodora dos Idosos, no Jardim São Luís, zona sul. A imagem que ilustra a reportagem retrata Benedito Guerra sentado ao lado de um painel no qual está escrito “Antonia eu sempre vou te amar...”. No retrato, o perfilado está falando e gesticulando. A foto foi registrada por Aline Rodrigues.

O *lead* e o *sublead* da matéria focam-se na relação de Guerra e sua esposa. A partir do terceiro parágrafo, o lar de idosos ganha evidência. Presentes em textos do jornalismo literário, as descrições são utilizadas como recurso para inserir o leitor no ambiente da Casa Madre Teodora: “Benedito, por exemplo, tem uma mesa e pequenas estantes em um lugar coberto no quintal. Lá, lê seus livros e revistas, tem aulas de inglês e diz agora começar a aprender o espanhol. Mas o que mais dá orgulho para ele é afirmar que também é escritor e que aquele é o cenário em que escreveu todos seus livros, dois deles já publicados.”¹⁹⁸ O trecho também serve como gancho para explicações sobre as obras literárias do perfilado.

No intertítulo “Como foi chegar até aqui”, Aline Rodrigues descreve a vida de Guerra de forma biográfica e cronológica. Observa-se que a história dele simboliza uma desconstrução sobre a visão de terceira idade caracterizada por dependência, infantilização e ausência de atividades. Benedito opõe-se a esse modelo: aos 74 anos, ele é independente, gosta de conversar, escreve livros, tem curiosidade de estudar sobre a Cabala e ainda quer publicar uma obra literária sobre crianças.

Proximidade, notabilidade e caráter inesperado são os critérios substantivos de noticiabilidade identificados na matéria. Simplificação, personalização e consonância em relação à série e ao bloco editorial sobre terceira idade compõem os valores-notícia de construção para a redação do capítulo. Quanto ao produto, sobressaem-se critérios como qualidade da história e balanceamento. A reportagem está adequada ao meio digital, apesar de limitar-se aos fatores já observados nos textos anteriores: presença de hiperlinks e tags. A ausência de galeria de imagens é compensada por recursos textuais, por exemplo.

Mais uma vez, o jornalismo de quebrada faz-se presente na escolha das fontes. O tema Terceira Idade é representado sob duas óticas: os idosos como um grupo minoritário, à margem da margem da sociedade, independente do lugar onde residem; e as pessoas acima dos 60 anos, também localizadas à margem da margem, que vivem nos bairros geograficamente periféricos de São Paulo. Benedito Guerra encaixa-se no segundo grupo e ganha um retrato particular, com o *status* de artista da periferia. Cabe ressaltar que nenhum dos textos sobre idosos foi compartilhado por outros veículos de comunicação popular, alternativa e comunitária.

¹⁹⁸ Disponível em: < <http://periferiaemmovimento.com.br/benedito-guerra-de-presos-politico-a-escritor/>>. Acesso em: 03 mar. 2015.

4.4.13. 12 mil indígenas vivem nas favelas e bairros periféricos

Publicada em 24 de março de 2014, a reportagem de abertura do bloco editorial sobre os índios foi redigida por Thiago Borges e pertence à editoria Resistência Indígena. Com ênfase no fato de que São Paulo tem a quarta maior população indígena do país, o capítulo traz dados históricos e demográficos e depoimentos de quem trabalha com esses povos. Na segunda parte, fala-se a respeito das relações entre poder público e índios nas metrópoles, com foco na ausência de políticas públicas para povos instalados em áreas urbanas. A imagem que ilustra a reportagem retrata uma mulher e uma criança com roupas vermelhas e rostos pintados. As duas olham para cima. Há um fundo cinza na imagem, indício de que a fotografia foi produzida em estúdio. Constata-se ainda que o intervalo entre a publicação das matérias sobre idosos e as reportagens sobre índios é bem menor do que o tempo de espera entre os temas drogas e terceira idade. No primeiro caso, o intervalo foi de três dias; no segundo, de 47 dias.

Após informar que 13 mil índios vivem na cidade de São Paulo, Thiago Borges emenda o dado do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) de que a capital paulista tem o maior número de indígenas que residem longe das aldeias. Por meio do coordenador do programa Índios na Cidade da ONG Opção Brasil, Marcos Aguiar, apresenta-se um contraponto à fonte de referência apresentada anteriormente, o Censo 2010. Segundo Aguiar, há 50 mil índios morando em áreas urbanas paulistanas. O IBGE afirma que 11.900 pessoas estão na situação descrita acima.

Em seguida, o capítulo fala sobre os povos indígenas que habitam São Paulo e compara o fenômeno da migração dessas minorias com países da América Latina. Para ampliar o quadro internacional, a matéria recorre a outra fonte de referência: o Programa das Nações Unidas para Assentamentos Humanos (ONU-Habitat). Depois da descrição geral do bloco editorial sobre índios, a reportagem foca-se em desenvolver a tese de que “na prática, não existe política pública para índios nas cidades”¹⁹⁹. Assistente de projetos da ONG Comissão Pró-Índio de São Paulo (CPISP), Carolina Bellinger ressalta a necessidade de se enxergar o território

¹⁹⁹ Disponível em: < <http://periferiaemmovimento.com.br/12-mil-indigenas-vivem-nas-favelas-e-bairros-perifericos/>>. Acesso em: 03 mar. 2015.

urbano como lugar de afirmação e perpetuação das culturas indígenas. O repórter complementa o raciocínio ao afirmar que poucas entidades trabalham com índios que vivem em áreas urbanas.

No intertítulo “Poder público”, reserva-se espaços para respostas e esclarecimentos sobre iniciativas federais e municipais sobre o tema central da reportagem. A Fundação Nacional do Índio afirma que está propondo adequações às políticas públicas para atender indígenas que residem em zonas urbanas. Em âmbito municipal, destaca-se a criação da Secretaria Especial de Promoção da Igualdade Racial (Sepir), “que negocia espaços para comercialização de artesanatos, ampliação de bibliotecas com temática indígena, criação de um Centro de Assistência Social exclusivo a essa população, projetos de conjuntos habitacionais para índios e instalação de novos CECIs.”²⁰⁰ Nesse parágrafo, verifica-se um erro de digitação, no qual a palavra “Secretaria” está grafada como “Secretatia”.

Para introduzir o leitor no universo dos índios urbanos, Thiago Borges utiliza duas fontes de referência já citadas anteriormente: o Censo 2010, do IBGE, e o Programa ONU-Habitat. Marcos Aguiar e Carolina Bellinger podem ser classificados como fontes independentes, primárias e testemunhas. A Funai insere-se no texto como uma fonte oficial, primária (por fornecer dados sobre os índios brasileiros, de modo geral) e *expert*. Como o texto é introdutório, as histórias de vida individuais ficam em segundo plano. O destaque da reportagem é a ambientação do tema, por meio de dados que legitimam o bloco editorial e testemunhos que humanizam o fato. Um exemplo é Chirley Pankará, coordenadora pedagógica dos Centros de Educação e Cultura Indígena (CECI) de São Paulo. Classificada como fonte oficiosa, primária e testemunha, Pankará relata que uma indígena foi ao posto de saúde de seu bairro para receber a vacina contra a gripe suína, mas foi impedida, sob a alegação de que ela não era indígena.

Com relação aos critérios substantivos de noticiabilidade, observa-se a presença de valores-notícia como notoriedade, proximidade geográfica, relevância, novidade, controvérsia e quantidade de pessoas potencialmente envolvidas no fato. Simplificação, amplificação, relevância e consonância foram fatores considerados na construção da reportagem. A matéria encontra-se balanceada em relação ao

²⁰⁰ Disponível em: < <http://periferiaemmovimento.com.br/12-mil-indigenas-vivem-nas-favelas-e-bairros-perifericos/>>. Acesso em: 03 mar. 2015.

bloco editorial e à série em si. De todos os capítulos publicados até então, o texto é o mais adequado ao meio virtual. Além da tag “Resistência Indígena” e da imagem que redireciona o leitor a encontrar os outros capítulos da série, o *Periferia em Movimento* enumera oito hiperlinks com matérias sobre índios na cidade de São Paulo. O volume maior de informação sobre o tema é explicado por Thiago Borges. Dos grupos minoritários selecionados para as oficinas que baseariam o projeto *À margem da margem* no início, a primeira e única tentativa foi realizada com os índios:

A gente tinha feito algumas oficinas com indígenas de aldeias guaranis de São Paulo, na região de Parelheiros e no Jaraguá. Rolou, mas mesmo assim nós teríamos que fazer alguns ajustes. Isso se fosse pra fazer só com eles. Então a gente parou pra reavaliar o processo e o que a gente estava fazendo de errado. A gente percebeu que o que a gente estava fazendo de errado era que a gente estava reproduzindo o *modus operandi* da mídia convencional. “Eu sei o que é melhor pra você, então eu vou dizer que o que é melhor pra você é fazer essa oficina de jornalismo com um monte de gente que pensa diferente de você, que tem uma realidade completamente de você.”²⁰¹

Apesar de não ter atingido o resultado inicial esperado pelo grupo, o trabalho nas aldeias gerou produtos, como uma reportagem colaborativa na qual os próprios índios relataram as notícias da aldeia Tenondé Porã, e destaque a conteúdos factuais, como o atentado a tiros sofrido pelos membros da mesma aldeia. A percepção dos membros do *Periferia em Movimento* acerca da reprodução da ideia de jornalismo enquanto formador de estereótipos conduziu o grupo a dar outro enfoque para a série de reportagens, já descrito anteriormente. Os jornalistas constataram ainda desconfortos por parte dos participantes das oficinas:

Com os guaranis, a questão é que a gente percebeu que eles não estavam tão à vontade assim durante as oficinas. O que a gente fez com eles foi uma conversa e, assim, a gente sabe que, culturalmente, eles não se negam a convites que aparecem. Eles são muito pacíficos e topam, mesmo que eles não queiram fazer. O que a gente percebeu é que a gente propôs algo, que pra eles não é tão interessante, mas que eles toparam fazer porque eles não queriam falar não. No segundo dia em que a gente voltou para fazer a oficina, ninguém apareceu. A gente já tinha percebido o incômodo deles no primeiro dia. No segundo, ninguém apareceu. A gente falou com o responsável por fazer a parte de introdução e ele falou que pode ser falta de interesse, mas por outros motivos e ele ia falar com a gente depois. Aí depois a gente deixou a critério deles e eles não entraram em contato com a gente também.

Desconstruir estereótipos é uma das missões do jornalismo de quebrada. Aprofundar temas já tratados pela mídia comercial massiva também faz parte dessa

²⁰¹ A entrevista completa encontra-se digitalizada em CD.

prática. Mais uma vez, constata-se essa característica nos textos de *À margem da margem*. Recorta-se o tema “índios” a partir da perspectiva de grupo minoritário, e, especificamente, minoria que está geograficamente instalada nas bordas da cidade. A perspectiva será melhor explorada no 14º capítulo, narração sobre o cotidiano dos pankararus da favela Real Parque, zona sul da cidade.

Após um ano e três meses da publicação da reportagem, o conteúdo foi publicado na íntegra, com os devidos créditos, no blog *Sociologia, Reflexão e Ação*. Direcionado a alunos do Ensino Médio em escolas públicas, o diário virtual inclui hiperlinks para pesquisas, provocações teóricas, temas sociológicos, entre outras produções.

4.4.14. Resistência dos pankararus na favela Real Parque

Publicada em 26 de março de 2014, a matéria escrita por Thiago Borges integra o bloco editorial sobre índios e também pertence à editoria Resistência Indígena. Focada na vida da etnia pankararu em uma favela paulistana, a reportagem apresenta um mini-perfil de Maria Lídia da Silva, indígena que vive há 15 anos na capital paulista. Na segunda parte do capítulo, o tema é amplificado e passa a englobar a influência da urbanização do Real Parque na vida dos pankararus, cuja terra demarcada de origem está localizada em Pernambuco, às margens do Rio São Francisco. A foto de apresentação do texto retrata índios em um ritual religioso tradicional daquele povo. A imagem foi retratada por Borges. As outras fotografias mostram: Lídia na sala de seu apartamento, com um cartaz ao fundo, cuja mensagem é “PSF Indígena Pankararu”; e o plano geral dos prédios que substituíram os barracos de madeira da favela.

Com um *lead* mais descritivo, o repórter utiliza os relatos de Lídia e o espaço geográfico como ganchos para falar sobre a história, cultura e dificuldades enfrentadas pelos pankararus na metrópole, com destaque para os postos de trabalho assumidos pelos índios após a vinda para a capital paulista - motoristas de ônibus, porteiros, faxineiros, entre outros. Além da breve biografia de Lídia, a matéria também dedica-se a mostrar detalhes sobre a religiosidade da etnia de forma simples e acessível. Para esse povo, um dos maiores desafios é a preservação dos costumes religiosos, especialmente após a urbanização do espaço. Com o objetivo de corroborar tal discurso, a presidente da Associação

Indígena SOS Pankararu, Dora Pankararu, assume a necessidade de aprender-se uma nova forma de apresentar-se à sociedade, mas ressalta que a cautela é vital para que não haja perda de identidade.

No contexto do capítulo, Lídia é uma fonte independente, primária e testemunha. Por ser presidente da SOS Pankararu, Dora pode ser considerada uma fonte oficial, primária e testemunha. Em comparação com a reportagem anterior, as histórias de vida evidenciam-se para expressar as condições de sobrevivência das minorias. Constata-se uma sutil vitimização dos pankararus nessa matéria, como no trecho “com a construção dos prédios, os rituais são restritos aos apartamentos e terminam antes da meia-noite”²⁰². O tom de resistência em relação ao ambiente adverso, entretanto, sobressai-se nesse caso.

Proximidade, relevância, conflito (entre indígenas e não-indígenas), interesse humano e quantidade de pessoas potencialmente envolvidas (cerca de 500 famílias) são os critérios substantivos de noticiabilidade presentes nesse capítulo. Simplificação, amplificação, personalização e dramatização foram os elementos usados na construção da reportagem. Em segundo plano, constata-se o elemento “*bad news is good news*” ao longo da matéria. A qualidade das histórias e o balanceamento são outros critérios relativos ao produto presentes no texto. Assim como o capítulo anterior, a matéria traz *hiperlinks* e *tags* relacionadas a resistência indígena em São Paulo.

A escolha das fontes e do recorte da pauta revelam características inerentes ao jornalismo de quebrada. Falar sobre índios de uma etnia não-guarani instalados nas periferias paulistanas contribui para o processo de retirada das bordas geográficas e sociais da cidade da margem da mídia. Apesar de a matéria não ter sido compartilhada por nenhum veículo, o tema central do texto já foi abordado pelo *Repórter Brasil* (2006)²⁰³ e *Brasil de Fato* (2010)²⁰⁴.

4.4.15. Aldeias guaranis lutam por território na cidade

Publicada em 29 de março de 2014, a matéria redigida por Thiago Borges também pertence à editoria Resistência Indígena e aborda a luta por território para

²⁰² Disponível em: <<http://periferiaemmovimento.com.br/resistencia-dos-pankararus-na-favela-real-parque/>>. Acesso em: 03 mar. 2015.

²⁰³ Disponível em: <<http://reporterbrasil.org.br/2006/03/ndio-na-cidade/>>. Acesso em: 01 nov. 2015.

²⁰⁴ Disponível em: <<http://www.brasildefato.com.br/node/1509>>. Acesso em: 30 out. 2015.

os índios nos limites geográficos paulistanos. A reportagem compara a vida dos indígenas residentes em aldeias com aqueles que vivenciam espaços urbanos propriamente ditos. O repórter destaca que, apesar da assistência recebida pelas aldeias, dificuldades ainda persistem, como ausência de locais próprios para a agricultura, água contaminada, distanciamento dos costumes tradicionais e fome. A ilustração do texto fica a cargo da imagem de uma aldeia em meio a áreas verdes. Como não há legenda, não se sabe quem foi o autor do retrato nem o local exato mostrado na foto.

O *lead* e o *sublead* da reportagem falam sobre a população e as características dos territórios indígenas guaranis na cidade de São Paulo. Os dados da Funai são utilizados como fontes de referência nesse trecho. Em seguida, o repórter dedica-se às duas aldeias do Jaraguá: Tekoa Pyau e Tekoa Itu. Depois de um breve histórico sobre a ocupação guarani na região, o foco volta-se para a preservação cultural, preocupação também presente nos capítulos anteriores nesse bloco editorial. A luta pela terra evidencia-se ainda mais quando Thiago Borges começa a falar sobre Tenondé Porã. Da feira de artesanato ao atentado contra o tribo, traça-se um mini-perfil da aldeia. A última área descrita na matéria foi o território Krukutu, fixado às margens da Represa Billings. Para mudar a realidade local, índios articulam atividades e produzem obras literárias sobre histórias e costumes guaranis. A frase de fechamento do bloco editorial é de autoria do cacique Luiz Carlos Karai: “Há 500 anos, a gente segue resistindo para manter nossa cultura no Brasil”²⁰⁵.

Quatro pessoas foram entrevistadas para construir a representação de índios que lutam por territórios em São Paulo: o professor indígena David Martim, a professora Jerá Guarani, o cacique Karai e o escritor Olívio Jekupé, fontes independentes, primárias e testemunhas. As histórias de vida misturam vitimização e resistência mais uma vez e entrelaçam-se com os mini-perfis das aldeias Tekoa Pyau, Tekoa Itu, Tenondé Porã e Krukutu. Entre os personagens, destaca-se o contador de histórias. Autor de 13 livros no Brasil e no exterior, Jekupé acredita que contribui para a educação dos índios sobre a cultura deles.

O último capítulo do presente bloco editorial contou com fatores como proximidade, relevância, conflito, interesse humano e quantidade de pessoas

²⁰⁵ Disponível em: <http://periferiaemmovimento.com.br/aldeias-guaranis-lutam-por-territorio-na-cidade/>. Acesso em: 03 mar. 2015.

envolvidas para ser selecionado para a série. As explicações sobre o vocabulário e costumes indígenas tornaram a matéria simples, amplas, relevantes e consonantes. Quanto ao produto, sobressai-se o elemento “*bad news is good news*”, em especial nos trechos acerca das dificuldades vivenciadas pelos índios nas bordas paulistanas. As histórias têm qualidade e são balanceadas em relação ao restante de *À margem da margem*. Com exceção das *tags*, a reportagem poderia ser publicada em meios impressos, por não conter elementos que a caracterizem como um produto jornalístico digital.

Na análise sobre elementos relativos ao jornalismo de quebrada, constata-se que a escolha de fontes obedeceu ao critério de prioridade aos espaços geográficos periféricos. O capítulo contextualiza e recorta um tema atual, traduzido por manifestações dos índios pela posse plena dos respectivos territórios. O texto do *Periferia em Movimento* não foi reproduzido por nenhum veículo de comunicação, mas o tema já foi repercutido por *Carta Capital*²⁰⁶, *Repórter Brasil*²⁰⁷ e *Brasil de Fato*²⁰⁸, com reportagens redigidas em 2014. De modo geral, as três matérias do bloco editorial indígena encaixam-se no preceito “sobre, para e a partir das periferias”.

3.4.16. Travestis e transexuais, quem são para a sociedade

Publicada em 02 de abril de 2014, a primeira reportagem do quarto bloco editorial de *À margem da margem* foi redigida por Aline Rodrigues e pertence à editoria Gênero e Sexualidade. A matéria consiste em uma apresentação geral dos preconceitos enfrentados pelo grupo formado por lésbicas, gays, bissexuais, travestis ou transexuais (LGBT) em todo o país, com personagens paulistanos. Para ilustrar a matéria, utilizou-se uma imagem de rosas arco-íris (rainbow roses). Não há legenda para a foto.

O *lead* tem caráter reflexivo e questiona o leitor sobre a presença de travestis como vendedores, universitários, médicos, advogados, professores e amigos. No *sublead*, Aline mantém a conversa direta com o internauta e foca-se na

²⁰⁶ Disponível em: <<http://www.cartacapital.com.br/politica/indigenas-guarani-o-direito-a-cidade-e-o-plano-diretor-3264.html>>. Acesso em: 01 nov. 2015.

²⁰⁷ Disponível em: <<http://reporterbrasil.org.br/2014/04/os-indios-de-sao-paulo-querem-suas-terras-de-volta/>>. Acesso em: 01 nov. 2015.

²⁰⁸ Disponível em: <<http://www.brasildefato.com.br/node/28199>>. Acesso em: 01 nov. 2015.

responsabilidade que cada pessoa tem pelo fato dos transgêneros não ocuparem lugares diversos na sociedade. Logo nas primeiras linhas do texto, a repórter faz uso da linguagem inclusiva ou neutra de gênero, como “um@ vendedor@”, “médic@”, “advogad@”, “professor@”, entre outros exemplos.

Em seguida, a reportagem percorre trajetórias legislativas para comprovar falhas na defesa dos direitos do grupo LGBT. Cita-se o artigo 1º da Declaração Universal dos Direitos do Homem, o artigo 5º da Constituição Federal e a Lei Estadual 10.948/01, cujo objetivo é proteger lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais em território paulista. Relata-se ainda que “das 5.565 cidades brasileiras, somente 79 possuem legislação específica contra a homofobia”²⁰⁹. Após a apresentação de outros dados legislativos sobre o tema, destacam-se histórias de transexuais no intertítulo “Olhar limitado ao preconceito”. A repórter destaca que esse grupo é vítima de “olhares, cochichos, exclamações ofensivas que podem levar quem é alvo a acreditar não ter valor e direito de sonhar em ser o que quiser ser”²¹⁰.

Além da consulta à Declaração Universal dos Direitos do Homem, à Constituição Federal e ao Perfil dos Municípios Brasileiros 2011, do IBGE, como fontes de referência, Aline entrevistou a transexual Brunna Valin e utilizou a declaração de Daniela Rocha de Andrade concedida a revista eletrônica PGM, da Universidade de São Paulo (USP). Orientadora socioeducativa do Centro da Referência e Defesa da Diversidade, Brunna pode ser considerada como uma fonte oficiosa, primária e testemunha. Transexual e analista de sistemas, Daniela é uma fonte independente, primária e testemunha. Os jornalistas do *Periferia em Movimento* não utilizaram entrevistas concedidas a outros veículos de comunicação em *À margem da margem* até então. A reportagem é finalizada com mais um questionamento de Aline: “Mas a imagem e as escolhas íntimas e pessoais de alguém definem a qualidade de um@ profissional, de um@ bom(a) filh@, de um cidadão ou cidadã?”²¹¹ As histórias de vida das personagens citadas acima deram ao texto tons de heroísmo e superação.

²⁰⁹ Disponível em: <http://periferiaemmovimento.com.br/travestis-e-transexuais-quem-sao-para-a-sociedade/>. Acesso em: 03 mar. 2015.

²¹⁰ Disponível em: <http://periferiaemmovimento.com.br/travestis-e-transexuais-quem-sao-para-a-sociedade/>. Acesso em: 03 mar. 2015.

²¹¹ Disponível em: <http://periferiaemmovimento.com.br/travestis-e-transexuais-quem-sao-para-a-sociedade/>. Acesso em: 03 mar. 2015.

Com relação aos critérios substantivos de noticiabilidade, observa-se a presença de notoriedade, proximidade geográfica, relevância, interesse humano e número potencial de pessoas envolvidas. A reportagem foi construída sob os pilares da amplificação e da consonância, mas poderia ser mais simples. Caso o leitor não conheça a linguagem inclusiva de gênero, ele demorará para compreender o sentido do uso do “@” no lugar dos artigos definidos “o” e “a”. A questão seria solucionada se houvesse explicações acerca desse recurso linguístico de neutralidade no texto.

De forma indireta, os elementos negativos chamam a atenção para o tema da reportagem, como os dados sobre as legislações municipais e as políticas de igualdade de gênero. As histórias têm qualidade e o contexto é balanceado com o restante da série. Quanto ao meio digital, a matéria apresenta *tags* e um *hiperlink* externo: a gravação em vídeo da entrevista de Daniele.

Assim como a reportagem sobre as cracolândias paulistanas, o capítulo introdutório ao universo LGBT nas quebradas da cidade não se foca em periferias geográficas, mas sim nas bordas das bordas da metrópole: o centro da cidade. Mais uma vez, o texto não foi compartilhado por outros veículos. Por outro lado, o tema central desse bloco foi abordado por *Brasil de Fato*²¹² e *Agência Brasil*²¹³ em 2015.

3.4.17. Um lugar de acolhimento para o público LGBT

No dia seguinte à publicação da primeira reportagem do bloco editorial sobre lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais, o coletivo lançou o 17º capítulo de *À margem da margem*. Redigida por Aline Rodrigues, a matéria pertence à editoria Gênero e Sexualidade e mostra o funcionamento e os desafios do Centro de Referência e Defesa da Diversidade (CRD) de São Paulo, além de contar histórias de vida entrelaçadas ao espaço público de acolhimento. Para ilustrar o texto, utiliza-se uma foto tirada por Aline, a qual retrata Brunna Valin, transexual e orientadora socioeducativa presente na série desde o 16º capítulo. Ao lado da imagem, encontra-se uma breve apresentação de Brunna: “sou orientadora socioeducativa, casada, 39 anos, HIV+, militante e transexual. Busco o reconhecimento da

²¹² Disponível em: <<http://www.brasildefato.com.br/node/32210>>. Acesso em: 01 nov. 2015.

²¹³ Disponível em: <<http://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2015-05/preconceito-contra-travestis-e-transexuais-acontece-em-delegacias>>. Acesso em: 01 nov. 2015.

cidadania”. O retrato aparece novamente quando a repórter faz menção à personagem. Perfiladas ao longo da reportagem, Andie Almeida e Carla Edson também foram apresentadas por meio de fotografias.

O *lead* é marcado por adjetivos relacionados direta ou indiretamente ao CRD, tais como “lugar raro” e “postura preconceituosa e exclusiva (da sociedade)”. O trecho traz ainda a opinião de Eduardo Luiz Barbosa, coordenador do espaço, acerca do significado da existência do Centro de Referência e Defesa da Diversidade. O *sublead* é dedicado a descrições sobre a equipe do CRD. Especifica-se ainda o público-alvo do espaço. Nesse trecho, utiliza-se novamente a linguagem inclusiva de gênero. Não há nenhum esclarecimento no capítulo sobre o fato de que o CRD conta com a parceria da Prefeitura do Município de São Paulo. Cita-se apenas que os profissionais do Centro integram a ONG Pela Vidda/ SP (Valorização, Integração e Dignidade do Doente de Aids).

Após a apresentação do CRD para o leitor, a matéria dedica-se a mini-perfis de atendentes e atendidos no espaço. Brunna Valin fala sobre a importância de suas vivências na atuação como orientadora socioeducativa e o empoderamento que o Centro deseja dar às pessoas atendidas. A transexual amazonense Andie Almeida conta como a conversa com os psicólogos ajuda-a a sentir-se mais leve, além de relatar quais são os cursos que ela faz. Nesse percurso, Barbosa destaca que a fila para a conquista do nome social e da cirurgia de transexualização são os principais desafios enfrentados pelo CRD. Para o coordenador, o trabalho no centro é quase uma reeducação para a cidadania.

O intertítulo “A complexidade do indivíduo” é dedicado à história de vida de Carla Edson. Freqüentadora do CRD desde 2010, Carla já cumpriu pena por assassinato em regime fechado. Na época da veiculação da reportagem, ela estava em regime aberto. Carla não se considera uma travesti, mas sim uma “gay bombada”, por já ter feito cirurgias para implante de silicone. Natural de Recife, ela foi vítima de tráfico de pessoas ao chegar no Estado de São Paulo com outras 11 pessoas, em busca de uma promessa de trabalho com carteira assinada e moradia. A reportagem é finalizada com a declaração de Carla sobre a capital paulista: “Eu digo que tenho trauma de São Paulo e terei pelo resto da vida. No dia em que eu for embora eu quero esquecer que pisei aqui”.

Com relação à tipologia dos quatro entrevistados para compor o capítulo, pode-se afirmar que Eduardo Luiz Barbosa e Brunna Valin são fontes oficiosas,

primárias e testemunhas. Já Andie Almeida e Carla Edson são fontes independentes, primárias e testemunhas. As histórias de vida apresentadas mesclam resistência e superação.

Notoriedade, proximidade geográfica, relevância, interesse humano e composição balanceada são os critérios substantivos de noticiabilidade presentes na matéria. Para construir a reportagem, levou-se em conta simplificação, amplificação, personalização e consonância com o bloco editorial e a série. Quanto ao produto, observa-se a qualidade das histórias e a novidade interna, em especial nos trechos referentes à Carla Edson. O tom de surpresa da repórter com a proximidade do tráfico de pessoas ganha transparência na frase “Sim, Carla que hoje mora no bairro de Santa Cecília e divide seu apartamento com mais quatro pessoas foi vítima do tráfico de pessoas.”²¹⁴ A reportagem não explora recursos do meio digital como os *hiperlinks*, por exemplo. O elemento poderia ser usado na primeira referência ao CRD e na citação ao Pela Vidda/ SP.

Constata-se que o tema gênero e sexualidade está à margem da margem da sociedade por meio da frase “e trabalhando com o público LGBT identifica-se outras exclusões, como o caso de nordestinos, negros, moradores de rua”²¹⁵. Lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais encaixam-se na definição dada pelo *Periferia em Movimento* para o conceito periferia: “somos todos que não nos enquadrados no modelo de sociedade pregado como ideal”²¹⁶. Em entrevista de esclarecimento sobre a série para o presente trabalho, Thiago Borges comentou sobre o grupo LGBT, com foco em travestis e transexuais: “Muitas delas moram no centro da cidade, mas estão completamente, talvez sejam o grupo da população que esteja mais marginalizado. Não consigo pensar em outro que esteja mais marginalizado, pelo menos das pessoas que eu conheço.”²¹⁷

3.4.18. Brunna Valin e sua militância no movimento LGBT

Publicada em 08 de abril de 2014, a reportagem redigida por Aline Rodrigues segue o padrão de *À margem da margem* com relação aos blocos editoriais

²¹⁴ Disponível em: < <http://periferiaemmovimento.com.br/um-lugar-de-acolhimento-para-o-publico-lgbt/>>. Acesso em: 03 mar. 2015.

²¹⁵ Disponível em: < <http://periferiaemmovimento.com.br/um-lugar-de-acolhimento-para-o-publico-lgbt/>>. Acesso em: 03 mar. 2015.

²¹⁶ Disponível em: <<http://periferiaemmovimento.com.br/quem-somos/>>. Acesso em: 03 mar. 2015.

²¹⁷ A entrevista completa está disponível em formato digitalizado em CD.

presentes na série: reportagem geral, recorte específico e perfil²¹⁸. Pertencente à editoria Gênero e Sexualidade, o capítulo traz a biografia de Brunna Valin, transexual utilizada como fonte nas duas matérias anteriores. A foto selecionada para abrir o texto retrata Brunna com uma flor no cabelo, roupas em tons alaranjados e brincos que combinam com o fundo colorido presente na imagem. Não é possível saber se a fotografia é do arquivo pessoal da perfilada ou se foi produzida pela repórter do *Periferia em Movimento*, pois não há legendas para a imagem. Na metade do perfil, utiliza-se o mesmo retrato da reportagem anterior, o qual mostra Brunna ao lado de sua frase de apresentação aos leitores.

Como a personagem já apareceu em textos anteriores, o *lead* baseia-se em uma declaração da orientadora socioeducativa a respeito da identidade de gênero. O *sublead* é dedicado à apresentação mais completa de Brunna. Em seguida, conta-se a história da militante, desde a pressão familiar em Pedranópolis (SP) para que ela se adequasse aos padrões do que é ser homem até a prostituição nas ruas de São José do Rio Preto. Nesse caminho, Brunna foi abusada por um amigo de sua família ainda na casa dos pais, mas também contou com o acolhimento das cafetinas para “sair da exclusão social”. A primeira parte da matéria é finalizada com o direito à moradia fixa conquistado pela transexual, a descoberta da Aids e a perda do companheiro pela mesma doença. Entre diferentes fases de sua vida, Brunna atuou como profissional do sexo por 22 anos.

Os intertítulos subsequentes acompanham transformações significativas para a perfilada. Em “Mudança de papel”, a repórter conta a história da transição de prostituta para cafetina, ainda em São José do Rio Preto. Nesse trecho, constatam-se mudanças ideológicas de linguagem: destaca-se o fato de que Brunna preferia o nome “casa de acolhimento” a “prostíbulo”. Mesmo desempenhando papel de “mãe” na vida das prostitutas, a atual orientadora socioeducativa questionou-se se suas ações estavam certas e erradas. Após a autoavaliação, Valin resolve mudar-se para São Paulo. Cabe destacar que o trecho tem um erro ortográfico: escreve-se “influencia” no lugar de “influência”.

No intertítulo “Um encontro definitivo com sua identidade”, narra-se a terceira fase da vida de Brunna. Nessa etapa, a transexual é rerepresentada como

²¹⁸ Até então, a exceção foi o bloco editorial sobre os índios, no qual a reportagem de fechamento consistiu no retrato acerca dos territórios indígenas dentro dos limites geográficos do município de São Paulo.

orientadora socioeducativa. Autoestima e diferenças na aceitação da identidade de gênero entre centro e periferia são os temas mais abordados na finalização do texto. O leitor reconhece tal realidade por meio das palavras da perfilada: “Um dia eu estava chegando em casa às 11 horas da noite e em um bar colado de casa tinha um cara já meio alterado que quando me viu fez uma piada. Os outros falaram para ele ‘aqui nesse lugar todo mundo se respeita, se você não respeita as pessoas, não volta mais aqui’”.” Assim como nos capítulos anteriores, percebe-se tons de resistência, heroísmo e superação.

Com relação aos critérios substantivos de noticiabilidade, constata-se a presença de elementos como a morte, que pode, por sua vez, ser explorada em dois aspectos: o falecimento do ex-companheiro de Brunna e a ideia de morte que acompanha o tema HIV/ Aids. Proximidade geográfica, novidade, interesse humano, composição balanceada e conflito (entre os que aceitam e os que não aceitam a identidade de gênero). Simplificação, personalização e consonância foram elementos levados em consideração na construção da matéria. A qualidade da história e a adequação ao restante da série são os valores-notícia relativos ao produto presentes no capítulo. Com exceção das *tags*, não há outros elementos que caracterizem o meio digital na reportagem. O texto não foi compartilhado por nenhum veículo de comunicação popular, alternativa e comunitária, mas Valin já foi perfilada pelo portal *Além do Gênero*²¹⁹, em janeiro de 2014, e pelo *Jornal do Campus*²²⁰, da Universidade de São Paulo, em março de 2015.

A maior contribuição do texto ao jornalismo de quebrada é o duplo recorte periférico dado à história de Brunna Valin. Além da marginalidade social enfrentada pela transexual, a vivência em um bairro periférico da zona leste de São Paulo dá um novo tom ao bloco editorial sobre gênero e sexualidade. Por sua vez, a visão do coletivo de que há menor preconceito contra o grupo LGBT em regiões geograficamente periféricas é um fato que converge com os primeiros capítulos de *À margem da margem*, os quais informam que periferia é um sentimento e o processo de formação de identidades periféricas.

²¹⁹ Disponível em: <<http://genero.alem.art.br/post/74900757159/sou-brunna-valin-tenho-39-anos-sou-orientadora>>. Acesso em: 02 nov. 2015.

²²⁰ Disponível em: <<http://www.jornaldocampus.usp.br/index.php/2015/03/ja-fui-uma-mulher-sofredora-moradora-de-rua-casada-solteira-muito-feliz-e-ate-meretriz/>>. Acesso em: 02 nov. 2015.

3.4.19. Imigrantes são marginalizados em São Paulo

Publicada em 09 de abril de 2015, a reportagem de abertura do bloco editorial sobre imigração foi redigida por Thiago Borges e pertence à editoria Contra o Genocídio. Com foco na nova face da imigração na capital paulista - a sul-americana - a matéria foca-se no recorte histórico sobre o tema, da chegada dos portugueses, em 1500, até a chegada dos haitianos, no início dos anos 2010. A foto que ilustra o capítulo retrata uma apresentação artística de imigrantes. A imagem também é de autoria de Borges.

Antes do *lead* do texto, o leitor depara-se com um povo-fala, composto por declarações de um empresário boliviano que atua no ramo da costura, uma imigrante boliviana, uma imigrante andina que trabalha em uma unidade básica de saúde (UBS) e uma imigrante paraguaia. Em seguida, o repórter esclarece que os pedidos foram realizados em um encontro promovido pela Secretaria Municipal de Direitos Humanos e Cidadania de São Paulo (SMDHC). Como uma forma de amplificar o tema, Borges utiliza o Sistema Nacional de Cadastramento e Registro de Estrangeiros (Sincre) como fonte de referência para informar aos leitores o número de imigrantes em território nacional e, de forma específica, na capital paulista. Para fundamentar o tema central da matéria - a marginalização dos imigrantes - o jornalista entrevista o advogado peruano Grover Calderón, presidente da Associação Nacional de Estrangeiros e Imigrantes no Brasil (Aneib). Morador do Brasil há 15 anos, Calderón pode ser considerado uma fonte oficial, primária e expert.

No capítulo, destaca-se ainda a vinda de imigrantes negros ao país, “seja por conta dos imigrantes do Haiti, aqui no nosso continente, ou de países da África, como Angola, Moçambique, Congo, Nigéria, Senegal, Serra Leoa, que desembarcam nas duas últimas décadas.” Desse trecho em diante, insere-se a sexta onda imigratória rumo a São Paulo, apelidada pelo repórter de “caldeirão cultural”. Adota-se a perspectiva periférica para recontar essa história, característica do jornalismo de quebrada. Cita-se que os primeiros alemães que chegaram a cidade fundaram o bairro Colônia Paulista, no Extremo Sul, na década de 1820. No período de incentivo governamental a vinda de estrangeiros para o país, destaca-se que o objetivo era “embranquecer” a população nacional. Para complementar a Babel paulistana, desembarcaram sírios, libaneses, judeus, japoneses; coreanos,

latinoamericanos e oriundos do Leste Europeu; africanos; e haitianos. Por ser um capítulo introdutório, não há destaque para histórias de vida específicas, mas sim para um contexto geral no qual se inserem biografias variadas.

Com relação aos critérios substantivos de noticiabilidade, observa-se a presença de elementos como notoriedade, proximidade geográfica e cultural, relevância, notabilidade, interesse humano, quantidade de pessoas envolvidas (cerca de 1 milhão de imigrantes em todo o Brasil) e composição balanceada do produto. Simplificação, amplificação e consonância foram levados em consideração na construção do texto. A marginalização dos estrangeiros em terras paulistas obedece ao preceito “*bad news is good news*”. A matéria aproveita pouco os recursos oferecidos pela internet, mas apresenta uma novidade em relação aos 18 capítulos anteriores: um banner de propaganda sobre a série. De modo geral, o foco da mensagem centra-se nos perfis divulgados por *À margem da margem*:

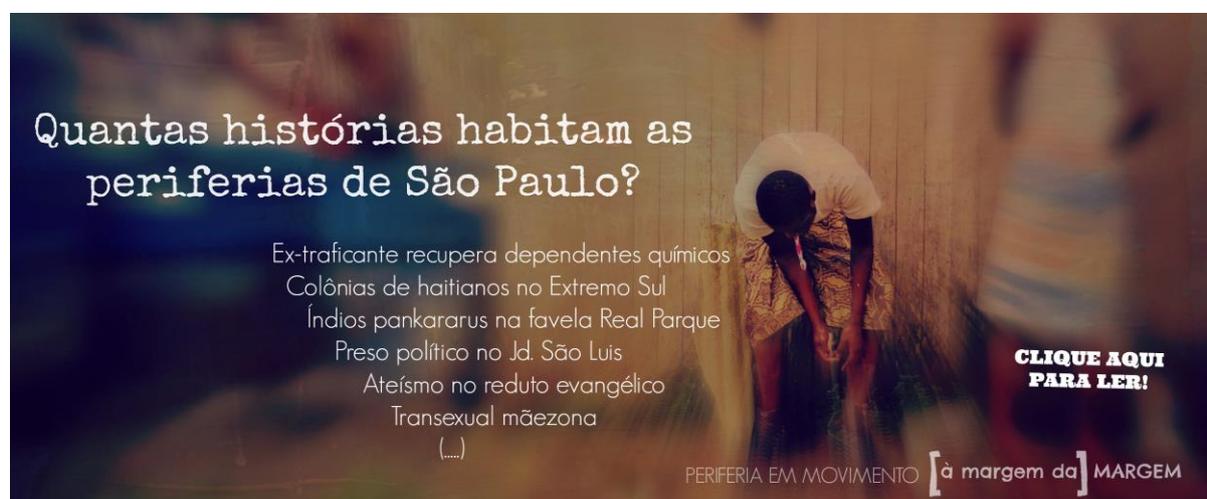


Figura 8 - Banner de divulgação da série *À margem da margem*

A reflexão “Quantas histórias habitam as periferias de São Paulo?” é uma das maiores expressões do significado do jornalismo de quebrada em prática ao longo da série. As angulações dos capítulos têm engajamento político-ideológico contrário ao *status quo*, expressam lutas de segmentos marginalizados da população, utilizam fontes locais e destacam o interesse humano. O critério “histórias de vida” também se evidencia no banner. Das seis chamadas, três referem-se a perfis traçados em *À margem da margem*. O ex-trafficante que recupera dependentes químicos é Marcos Lopes, fundador do Projeto Sonhar retratado no oitavo capítulo.

O preso político no Jardim São Luís é Benedito Guerra, escritor idoso cuja vida foi contada no 12º texto. Já a transexual mãezona é Brunna Valin, cuja história foi relembada na 18ª reportagem. A propaganda antecipou ainda assuntos dos capítulos posteriores: a colônia de haitianos no Extremo Sul será apresentada aos leitores no capítulo 21. O ateísmo no reduto evangélico é objeto da 30ª matéria. A vida dos índios pankararus na favela Real Parque foi mostrada no 14º texto.

3.4.20. Imigrantes procuram o Brasil para ganhar dinheiro

Publicada em 11 de abril de 2014, a segunda matéria do bloco editorial sobre imigrantes foi redigida por Thiago Borges e pertence à editoria Trabalho e Renda. Com o objetivo de desenvolver a ideia de que a motivação financeira é uma das principais causas da diáspora estrangeira, a reportagem mostra quais foram as maneiras que os imigrantes encontraram no processo de inserção na vida econômica paulistana. Na chamada do capítulo anterior, o leitor encontra termos como “escravos da moda” e “mulas do tráfico”, que antecipam o tom do 20º texto. A imagem que ilustra a matéria evidencia linhas de costura. Em segundo plano, é possível observar um boliviano trabalhando na indústria têxtil. Na metade da reportagem, mostra-se uma foto com dezenas de negros presos por uma cerca. Não há legenda para nenhum dos dois retratos.

O *lead* e o *sublead* do texto são curtos e tratam das motivações financeiras. Em seguida, foca-se na escravidão de bolivianos na indústria têxtil, com informações sobre o número de trabalhadores que vivenciam tal situação, comparação entre salários pagos para costureiros na Bolívia e no Brasil e o temor de ex-trabalhadores. Para aprofundar os dados sobre a presença desse povo na capital paulista, Borges entrevistou Jerjes Justiniano, embaixador da Bolívia no Brasil; e Jony Alvarado, que atuou nas fábricas de costura da região central da cidade. Justiniano pode ser considerado uma fonte oficial, secundária e *expert*. Alvarado é uma fonte independente, primária e testemunha.

Sem intertítulos ou alterações gráficas, modifica-se o destaque para os haitianos. Identificação cultural e racial, busca por emprego e a atuação da Missão Paz com esse povo são enumeradas ao longo de seis parágrafos. Para compor a história da imigração haitiana sob a ótica do trabalho e da renda, o repórter conversou com João Paulo Charleaux, coordenador de comunicação da ONG

Conectas; e o imigrante Robinson Jean Baptiste. Charleaux é uma fonte oficial, primária e testemunha. Já Jean Baptiste pode ser classificado como fonte independente, primária e testemunha. Na primeira etapa, há dados variados sobre os estrangeiros vindos da Bolívia e do Haiti, mas não há indicação explícita das fontes de referência utilizadas. Pressupõe-se que a Missão Paz e a ONG Conectas auxiliaram no processo de obtenção de informações.

No intertítulo “Bolivianas aliciadas pelo tráfico de drogas”, utiliza-se o Sistema Integrado de Informações Penitenciárias do Ministério da Justiça (InfoPen) e o Instituto Terra, Trabalho e Cidadania (ITTC) como fontes de referência. A narrativa é complementada pelo depoimento de Nathalia Duó, integrante do Programa Estrangeiras do ITCC; Ivete Barão de Azevedo Haslac, diretora da Penitenciária Feminina da Capital (PFC); e Ana, imigrante boliviana utilizada como “mula do tráfico” para transportar 1 quilo de cocaína de Santa Cruz de La Sierra até Johannesburgo, na África do Sul²²¹. Nathalia pode ser classificada como uma fonte oficiosa, secundária e *expert*. Ivete é uma fonte oficial, primária e testemunha. Já Ana é uma fonte independente, primária e testemunha.

Em comparação com a reportagem anterior, o capítulo traz mais histórias de vida, com foco nos imigrantes. As histórias selecionadas têm tons diferentes, todos convergentes ao jornalismo de quebrada. Casado com uma brasileira, o boliviano Jony Alvarado simboliza a superação do trabalho escravo e a vitória em terras paulistanas. O haitiano Robinson Jean Baptiste representa o estágio intermediário, envolto por heroísmo e esperança: ele trabalha em um restaurante e consegue enviar dinheiro para seus familiares, mas ainda leva consigo sonhos a serem realizados no Brasil. Já a boliviana Ana é a vítima, a amostra de que o sonho da vida melhor em outra nação é repleta de dificuldades. Filha de camponeses pobres e ex-prostituta, Ana matriculou-se em uma faculdade de computação em seu país paga por um amigo para melhorar de vida. Ao ser despejada de casa por conta da falta de aluguel, ela aceitou a proposta de um traficante nigeriano que conheceu na boate em que trabalhava. A matéria é finalizada por meio de uma frase da entrevistada: “Quero sair daqui, conseguir um emprego e cuidar dos meus filhos. Eles precisam de mim”.

²²¹ O texto informa que Ana se entregou à Polícia Federal brasileira e cumpre pena de cinco anos na PFC desde dezembro de 2012.

Notoriedade, proximidade geográfica e cultural, relevância, conflito, infração, interesse humano e quantidade de pessoas envolvidas foram os valores-notícia substantivos utilizados na reportagem. Não se observa o elemento simplificação em toda a matéria, pois há termos não esclarecidos, como coiotes. Em contrapartida, amplificação, personalização, dramatização e consonância marcam presença no texto. O recorte acerca das bolivianas utilizadas no tráfico internacional de drogas revela o preceito “más notícias são boas notícias”. A qualidade das histórias e o balanceamento em relação ao bloco editorial e à série em si complementam os critérios relativos ao produto. Com exceção das *tags*, não há características ligadas ao meio digital no capítulo.

3.4.21. Aluguel caro expulsa imigrantes do centro para as periferias

Publicada em 14 de abril de 2014, a terceira matéria do bloco editorial sobre imigrantes retrata os redutos periféricos de estrangeiros na cidade de São Paulo, como Vila Zelina, Cantinho do Céu e Interlagos. Escrita por Thiago Borges, a reportagem pertence à editoria Moradia. A foto que ilustra a matéria não tem legenda e retrata um grupo de imigrantes, aparentemente bolivianos. Uma das mulheres está escrevendo em cima de uma pilha de pastas.

A partir da ideia de colônias de solidariedade, Borges descreve redutos tradicionais e recentes de imigrantes no território paulistano. O repórter cita a Liberdade (orientais), Mooca e Bixiga (italianos), Vila Zelina (povos do leste europeu), 25 de março (árabes) e Higienópolis (judeus). Em seguida, retratam-se os imigrantes periféricos, que moram em bairros centrais como Glicério, Bom Retiro, Brás, Pari e Canindé, mas que têm problemas com o valor do aluguel e optam por morar em regiões mais afastadas do centro.

Para corroborar esse fato, consulta-se o presidente da Associação Nacional de Estrangeiros e Imigrantes no Brasil (Aneib), Grover Calderón. Nessa reportagem, ele pode ser considerado como uma fonte oficial, secundária e *expert*. Além de falar sobre os aluguéis mais baixos em regiões periféricas, Calderón ressalta que o clima criado pelas pessoas em regiões distantes do centro é mais caloroso. Como exemplos de redutos de imigrantes periféricos, Borges cita os bolivianos que vivem em ocupações do Movimento dos Trabalhadores Sem Teto (MTST) e na ocupação Jardim da União, no Grajaú. Relembra-se ainda as colônias de haitianos em

formação na zona sul, como é o caso de Interlagos e do Cantinho do Céu, bairro do Grajaú. A matéria não conta com histórias de vida individuais, mas sim com retratos coletivos dos imigrantes periféricos.

Com relação aos critérios substantivos de noticiabilidade, observa-se que a proximidade, a novidade, a notabilidade e a composição balanceada do produto foram fatores que levaram o tema a ser escolhido como integrante da série *À margem da margem*. Simplificação, amplificação, relevância e consonância foram valores-notícia utilizados para a construção da matéria. O elemento negativo, que está presente desde o título da reportagem, revela o elemento “*bad news is good news*” nos critérios relativos ao produto. Nessa categoria, constata-se ainda a novidade e o balanceamento como elementos considerados na reportagem. Apenas as *tags* identificam a matéria como pertencente ao meio web.

O jornalismo de quebrada está presente na matéria, tendo em vista que, mais uma vez, um tema geral ganha contextos e contornos periféricos. O capítulo de *À margem da margem* foi compartilhado pelo *Portal Desacato*²²².

3.4.22. Criminalizado, imigrante vira “assunto de polícia”

Publicada no dia 16 de abril de 2014, o quarto capítulo do bloco editorial sobre os imigrantes também foi escrito por Thiago Borges. Pertencente à editoria Contra o Genocídio, a matéria pode causar divergências entre título e conteúdo. Ao citar-se o imigrante como “assunto de polícia”, o jornalista provoca a impressão de que falará sobre casos de crimes que envolvem imigrantes, conforme retratado no capítulo 20. Na realidade, a reportagem trata sobre as dificuldades da vida dos imigrantes em São Paulo a partir dos problemas que esse grupo enfrenta para regularizar documentações de identificação na cidade. Para ilustrar o texto, há uma imagem que mostra imigrantes - provavelmente bolivianos - em uma feira. Ao analisar a reportagem, pressupõe-se que o local retratado em questão seja a praça Kanuta, ponto de encontro de bolivianos no Pari, região norte da cidade. Não há legenda para a imagem.

²²² Surgida em 2007, a revista virtual denomina-se como mídia dos trabalhadores e publica materiais jornalísticos em inglês e espanhol. O portal conta com colaboradores latino-americanos (inclusive brasileiros) e europeus.

Após a descrição da praça Kanuta aos domingos, a reportagem recorre à visão de Rogério Sotilli, secretário municipal de Direitos Humanos e Cidadania de São Paulo. Considerado como fonte oficial, secundária e *expert*, Sotilli ressalta a importância da valorização dos espaços construídos pelos imigrantes na cidade. Entre as novidades apresentadas na reportagem, destaca-se a proposta do secretário de incluir imigrantes no Conselho Participativo Municipal, estrutura de caráter consultivo, com integrantes eleitos pela população.

Para falar sobre outras políticas culturais relacionadas aos imigrantes em São Paulo, Borges entrevista também Paulo Iles, coordenador de políticas para imigrantes da Secretaria Municipal de Direitos Humanos e Cidadania. Fonte oficial, secundária e *expert*, Iles fala sobre os campeonatos de futebol amador criados por imigrantes na capital paulista. O coordenador ressalta ainda que há crianças de pelo menos 55 nacionalidades estudando em escolas municipais da metrópole.

O leitor passa a compreender a expressão “assunto de polícia” no título da matéria a partir do momento em que se cita o “Estatuto do Imigrante”. Iles declara que o documento não protege o imigrante, mas sim protege o Brasil do imigrante. Para acrescentar mais uma visão relacionada ao documento, inclui-se a fala de José Carlos Sebe, professor aposentado do departamento de História da Universidade de São Paulo. Responsável por afirmar que o imigrante é “assunto de polícia”, Sebe afirma que o Brasil parte do pressuposto de que o documento decide se o imigrante ficará ou não no país. Para o professor, essa é uma forma de criminalização, tendo em vista que o imigrante já mudou de país por conta de dificuldades. Sebe pode ser considerado como uma fonte independente, secundária e *expert*.

A matéria é finalizada com informações sobre a Lei do Imigrante, com projetos travados em diferentes instâncias. O último parágrafo é complementado pela visão do padre Paolo Parise sobre o tema. Diretor do Centro de Estudos Migratórios (Cemi) da Missão Paz, Parise acredita que o Brasil oferece o documento de permanência, mas não investe em outras estruturas importantes para a vida do imigrante, como aprendizado da língua e moradia. Assim como na reportagem anterior, as histórias de vida não são individualizadas, mas sim coletivas. O imigrante é visto como uma minoria vítima de uma estrutura legal que, na perspectiva do jornalismo de quebrada, deve ser modificada.

Relevância, novidade, conflito e quantidade de pessoas envolvidas são os critérios substantivos de noticiabilidade localizados na reportagem. Simplificação, amplificação, relevância, dramatização e consonância foram levadas em conta na construção da matéria. Como critérios relativos ao produto, observa-se o elemento “*bad news is good news*”. Com relação ao meio web, constata-se que o repórter acrescentou *hiperlinks* acerca do Estatuto do Imigrante e da Lei do Imigrante com o objetivo de fornecer detalhes oficiais sobre as duas legislações. Cabe destacar ainda que a matéria reafirma a condição do imigrante como periferia da periferia em uma cidade midiática global como São Paulo.

3.4.23. Imigrantes constroem vida nova em São Paulo

Publicada em 18 de abril de 2014, a reportagem de fechamento do bloco editorial sobre imigrantes traz mini-perfis de estrangeiros que estão vivendo em São Paulo. Redigida por Thiago Borges, a matéria pertence à editoria Cultura e Identidade e é ilustrada com uma foto de uma festa boliviana no Memorial da América Latina. A legenda da imagem encontra-se no final do *lead* do texto.

Na matéria, Thiago conta quatro histórias que retratam etnias diferentes. Já retratado em uma das reportagens, Jony Alvarado é descrito como um boliviano que veio passar férias no Brasil e foi obrigado a ficar no país porque tinha gasto todo o seu dinheiro. Casado com uma pernambucana, Alvarado relata situações de preconceito e dificuldades legais na cidade, como é o caso da retirada de documentos. Alvarado chegou a pagar propina para regularizar a documentação no país. Nesse trecho, encontra-se um erro de ortografia. No lugar de percalços, o repórter redigiu “percauços”²²³. O segundo personagem a ser perfilado na série é Coddy, congolês que reside no Brasil há mais de sete anos. Ele enfrentou dificuldades para aprender a língua portuguesa e também nunca conseguiu validar o diploma de gestão de informática, conquistado em seu país natal.

A terceira perfilada é Patricia Rivarola, filha de uma paraguaia e um cearense. No intertítulo, destaca-se que Patricia sofre dupla discriminação por conta dos locais em que os pais dela nasceram. Em contrapartida, Rivarola é retratada como uma imigrante que “atua no fortalecimento das manifestações culturais”, já

²²³ Disponível em: <<http://periferiaemmovimento.com.br/imigrantes-constroem-vida-nova-em-sao-paulo/>>. Acesso em: 03 mar. 2015.

que ela é voluntária na ONG Misão Paz. Por último, retrata-se a peruana Melaine Dayana Chire Quintana, que ganhou um novo lar após passar por dificuldades em terras brasileiras. A peruana foi acolhida por um casal de descendentes de espanhóis. Todas as fontes utilizadas nessa matéria podem ser consideradas como primárias, independentes e testemunhas. Assim como os outros blocos editoriais, o destaque às histórias de vida foi possibilitado por meio de perfis relacionados ao tema. Os aspectos acerca de minorias e vitimização dão tom ao texto.

Com relação aos critérios substantivos de noticiabilidade, é possível identificar a proximidade geográfica, relevância, conflito e número potencial de pessoas envolvidas no acontecimento. Quanto aos valores-notícia de construção, destacam-se a simplificação, amplificação, personalização e dramatização. No tocante ao produto, as qualidades das histórias constituem o critério em destaque. Com exceção das *tags*, não há uso de recursos inerentes ao meio digital.

3.4.24. Pessoas com deficiência querem acessibilidade

O penúltimo bloco editorial de *À margem da margem* começou a ser veiculado em 26 de maio. Escrita por Aline Rodrigues, a matéria pertence à editoria Mobilidade e apresenta um panorama geral das dificuldades enfrentadas por deficientes na capital paulista. A imagem que ilustra a reportagem mostra a repórter ao lado de dois entrevistados cadeirantes. A foto tem legenda e reafirma uma das características do jornalismo de quebrada: o papel das vivências na construção dos materiais jornalísticos.

O *lead* caracteriza-se por uma descrição minuciosa dos obstáculos que os deficientes precisam superar para locomover-se em São Paulo. Em seguida, introduz-se dados sobre as pessoas com deficiência no Brasil. Nesse momento, utiliza-se como fonte de referência o IBGE.

Para ambientar a reportagem, Aline utiliza dois cenários e personagens diferentes. Daniel Simão Lequi mora em Diadema. Já David Villamayor Posada reside no Jabaquara. Fonte primária, independente e testemunha, Lequi relata que prefere usar o transporte coletivo (ônibus, metrô e trem) a aguardar pelo serviço do Atende, que é oferecido pela prefeitura especialmente para as pessoas com deficiência. Daniel observa ainda como pequenos detalhes do cotidiano, como mesas de bar no meio da calçada, atrapalham cadeirantes. Já Posada é

apresentado ao leitor como amigo de Daniel. Aline relata que os dois se conheceram em um evento especializado em tecnologias para reabilitação, inclusão e acessibilidade. Também considerado como fonte primária, independente e testemunha, Posada critica a mobilidade paulistana e propõe que os políticos deveriam ficar por quatro horas com um dos olhos vendados e em uma cadeira de rodas andando por ruas esburacadas.

Sem intertítulos, a matéria passa para uma segunda fase, na qual a repórter passa a falar sobre a Libras. Sem entrevistados para tratar diretamente sobre o assunto, Aline aposta em links da Folha de S.Paulo²²⁴ e do Estatuto da Pessoa com Deficiência para conduzir o leitor ao aprofundamento no tema. Na reportagem, Daniel e David são tratados como periferia da periferia da mobilidade, ou, simplesmente, minoria, mas não como vítimas ou heróis da história.

Notoriedade, proximidade geográfica, relevância, conflito e quantidade de pessoas envolvidas são critérios substantivos de noticiabilidade presentes na matéria. Observa-se ainda a simplificação, amplificação, relevância e consonância como critérios de construção da reportagem. Com relação ao produto, constata-se um material balanceado. Links e tags caracterizam o texto como adequado ao meio digital.

²²⁴ Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2014/05/1455894-na-paulista-piso-tatil-para-cegos-acaba-em-parede-e-oculta-metro.shtml>>. Acesso em: 20 nov. 2015.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em meio às portas giratórias dos Estudos Culturais, às interculturalidades presentes em uma cidade midiática global e às mediações tecnológicas na sociedade em rede, definir um modelo de jornalismo contra-hegemônico, não-massivo e que demonstre interesse pelos marginalizados implica em definir sem limitar ou pluralizar de forma demasiada. É necessário também não desprezar as complexidades em torno de um meio de comunicação, definidas por Martín-Barbero como mediações.

Nessa pesquisa, o modelo analisado em questão é o jornalismo de quebrada, termo proposto pelo coletivo de comunicação *Periferia em Movimento*. O estudo foi conduzido pela pergunta “Quais são as ferramentas jornalísticas utilizadas pelo *Periferia em Movimento* para construir representações das periferias paulistanas a partir de textos da série *À margem da margem?*”. Para concluir quais são as características do jornalismo de quebrada, consultou-se as seções fixas e editoriais do site do *Periferia em Movimento*, os textos da série *À margem da margem* e comparou-se tais conteúdos com os modelos comunicacionais alternativo, comunitário, popular, radical, participativo, cidadão e emancipatório.

Verificou-se que o jornalismo de quebrada é delineado pelas diretrizes: produções sobre, para e a partir das periferias; democratização da comunicação sobre as quebradas paulistanas; compartilhamento de conteúdo de midialivristas independentes; caráter contra-hegemônico; caráter participativo-cidadão; emancipação de quebradas; disputa de imaginários; incorporação de gírias; preocupação com a informação e formação do leitor; militância pela garantia dos direitos fundamentais; adaptação do conceito de periferia; e especificidade geográfico-espacial. Mais do que uma prática isenta, o jornalismo de quebrada constitui-se em um formato comunicacional simultaneamente combativo e emancipatório. Pode-se considerar ainda que o jornalismo de quebrada diversifica angulações em relação aos temas tratados pela mídia convencional. Financiamento de atividades e manutenção de equipes para projetos em grande escala são os principais desafios desse modelo comunicacional, conforme mostrou o presente estudo de caso.

Enumerar as características do jornalismo de quebrada, a partir de estudos bibliográficos sobre a comunicação contra-hegemônica, resultou na refutação da hipótese de que a prática jornalística do *Periferia em Movimento* aproximava-se da comunicação comunitária. Considerado como um hibridismo, o jornalismo de quebrada reúne características da comunicação alternativa, popular, comunitária, radical, participativa, cidadã e emancipatória, com predomínio de características dos modelos de jornalismo emancipatório e de jornalismo popular alternativo. Com relação às correntes de comunicação contra-hegemônica, verifica-se que o jornalismo de quebrada encontra-se dentro da comunicação popular, alternativa e comunitária proposta por Cicilia Peruzzo. Observou-se ainda que a comunicação comunitária é insuficiente para descrever as produções do *Periferia em Movimento*, tendo em vista que, em uma mesma periferia, há várias comunidades étnicas, de ideias e de sentidos.

A própria série *À margem da margem* refuta a ideia de que o jornalismo de quebrada pode ser definido pelo termo comunitário. Ao falar-se sobre periferias das periferias em uma cidade midiática global como São Paulo, pressupõe-se a existência de identidades e interesses. Com exceção do conflito ético entre produção de conteúdo e assessoria de comunicação no coletivo, não se constata tentativas de ajuste ao sistema capitalista por parte do *Periferia em Movimento*. Aliás, na série *À margem da margem*, as primeiras matérias são dedicadas a oposições explícitas ao capitalismo.

A partir da pesquisa bibliográfica, considera-se que o modelo de mapa noturno de Martín-Barbero, adaptado por Escosteguy e Fillipi para o estudo do jornalismo, seja o mais completo para uma análise das mediações sociocomunicativas da cultura.

Essa pesquisa, entretanto, não contemplou todos os eixos históricos e sincrônicos para a compreensão global dos processos de comunicação presentes no jornalismo de quebrada. Diante do tempo disponível para a realização do trabalho, focou-se na produção do jornalismo de quebrada, com descrições e análises acerca de jornalistas, coletivo e fontes utilizadas. Verificou-se ainda a interação das técnicas e gêneros em textos do *Periferia em Movimento*, tanto os pertencentes à série como outras produções-chave para compor o estudo, tais como o manifesto e a história do coletivo. A investigação sobre textos jornalísticos esteve presente no trabalho por meio da análise crítica de discurso de matérias da

série *À margem da margem*. Já as socialidades no meio paulistano, espaço geográfico no qual o jornalismo de quebrada ocorre, foram verificadas com o auxílio de conceitos advindos das Geografias da Comunicação e da Sociedade em Rede. A pesquisa não contemplou diretamente as mediações de institucionalidades, ritualidades, recepções e matrizes culturais.

Neste trabalho, falou-se também sobre uma região - o jornalismo de quebrada - no mapa composto pelas latitudes dos Estudos Culturais e longitudes das Geografias da Comunicação em meio à sociedade em rede. Nesse sentido, dicotomias como cultura/ ideologia, centro/ periferia, global/ local, espaço geográfico/ identidade e os hibridismos entre os três modelos teóricos foram apresentados ao leitor. O próprio termo “jornalismo de quebrada” pode ser considerado como um exemplo de hibridismo. Trata-se de lugares designados por uma gíria regional paulistana, os quais tem especificidades geográfico-espaciais peculiares (Geografias da Comunicação). O modelo pressupõe ainda a publicação de textos no meio digital, essencialmente.

O mapa composto por Estudos Culturais, Geografias da Comunicação e Sociedade em Rede possui aparentes contradições que merecem ser estudadas. Pode ser um contrassenso falar, por exemplo, que a tecnologia não é a grande mediadora entre povos, culturas e o mundo e analisar um veículo de comunicação cuja plataforma engloba novas tecnologias da informação e da comunicação. Para manter a complexidade que envolve o processo comunicacional como um todo, tais análises podem seguir as coordenadas do mapa noturno de Martín-Barbero.

Por meio dos temas da série *À margem da margem*, já é possível encontrar pistas acerca das representações construídas a partir do discurso do *Periferia em Movimento*. De modo global, o projeto priorizou os temas imigração (5 textos), religião (5), drogas (4 textos), pessoas com deficiência (4), identidade periférica (3 textos), terceira idade (3), índios (3), movimento LGBT (3) e definição de periferia (2). Outra característica geral da série é a distribuição geográfica abrangente das reportagens. Ao longo dos 32 textos, citou-se 63 lugares diferentes. Os mais citados foram: Grajaú (quatro menções), Cidade Tiradentes (3), Itaquera (3) e Glicério (3). Nesse aspecto, constata-se o papel das vivências no jornalismo de quebrada, tendo em vista que o distrito no qual um dos fundadores do coletivo reside - o Grajaú - é o mais presente na série.

A editoria com maior número de textos na série *À margem da margem* foi Cultura e Identidade, com nove matérias. O dado demonstra a preocupação do coletivo em representar as margens das margens paulistanas por meio de aspectos identitários, contribuindo, desse modo, para emancipar as quebradas e disputar imaginários. Falar sobre vida nas cracolândias, favelas habitadas por índios, redigir perfis de transexuais e descrever a vida de imigrantes periféricos são alguns dos exemplos do caráter contra-hegemônico do jornalismo de quebrada aplicado na série *À margem da margem*. A segunda editoria mais retratada na série foi “Contra o Genocídio”, com seis reportagens. Em terceiro lugar, houve a presença de quatro textos pertencentes à editoria Gênero e Sexualidade. Os números demonstram a preocupação com a informação e formação do leitor, além da militância pela garantia dos direitos fundamentais. Em quarto lugar, as editorias Terceira Idade e Resistência Indígena empataram, com três reportagens em cada uma. Nesse caso, os textos foram consecutivos, formando blocos editoriais. Foram publicados ainda dois textos sobre Mobilidade, dois sobre Moradia, dois sobre Trabalho e Renda, além de uma reportagem sobre Educação. Observa-se ainda o uso de diferentes formatos de textos para construir representações sobre as periferias: o gênero predominante foi a reportagem, com espaço para perfis e/ou mini-perfis em cada bloco editorial. Os temas “identidade periférica”, “pessoas com deficiência” e “religião” foram contemplados por artigos. Outros formatos, como entrevistas pingue-pongue, foram usados ao longo da série.

O jornalismo de quebrada praticado em *À margem da margem* tem como ferramentas jornalísticas específicas o uso de fontes primárias, independentes e testemunhas, o que confirma a hipótese levantada no início do estudo. De modo geral, percebe-se que os critérios de noticiabilidade utilizados na série são os mesmos presentes nas teorias de Nelson Traquina e Mauro Wolf. Nesse sentido, vale ressaltar que, na maioria das reportagens analisadas, o uso de recursos inerentes ao meio digital não é explorado pelo coletivo. Na perspectiva da comunicação popular, alternativa e comunitária, pode-se reafirmar a crítica de que a internet possibilita que projetos nessa área tenham intercâmbios regionais, nacionais e internacionais. Por outro lado, o tecno-apartheid pode impedir que o público-alvo de publicações populares, alternativas e comunitárias receba tais mensagens.

À *margin da margem* é uma obra inacabada. Durante a entrevista por telefone concedida para compor essa pesquisa, Thiago Borges confessou que o coletivo ainda não sabe qual direcionamento dar ao projeto. Além de assumir que retratar as periferias das periferias não muda a condição de tais lugares, o jornalista destacou o aprendizado que a proposta trouxe ao grupo:

Ajudou muito a gente perceber também que a gente não consegue dar conta de tudo, de todos os assuntos e a gente nem tem que dar conta, sabe? A gente tem que lutar pra que tenham mais veículos alternativos pra que exista uma mídia mais plural, que tenha mais representatividade. É o que a gente fala: as periferias são muitas e são muitos aspectos que definem o que é periferia e um desses aspectos é inclusive a representação midiática. Esses grupos estão totalmente sub-representados. Você não tem uma TV indígena. Você não tem um Jornal Nacional apresentado por uma travesti. Por que você não tem? Por que você não pode ter? Qual é o resultado de não se ter isso? O resultado é que as travestis vivem 40 anos a menos em média do que o restante da população em geral. A realidade é que o Brasil tem o maior índice de suicídios se a gente for considerar só a população indígena, é isso que acontece, é isso que acarreta. É bom a gente perceber. Às vezes, a gente fica meio aflito porque a gente quer fazer, sabe que isso tem importância. Tem importância, mas enfim, a gente não dá conta.

Assim como a série analisada, este trabalho também tem perspectivas de continuação. Ainda há um mapa-mundi a ser traçado. Por conta disso, pretende-se aprofundar as relações e contradições entre as três teorias no âmbito da comunicação popular, alternativa e comunitária em pesquisas posteriores. Faz-se necessário aprofundar os encontros entre as três teorias e analisar novos formatos de comunicação popular, alternativa e comunitária para localizar e descrever novos espaços nesse mapa.

Pode-se abrir espaço ainda para novas práticas dentro dessa área, como é o caso da educomunicação, citada no capítulo 2 deste trabalho. Os próprios autores dos Estudos Culturais já dedicam pesquisas e ensaios à junção entre comunicação e educação, a qual está diretamente relacionada com as propostas do jornalismo de quebrada. O caráter emancipador, a formação e informação, a disputa por imaginários e a militância pelos direitos fundamentais são exemplos de correspondências entre jornalismo de quebrada e educomunicação. As interlocuções entre educomunicação e jornalismo de quebrada com base em um referencial teórico composto por Estudos Culturais, Geografias da Comunicação e Sociedade em Rede no projeto *Repórter da Quebrada*, também do *Periferia em Movimento*, é um exemplo de tema a ser investigado.

Outra possibilidade de pesquisa a partir da tríade Estudos Culturais-Geografias da Comunicação-Sociedade em Rede é averiguar o uso do geojornalismo em comunicações feitas sobre, para e a partir das periferias. Em um caráter mais antropológico, é válido investigar também a origem das fontes consultadas em materiais de comunicação popular, alternativa e comunitária. É possível focar ainda a construção de uma teoria da notícia contra-hegemônica. A partir do empirismo, percebe-se que os usuários de redes sociais digitais cada vez mais questionam os veículos massivos em relação à pergunta central do *newsmaking*: o que é notícia? Nas páginas de perfis de jornalismo contra-hegemônico, não se percebe, *a priori*, o mesmo volume de indagações. Esses e outros caminhos podem delinear novos traços para o mapa esboçado nesse trabalho.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Livros:

BARBALHO, Alexandre; PAIVA, Raquel (orgs). **Comunicação e cultura das minorias**. São Paulo: Paulus, 2005.

BARROS, Antonio; DUARTE, Jorge (orgs.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

CHAPARRO, Manuel Carlos. **Jornalismo: linguagem dos conflitos**. São Paulo: Ed. do Autor, 2014.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. 7.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003. (Vol. 1: Economia, sociedade e cultura)

_____. **Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet**. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

_____. **O poder da identidade**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

COHEN, Ilka Stern. Diversificação e segmentação dos impressos IN LUCA, Tania Regina de; MARTINS, Ana Luiza (orgs.). **História da Imprensa no Brasil**. São Paulo: Editora Contexto, 2008.

DALBERIO, Maria Célia Borges; DALBERIO, Osvaldo. **Metodologia científica: desafios e caminhos**. São Paulo: Paulus, 2009.

DOWNING, John. **Mídia Radical: rebeldia nas comunicações e movimentos sociais**. São Paulo: Editora SENAC, 2002.

FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e mudança social**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.

FORD, Tamara Villareal; GIL, Géneve. **Internet Radical** IN DOWNING, John. **Mídia Radical: rebeldia nas comunicações e movimentos sociais**. São Paulo: Editora SENAC, 2002.

FERREIRA, Jerusa Pires. **Cultura das bordas: Edição, Comunicação, Leitura**. Cotia: Ateliê Editorial, 2010.

FUSER, Bruno (org.). **Comunicação para a cidadania: caminhos e impasses**. Rio de Janeiro: E-papers, 2008.

GARCÍA-CANCLINI, Nestor. **A globalização imaginada**. São Paulo: Iluminuras, 2003.

_____. **Diferentes, desiguais e desconectados: mapas da interculturalidade**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2005.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2009.

_____. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

HALL, Stuart. **Da Diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: UFMG, 2008.

HELLER, Agnes. **O cotidiano e a história**. 8. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

LAGE, Nilson. **A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística**. 8.ed. Rio de Janeiro : Record, 2009.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2003.

_____. **Ofício de cartógrafo: Travessias latino-americanas da comunicação na cultura**. São Paulo: Loyola, 2004.

MARTINO, Luís Mauro Sá. **Teoria da comunicação: ideias, conceitos e métodos**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

MIRANDA, Lívia Izabel Bezerra de. **Planejamento em áreas de transição rural-urbana**. R . B . Estudos Urbanos e Regionais, v. 11 , n. 1, maio/ 2009.

MOHERDUAL, Luciana. **Guia de estilo Web: produção e edição de notícias on-line**. 3. ed. rev. e ampliada. São Paulo: Senac, 2007.

ORTIZ, Renato. **A moderna tradição brasileira: cultura brasileira e indústria cultural**. 5. ed. São Paulo: Brasiliense, 2006.

PENA, Felipe. **Teoria do Jornalismo**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2008.

PERUZZO, Cicilia Maria Krohling. **Comunicação nos movimentos populares: a participação na construção da cidadania**. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. 18. ed. Rio de Janeiro: Record, 2009.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do Trabalho Científico**. 23. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

SODRÉ, Muniz. **Por um conceito de minoria** IN BARBALHO, Alexandre; PAIVA, Raquel (orgs.). **Comunicação e cultura das minorias**. São Paulo: Paulus, 2005.

SOUSA, Jorge Pedro. **As notícias e seus efeitos**. Coimbra: MineiraCoimbra, 2000.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo**: a tribo jornalística – uma comunidade interpretativa transnacional. 2. ed. Florianópolis: Insular, 2008.

WOLF, Mauro. **Teorias das comunicações de massa**. 6. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2012.

YAMAMOTO, Eduardo Yuji. **A natureza da comunicação popular e comunitária** IN FUSER, Bruno (org.). Comunicação para a cidadania: caminhos e impasses. Rio de Janeiro: E-papers, 2008.

Webgrafia:

ALMEIDA, Magali da Silva. Desumanização da população negra: genocídio como princípio tácito do capitalismo. Revista Em Pauta, n.34, 2014. Disponível em: <<http://www.e-publicacoes.uerj.br/ojs/index.php/revistaempauta/article/view/15086/11437>>. Acesso em: 04 nov. 2015.

AZEVEDO, Francisco Fransualdo de; LOCATEL, Celso Donizete. **Espaço, tecnologia e globalização**. 2 ed. Natal: EDUFERN, 2011. Disponível em: <http://sedis.ufrn.br/bibliotecadigital/site/pdf/geografia/Esp_Tec_Livro_WEB.pdf>. Acesso em: 07 nov. 2015.

AZEVEDO, Sara Dionizia Rodrigues de. Formação discursiva e discurso em Michel Foucault. Disponível em: <<https://www.marilia.unesp.br/Home/RevistasEletronicas/FILOGENESE/saraazevedo.pdf>>. Acesso em: 07 set. 2015.

BENETTI, Márcia. **Jornalismo e perspectivas de enunciação**: uma abordagem metodológica. Revista Intexto, Porto Alegre, v.1, n.14, p.1-11, jan/jul 2006. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10183/26572>>. Acesso em: 17 abr. 2015.

BIRMAN, Patrícia. **Favela é comunidade?** *apud* FREIRE, Leticia de Luna. **Favela, bairro ou comunidade?** Quando uma política urbana se torna uma política de significados. Revista Dialogias, Rio de Janeiro, v.1, n.2, p.95-114, out/nov/dez 2008. Disponível em: <<http://revistadil.dominiotemporario.com/doc/Dilemas2Art4.pdf>>. Acesso em: 09 mar. 2015.

BRAGA, Rhalf Magalhães. O espaço geográfico: um esforço de definição. **GEOUSP - Espaço e Tempo**, São Paulo, Nº 22, pp. 65 - 72, 2007.

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Aglomerados Subnormais**: Informações territoriais. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/imprensa/ppts/00000015164811202013480105748802.pdf>>. Acesso em: 10 mar. 2015.

CAIRES, João Vitor. **Conexão na Periferia**. São Paulo, 27 fev. 2013. Disponível em: <<http://saopaulo.impacthub.com.br/2013/02/27/conexao-na-periferia/>>. Acesso em: 10 fev. 2015.

CASSOL, Daniel Barbosa. **Brasil de Fato**: A imprensa popular alternativa em tempos de crise. Dissertação (mestrado). Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos). Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, São Leopoldo, Rio Grande do Sul, 2010. Disponível em: <<http://biblioteca.asav.org.br/vinculos/tede/DanielCassolComunicacao.pdf>>. Acesso em: 09 nov. 2015.

CASTELLS, Manuel. **Sociedade em Rede**: do conhecimento à política. IN CASTELLS, Manuel; CARDOSO, Gustavo. Disponível em: <http://www.cies.iscte.pt/destaques/documents/Sociedade_em_Redde_CC.pdf>. Acesso em: 24 set. 2015.

CLARKE, Margaret Anne. **Brazil's One Million Life Stories of Youth Movement**: Constructing a Pedagogy for Social Mobilisation. Disponível em: <http://www.academia.edu/1678134/Brazils_One_Million_Life_Stories_of_Youth_Movement_Constructing_a_Pedagogy_for_Social_Mobilisation>. Acesso em: 30 set. 2014.

DALMONTE, Edson Fernando. **Estudos culturais em comunicação**: da tradição britânica à contribuição latino-americana. *Idade Mídia*, São Paulo, ano I, n.2, nov/2002.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina; FELLIPI, Ângela. Jornalismo e estudos culturais: a contribuição de Jesús Martín-Barbero. **Revista Rumores**, São Paulo, n.14, vol. 7, jul-dez 2013. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/Rumores/article/view/69427/72007>>. Acesso em: 19 ago. 2015.

Facebook do Coletivo de Comunicação Periferia em Movimento. Disponível em: <<https://www.facebook.com/PeriferiaemMovimento?fref=ts>>. Acesso em: 10. out. 2014.

FARIA, Daiana Oliveira ; ROMÃO, Lucília Maria Sousa . **Análise do Discurso francesa**: revisitación epistemológica e questões centrais. *Linguagem* (São Paulo), v. 18, p. 1-12, 2012. Disponível em: <<http://www.letras.ufscar.br/linguagem/edicao18/ensaios/001.pdf>>. Acesso em: 23 abr. 2015.

FIORUCCI, Rodolfo. A nova geração do jornalismo crítico: mídia alternativa. **Revista Diálogos**, v. 15, n. 2, Maringá, maio / agosto 2011. Disponível em www.redalyc.org/pdf/3055/305526548005.pdf. Acesso em: 17 ago. 2015.

FLORES, Teresa Mendes. **Agir com palavras**: a teoria dos actos de linguagem de John Austin. Lisboa, 1994. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/flores-teresa-agir-com-palavras.pdf>>. Acesso em: 25 mai.2015.

FONSECA, Virginia; LINDEMAN, Cristiane. Webjornalismo participativo: repensando algumas questões técnicas e práticas. **Revista FAMECOS**, Porto Alegre, nº 34, dezembro de 2007. Disponível em: <

<http://200.144.189.42/ojs/index.php/famecos/article/viewFile/4589/4308>>. Acesso em: 24 out. 2015.

FREIRE, Letícia de Luna. **Favela, bairro ou comunidade?** Quando uma política urbana se torna uma política de significados. Revista Dialogias, Rio de Janeiro, v.1, n.2, p.95-114, out/nov/dez 2008. Disponível em: <<http://revistadil.dominiotemporario.com/doc/Dilemas2Art4.pdf>>. Acesso em: 09 mar. 2015.

Fomentos. **Secretaria Municipal de Cultura do Município de São Paulo.** São Paulo. Disponível em: <<http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/cultura/fomentos/>>. Acesso em: 10 fev. 2015.

GIRARD, Eduardo Paulon. **Atlas da Questão Agrária Brasileira.** 2008. Disponível em: < http://www2.fct.unesp.br/nera/atlas/espaco_territorio.htm>.

HAUBRICH, Alexandre Freitas. **Reflexões e caracterizações sobre mídias alternativas.** Disponível em: <<http://portalintercom.org.br/anais/nacional2015/resumos/R10-3951-1.pdf>> . Acesso em: 10 set. 2015.

LARUCCIA, Mauro Maia; NASCIMENTO, Jarbas Vargas do; PAULON, Andréa. **Análise do discurso:** Fundamentos Teórico-Methodológicos. Revista Diálogos Interdisciplinares, Mogi das Cruzes, v.3, p.25-45, 2014. Disponível em: <<http://www3.brazcubas.br/ojs2/index.php/dialogos/article/view/42>>. Acesso em: 24 mai. 2015.

LIMA JUNIOR, Walter Teixeira. **Mídias sociais conectadas e jornalismo participativo** IN MARQUES, Ângela; COSTA, Caio Túlio; COELHO, Cláudio Novaes Pinto; et. al.. Esfera pública, Redes e Jornalismo. Rio de Janeiro: E-papers, 2009.

MAFEI, Maristela. **Assessoria de imprensa:** Como se relacionar com a mídia. Disponível em: < <http://www.acmcomunicacao.com.br/wp-content/midias/Assessoria-de-Imprensa-Como-se-relacionar-com-a-Midia-Maristela-Mafei.pdf>>. Acesso em: 22 out. 2015.

MARCONDES FILHO, Ciro. **Martín-Barbero, Canclini, Orozco:** os impasses de uma teoria da comunicação latino-americana. FAMECOS, Porto Alegre, v. 35, n.1, p.69-85, abril 2008. Disponível em: <http://www.producao.usp.br/bitstream/handle/BDPI/32416/art_MARCONDES_Martin_2008.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 07 out. 2014.

MARICATO, Ermínia. **Informalidade urbana no Brasil:** a lógica da cidade fraturada IN WANDERLEY, Luiz Eduardo; RAICHELIS, Raquel (orgs). A cidade de São Paulo: relações internacionais e gestão pública. São Paulo: EDUC, 2009. Disponível em: <<http://erminiamaricato.files.wordpress.com/2012/09/a-cidade-de-sc3a3o->

paulo_relac3a7c3b5es-internacionais-e-gestc3a3o-pc3bablica.pdf>. Acesso em: 17 mar. 2015.

MARINO, Aluizio. **Coletivos culturais na cidade de São Paulo**: “ação cultural como ação política”. Disponível em: <<http://200.144.182.130/celacc/sites/default/files/media/tcc/640-1790-1-PB.pdf>>. Acesso em: 24 out. 2015.

MINIUCI, Geraldo. O genocídio e o crime do genocídio. **Revista Brasileira de Ciências Criminais**; RBCrim; 83; mar.-abr./2010

MELO, Iran Ferreira de. **Análise do discurso e Análise Crítica do Discurso: desdobramentos e intersecções**. Disponível em: <<http://www.lettramagna.com/adeacd.pdf>>. Acesso em: 15. Mai. 2015.

MOREIRA, Sonia Virgínia (org.). **Geografias da Comunicação**: espaço de observação de mídias e de culturas. São Paulo: INTERCOM, 2012. (Coleção Grupos de Pesquisa, Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares de Comunicação; v3). Disponível em: <http://www.geografias.net.br/pdf/livros/colecao_gps_3.pdf>. Acesso em: 03 ago. 2015.

MOREIRA, Sonia Virgínia. **Por que Geografias, no plural, para Comunicação?** IN MOREIRA, Sonia Virgínia (org.). **Geografias da Comunicação**: espaço de observação de mídias e de culturas. São Paulo: INTERCOM, 2012. (Coleção Grupos de Pesquisa, Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares de Comunicação; v3). Disponível em: <http://www.geografias.net.br/pdf/livros/colecao_gps_3.pdf>. Acesso em: 03 ago. 2015.

OLIVEIRA, Dennis de. **Jornalismo e ação cultural pela emancipação**: uma práxis jornalística nos conceitos de Paulo Freire. Disponível em: <http://www.academia.edu/11511782/OLIVEIRA_Dennis_de_-_Jornalismo_e_a%C3%A7%C3%A3o_cultural_pela_emancipa%C3%A7%C3%A3o>. Acesso em: 10 out. 2015.

O que é periferia? Entrevista para a edição de junho da Revista Continuum /Itaú Cultural. Disponível em: <<https://raquelrolnik.wordpress.com/2010/06/14/o-que-e-periferia-entrevista-para-a-edicao-de-junho-da-revista-continuum-itaucultural/>>. Acesso em: 10 out. 2015.

PEREIRA, Alexandre Barbosa. **Os riscos da juventude**. Revista Brasileira Adolescência e Conflitualidade, n.3, p.36-50, 2010. Disponível em: <<http://pgsskroton.com.br/seer/index.php/adolescencia/article/download/221/208>>. Acesso em: 15 set. 2015.

PERUZZO, Cicilia M. Krohling. **Aproximações entre a comunicação popular e comunitária e a imprensa alternativa no Brasil na era do ciberespaço**. Revista Galáxia, São Paulo, n. 17, p. 131-146, jun. 2009. Disponível em:

<<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2008/resumos/R3-0716-1.pdf>>. Acesso em: 10 fev. 2015.

PERUZZO, Círcia Maria Krohling. **Conceitos de comunicação popular, alternativa e comunitária e as reelaborações no setor**. ECO-Pós, v.12, n.2, maio-ago 2009, p.46-61. Disponível em: <http://revistas.ufrj.br/index.php/eco_pos/article/view/947>. Acesso em: 28 mar. 2015.

População Recenseada, Taxas de Crescimento Populacional e Densidade

Demográfica. Município de São Paulo, Subprefeituras e Distritos Municipais: 1980, 1991, 2000 e 2010

<http://infocidade.prefeitura.sp.gov.br/htmls/7_populacao_recenseadatas_de_crescimento_1980_701.html>. Acesso em: 11 nov. 2014.

SÃO PAULO. Lei nº 13.540, de 24 de março de 2003. Institui o Programa para a Valorização de Iniciativas Culturais - VAI - no âmbito da Secretaria Municipal de Cultura e dá outras providências. **Diário Oficial da Cidade de São Paulo**. São Paulo, SP, 25 mar. 2003. Disponível em:

<http://www3.prefeitura.sp.gov.br/cadlem/secretarias/negocios_juridicos/cadlem/integra.asp?alt=25032003L%20135400000>. Acesso em: 10 fev. 2015.

SÃO PAULO. Lei nº 15.897, de 8 de novembro de 2013. Altera a Lei nº 13.540, de 24 de março de 2003, que criou o Programa para Valorização de Iniciativas Culturais - VAI, instituindo duas modalidades de apoio às atividades artístico-culturais, no âmbito da Secretaria Municipal de Cultura. **Diário Oficial da Cidade de São Paulo**. São Paulo, SP, 9 nov. 2013. Disponível em:

<http://www3.prefeitura.sp.gov.br/cadlem/secretarias/negocios_juridicos/cadlem/integra.asp?alt=09112013L%20158970000>. Acesso em: 10 fev. 2015.

SCHMITZ, Aldo Antonio. **Fontes de notícias: ações estratégicas das fontes empresariais nas relações com jornalistas de economia e negócios**. 2010. 152 f. Dissertação (Mestrado em Jornalismo). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2010. Disponível em: <

<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/94477/284618.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 09 set. 2015.

SILVA, Gerardo. **ReFavela** (notas sobre a definição de favela). Lugar Comum, Rio de Janeiro, n.39, p.37-43. Disponível em: <http://uninomade.net/wp-content/files_mf/110906130223ReFavela%20notas%20sobre%20a%20defini%C3%A7%C3%A3o%20de%20favela%20-%20Gerardo%20Silva.pdf>. Acesso em: 10 mar. 2015.

SILVA, Elizabeth Pessanha. **Periferia da Metrópole Fluminense**: Reflexões a partir do município de Duque de Caxias. XXIII Simpósio Nacional de Geografia Urbana, UERJ, 2013. Disponível em: < <http://www.simpurb2013.com.br/wp-content/uploads/2013/11/GT-02-1558.pdf>>. Acesso em: 23 out. 2015.

SILVA, Jaíson de Souza (org). **O que é favela, afinal?** Rio de Janeiro: Observatório de Favelas do Rio de Janeiro, 2009. Disponível em: <<http://observatoriodefavelas.org.br/acervo/o-que-e-a-favela-afinal-2/>>. Acesso em: 10 mar. 2015.

SILVA, Maurício. O que é Educomunicação? 23 nov. 2011. Disponível em: <<https://educomusp.wordpress.com/2011/11/23/o-que-e-educomunicacao/>>. Acesso em: 22 out. 2015.

SILVA, Paulo Celso da. Análise da produção intelectual do Dr. Milton Santos e sua relação com a Comunicação IN MOREIRA, Sonia Virgínia (org.). **Geografias da Comunicação**: espaço de observação de mídias e de culturas. São Paulo: INTERCOM, 2012. (Coleção Grupos de Pesquisa, Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares de Comunicação; v3). Disponível em: <http://www.geografias.net.br/pdf/livros/colecao_gps_3.pdf>. Acesso em: 03 ago. 2015.

TARGINO, Maria das Graças. **Jornalismo cidadão**: informa ou deforma? UNESCO, 2009. Disponível em: <<http://livroaberto.ibict.br/bitstream/1/792/1/Jornalismo%20cidad%C3%A3o.pdf>>. Acesso em: 10 out. 2015.

TAVARES, Hugo Moura. Raymond Williams: pensador da cultura. **Revista Ágora**, Vitória, n.8, 2008, p.1 -27.

VAI. **Secretaria Municipal de Cultura do Município de São Paulo**. São Paulo. Disponível em: <<http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/cultura/fomentos/index.php?p=7276>>. Acesso em: 10 fev. 2015.

MOREIRA, Sonia Virgínia (org.). **Geografias da Comunicação**: espaço de observação de mídias e de culturas. São Paulo: INTERCOM, 2012. (Coleção Grupos de Pesquisa, Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares de Comunicação; v3). Disponível em: <http://www.geografias.net.br/pdf/livros/colecao_gps_3.pdf>. Acesso em: 03 ago. 2015.

WALSH, Bianca. **A Noção De Discurso Na Ad Peuceutiana e Na Acd De Fairclough e Implicações Nos Diferentes Modos de Análise**. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufgd.edu.br/index.php/Raido/article/view/521>>. Acesso em: 20 abr. 2015.

WOITOWICZ, Karina Janz (org.) **Recortes da mídia alternativa**: histórias e memórias da comunicação no Brasil. Ponta Grossa: Ed. UEPG, 2009. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=Q8eZRWbJTDkC&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false>. Acesso em: 13 mai. 2015.